

ELEITO O MELHOR LIVRO PARA ADOLESCENTES
MEDALHA NEWBERY HONOR



BONECA DE OSSOS

~ HOLLY BLACK ~
AUTORA BEST-SELLER #1 DO *THE NEW YORK TIMES*

#irado



Sumário

[Capa](#)

[Sumário](#)

[Folha de Rosto](#)

[Folha de Créditos](#)

[Dedicatória](#)

[Um](#)

[Dois](#)

[Três](#)

[Quatro](#)

[Cinco](#)

[Seis](#)

[Sete](#)

[Oito](#)

[Nove](#)

[Dez](#)

[Onze](#)

[Doze](#)

[Treze](#)

[Quatorze](#)

[Quinze](#)

[Dezesseis](#)

[Agradecimentos](#)

[Notas](#)



Boneca de OSSOS

Holly Black

ilustrações de Eliza Wheeler

Tradução
Bárbara Menezes

#irado

Título original: Doll Bones
Copyright © 2013 by Holly Black
Publicado originalmente nos Estados Unidos e sob acordo com Barry Goldbart Literary LLC e Sandra Bruna Agencia Literaria S.L.
Copyright © 2014 Editora Novo Conceito
Todos os direitos reservados.

Nenhuma parte desta publicação poderá ser reproduzida ou transmitida de qualquer modo ou por qualquer meio, eletrônico ou mecânico, incluindo fotocópia, ou qualquer outro tipo de sistema de armazenamento e transmissão de informação sem autorização por escrito da Editora.

Versão digital — 2014

Produção editorial:
Equipe Novo Conceito

Este livro segue as regras da Nova Ortografia da Língua Portuguesa.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Black, Holly
Boneca de ossos / Holly Black ; [Bárbara Menezes]. -- Ribeirão Preto, SP : Novo Conceito Editora, 2014.

Título original: Doll bones.
ISBN 978-85-8163-497-5

1. Ficção juvenil I. Título.

14-00259 | CDD-028.5

Índices para catálogo sistemático:
1. Ficção : Literatura juvenil 028.5



Rua Dr. Hugo Fortes, 1885 – Parque Industrial Lagoinha

14095-260 – Ribeirão Preto – SP

www.grupoeditorialnovoconceito.com.br



Para Katherine Rudden, que
brincou comigo mesmo muito
depois de sermos velhas o
bastante para parar.



capítulo

Um

Poppy apoiou uma das bonecas de sereia perto do trecho de asfalto da rua que representava o Mar Mais Negro. Elas eram velhas — compradas em uma loja de caridade da Goodwill —, com cabeças grandes e brilhantes, caudas de cores diferentes e cabelos arrepiados.

Zachary Barlow quase podia imaginar suas barbatanas chicoteando para a frente e para trás enquanto esperavam o barco se aproximar, com seus bobos sorrisos artificiais escondendo suas intenções letais. Elas iriam fazer o barco bater contra o fundo do mar na parte rasa, atrair a tripulação para a água e comer os piratas com seus dentes pontiagudos.

Zachary vasculhou a sacola em que guardava os bonecos. Puxou o pirata de duas espadas e o colocou com cuidado no centro do barco de papel, o qual haviam enchido de pedregulhos da entrada de casa para fazer peso. Sem os pedregulhos, o *Pérola de Netuno* provavelmente seria soprado pelo vento de início do outono. Ele mal podia acreditar que não estava no gramado irregular em frente à casa em ruínas de Poppy, com seu revestimento solto, mas sim a bordo de um navio de verdade, com borrifadas de sal ardendo em seu rosto, a caminho de sua aventura.

— Vamos ter que nos amarrar ao mastro — Zach disse, na voz de William, a Lâmina, o capitão do *Pérola de Netuno*. Zach tinha uma maneira diferente de falar para cada um dos bonecos. Ele não estava certo se as outras pessoas podiam diferenciar as vozes, mas ele se sentia diferente quando as reproduzia.

As tranças de Alice caíam diante de seus olhos cor de âmbar enquanto ela movia a boneca Lady Jaye, dos Comandos em Ação, aproximando-a do centro do barco. Lady Jaye era uma ladra que passara a viajar com William, a Lâmina, depois de não ter conseguido bater a carteira dele. Ela era barulhenta e se comportava mal, não se parecia quase nada com Alice, que ficava irritada com o controle superprotetor da avó, mas fazia isso em silêncio.

— Você acha que os guardas do Duque estarão nos esperando na Cachoeira Dourada? — Alice fez com que Lady Jaye perguntasse.

— Ele pode nos pegar — disse Zach, arreganhando um sorriso para ela. — Mas nunca vai nos pegar. Nada vai. Estamos em uma missão para a Grande Rainha, e nada vai nos deter. — Ele não tinha planejado dizer aquelas palavras até elas saírem de sua boca, mas pareciam ser a coisa certa a dizer. Pareciam representar os verdadeiros pensamentos de William.

Por isso Zach adorava brincar: aqueles momentos em que ele parecia acessar outro mundo, que parecia mais real que qualquer coisa. Aquilo era algo de que ele não queria abrir mão jamais. Zach preferia continuar brincando daquele jeito para sempre, não importava que já estivessem grandes, embora não achasse que aquilo seria possível. Já era difícil algumas vezes.

Poppy prendeu mechas do cabelo ruivo soprado pelo vento atrás das orelhas e direcionou o olhar para Zach e Alice, de modo muito sério. Ela era pequena e brava, tinha tantas sardas que Zach se lembrava das estrelas à noite. Poppy gostava, mais do que tudo, de estar no controle da história e tinha talento para fazer um momento dramático. Por isso ela se saía melhor como vilã nas brincadeiras.

— Vocês podem amarrar os nós para se proteger, mas nenhum barco pode passar por estas águas a menos que um sacrifício seja feito para as profundezas — Poppy fez uma das sereias dizer. — Por vontade própria ou não. Se alguém da sua tripulação não pular no mar, o próprio mar escolherá o seu sacrifício. Essa é a maldição das sereias.

Alice e Zach trocaram um olhar. Será que as sereias estavam dizendo a verdade? Poppy nem poderia criar regras assim, regras com as quais ninguém tinha concordado... Mas Zach só reclamava quando não gostava delas. Uma maldição parecia ser algo divertido.

— Nós todos vamos afundar juntos antes de perdermos um único membro desta tripulação — fingindo gritar na voz de William. — Estamos em uma missão para a Grande Rainha, e tememos muito mais a maldição dela do que a sua.

— Mas, neste momento — disse Poppy em tom sinistro, levando uma das sereias para a borda do barco —, dedos com membranas agarram o tornozelo de Lady Jaye, e a sereia a puxa para fora do barco. Ela se foi.

— Você não pode fazer isso! — reclamou Alice. — Eu estava amarrada ao mastro.

— Você não especificou isso — Poppy lhe disse. — William sugeriu, mas você não falou se tinha se amarrado ou não.

Alice resmungou, como se Poppy estivesse sendo especialmente irritante. E ela meio que estava sendo mesmo.

— Bem, Lady Jaye estava no *meio do barco*. Mesmo que ela não estivesse amarrada, uma sereia não a alcançaria sem entrar no navio rastejando.

— Se Lady Jaye for puxada do barco, vou atrás dela — Zach declarou, mergulhando William na água de pedregulhos. — Eu falei sério quando disse que ninguém seria deixado para trás.

— Eu não fui puxada — Alice insistiu.

Enquanto eles continuavam discutindo, dois dos irmãos de Poppy saíram da casa, deixando a porta bater atrás deles. Os dois deram uma olhada e soltaram um sorriso de gozação. O mais velho deles, Tom, apontou diretamente para Zach e sussurrou algo. O irmão mais novo riu.

Zach sentiu seu rosto esquentar. Ele achava que nenhum dos dois conhecia alguém da sua escola, mas mesmo assim. Se algum dos seus colegas de time descobrisse que, aos doze anos, Zach ainda brincava com bonecos, o basquete ficaria menos divertido. A escola ficaria chata também.

— Ignore os dois — Poppy declarou em voz alta. — São idiotas.

— Tudo o que a gente tinha para dizer é que a avó da Alice ligou — disse Tom, seu rosto fingindo inocência e tristeza.

Ele e Nate tinham o mesmo cabelo vermelho-tomate da irmã, mas não se pareciam muito com ela de nenhuma outra forma que Zach pudesse identificar. Eles, e também a irmã mais velha, sempre estavam metidos em encrenca: seja brigando, matando aula, fumando ou fazendo outras coisas.

Os irmãos Bell eram considerados pequenos criminosos na cidade e, tirando Poppy, pareciam fazer de tudo para manter essa reputação.

— A velha Senhora Magnaye disse que você precisa estar em casa antes de escurecer. Ela pediu para você não esquecer nem inventar desculpas. Ela estava brava, Alice.

As palavras eram educadas, mas dava para perceber, pela voz enjoativa que Tom usava, que ele não estava sendo nem um pouco educado.

Alice se levantou e limpou a saia. O laranja irradiado pelo pôr do sol dava à sua pele um tom bronzeado e às suas várias tranças brilhantes um tom metálico. Seus olhos se apertaram. Sua expressão oscilou entre a inquietação e a raiva. Os meninos a perturbavam desde que ela tinha completado dez anos, quando ganhava curvas e começava a parecer bem mais velha do que era. Zach odiava a maneira como Tom falava com Alice, como se fizesse piada com ela sem dizer alguma coisa ruim de verdade, mas ele também nunca soube o que dizer para interromper aquilo.

— Parem com isso — Zach disse.

Os meninos Bell riram. Tom imitou Zach, fazendo uma voz aguda.

— *Parem com isso*. Não falem com a minha namorada.

— É, *parem com isso* — Nate chiou. — Ou vou bater em vocês com a minha boneca.

Alice seguiu em direção à casa dos Bell, com a cabeça baixa.

Ótimo, Zach pensou. Como sempre, ele piorou a situação.

— Não vá ainda — Poppy chamou Alice, ignorando os irmãos. — Ligue para casa e veja se pode passar a noite aqui.

— É melhor não — Alice falou. — Só preciso buscar minha mochila lá dentro.

— Espere — disse Zach, apanhando Lady Jaye.

Ele seguiu até a porta de tela e chegou lá bem quando ela foi fechada na sua cara.

— Você esqueceu...

O lado de dentro da casa de Poppy era sempre uma bagunça. Roupas jogadas, copos meio vazios e equipamentos esportivos cobriam a maioria das superfícies. Seus pais pareciam ter desistido da casa por volta da mesma época em que desistiram de tentar impor regras sobre o jantar, a hora de dormir e as brigas... Mais ou menos no aniversário de oito anos de Poppy, quando um de seus irmãos jogou o bolo com as velas ainda acesas na irmã mais velha. Agora, não havia mais festas de aniversário. Não havia nem refeições em família, só caixas de macarrão com queijo, latas de ravióli e de sardinha na despensa, para que as crianças pudessem se alimentar muito antes de seus pais chegarem do trabalho e caírem, exaustos, na cama.

Zach tinha inveja sempre que pensava naquele tipo de liberdade, e Alice amava aquilo ainda mais do que ele. Ela passava lá quantas noites a avó deixasse. Os pais de Poppy não pareciam notar, o que funcionava perfeitamente bem.

Zach abriu a porta de tela e entrou.

Alice estava parada em frente à empoeirada, velha e trancada cristaleira^[1] no canto da sala de estar dos Bell, espiando todas as coisas em que a mãe de Poppy proibira a filha, sob ameaça de morte e de possível desmembramento, de tocar. Era ali que a boneca que eles chamavam de Grande Rainha de todos os reinos estava presa, ao lado de um vaso de vidro soprado da Savers que revelou ser uma-coisa-qualquer antiga. A Rainha tinha sido comprada pela mãe de Poppy em um bazar de garagem, e ela insistira que, um dia, iria ao programa de TV *Antiques Roadshow*, venderia a boneca e se mudaria com toda a família para o Taiti.



A Rainha era uma boneca de porcelana de ossos com cachos dourados num tom de palha e a pele branca como papel. Seus olhos estavam fechados, os cílios eram uma franja loira clara contra suas bochechas. Ela usava um vestido comprido, o tecido fino pontilhado com algo preto que podia ser mofo. Zach não conseguia se lembrar de quando, exatamente, eles haviam decidido que a boneca era a Grande Rainha, mas todos sentiam que ela os observava, mesmo os seus olhos estando fechados, e que a irmã de Poppy tinha pavor dela.

Aparentemente, certa vez, Poppy acordara no meio da noite e encontrara a irmã — com quem ela dividia o quarto — sentada na cama.

— Se ela sair do armário, virá nos pegar — a irmã disse, pálida, antes de voltar a afundar a cabeça no travesseiro.

Nenhum dos chamados vindos do outro lado do quarto pareceu agitá-la. Poppy se virou de um lado para o outro, sem conseguir dormir pelo resto da noite. Porém, de manhã, sua irmã lhe disse que não se lembrava de ter dito nada, que devia ter sido um pesadelo e que a mãe delas tinha mesmo que se livrar daquela boneca.

Depois disso, para evitar que ficassem com medo, Zach, Poppy e Alice colocaram a boneca na brincadeira deles.

De acordo com a lenda que criaram, a Rainha governava tudo de sua linda torre de vidro. Ela tinha o poder de colocar sua marca em qualquer um que desobedecesse suas ordens. Quando isso acontecia, nada daria certo com a pessoa até ela voltar a cair nas graças da Rainha. A pessoa seria condenada por crimes que não cometeu. Seus amigos e sua família adoeceriam e morreriam. Navios afundariam, tempestades cairiam. No entanto, a única coisa que a Rainha não conseguiria fazer era escapar da cristaleira.

— Você está bem? — Zach perguntou a Alice.

Alice parecia paralisada pela cristaleira, olhando para dentro dela como se pudesse ver algo que Zach não via.

Por fim, ela se virou, seus olhos brilhavam.

— Minha avó quer saber onde estou a todo segundo. Ela quer escolher minhas roupas e vive se queixando das minhas tranças o tempo todo. Já estou de saco cheio disso. E não sei se ela vai me deixar participar da peça este ano, mesmo eu tendo conseguido um bom papel. Vovó não consegue enxergar muito bem depois que anoitece e não quer me dar carona até em casa. Estou tão cansada de todas as regras dela, e parece que, quanto mais velha eu fico, pior ela fica.

Zach já escutara a maior parte daquela reclamação antes, mas geralmente Alice parecia conformada.

— E a sua tia? Ela não poderia te dar carona depois dos ensaios?

Alice bufou.

— Ela nunca perdoou a tia Linda por tentar ficar com a minha guarda há muito tempo atrás. Em todas as festas de família isso é lembrado... Isso a deixou superparanoica.

A Senhora Magnaye crescera nas Filipinas e gostava de contar para todo mundo como as coisas eram diferentes lá. De acordo com ela, as adolescentes filipinas trabalhavam muito, nunca respondiam torto, não desenhavam nas próprias mãos com canetas nem queriam ser atrizes,

como Alice. Elas também não ficavam tão altas quanto Alice estava ficando.

— *Ficou* superparanoica? — Zach perguntou.

Alice riu.

— É, está certo. Ficou hipersuperparanoica.

— Ei.

Poppy entrou na sala de estar, segurando o restante dos bonecos.

— Tem *certeza* de que não pode ficar, Alice?

Alice balançou a cabeça, arrancou Lady Jaye da mão de Zach e seguiu pelo corredor para o quarto de Poppy.

— Só estava pegando minhas coisas.

Poppy virou-se para Zach com impaciência, esperando uma explicação. Ela nunca gostava de não fazer parte de uma conversa e odiava a ideia de seus amigos a manterem alheia a seus segredos, mesmo os bobos.

— A avó dela — disse ele, encolhendo os ombros. — Você sabe.

Poppy suspirou e olhou para a cristaleira. Depois de um momento, falou:

— Se você terminar essa missão, a Rainha provavelmente vai desfazer a maldição de William. Ele poderia ir para casa e enfim resolver o mistério da origem dele.

— Ou talvez ela apenas o faça seguir em outra missão.

Zach pensou por um instante e arreganhou um sorriso.

— Talvez ela queira que ele fique muito habilidoso com a espada, para tirá-la dessa cristaleira.

— Nem pense nisso — Poppy disse, quase em tom de brincadeira. — Vamos.

Eles seguiram pelo corredor até o quarto de Poppy no momento em que Alice estava saindo, com a mochila apoiada sobre um dos ombros.

— Até amanhã — ela disse ao passar por eles.

Alice não parecia feliz, mas Zach achou que ela poderia estar triste só porque estava indo embora cedo e os outros dois ficariam o resto do tempo juntos sem ela. Ele e Poppy não *costumavam* continuar com aquela brincadeira quando Alice não estava. Porém, nos últimos tempos, Alice parecia ficar mais incomodada quando Zach e Poppy passavam algum tempo sozinhos, o que ele não entendia.

Zach entrou no quarto de Poppy e se jogou no tapete laranja felpudo. Poppy dividia o quarto com a irmã mais velha, e pilhas de roupas que não serviam mais na irmã ainda estavam espalhadas em montes, além de uma coleção de maquiagem usada e de cadernos cobertos de adesivos e rabiscados com letras de músicas. No alto de uma estante, havia uma bagunça das antigas Barbies da irmã esperando Poppy tentar consertar seus braços derretidos e cabelos picados. As estantes transbordavam de livros de bolso com histórias de fantasia e de livros que já deviam ter sido devolvidos à biblioteca há muito tempo, alguns sobre mitos gregos, outros sobre sereias e alguns poucos sobre assombrações locais. As paredes estavam cobertas de pôsteres: *Doctor Who*, um gato de chapéu-coco e um mapa gigantesco de Nárnia. Zach pensou em desenhar um mapa dos reinos deles — com os oceanos e as ilhas e tudo —, e imaginou onde conseguiria uma folha de papel grande o bastante.

— Você acha que William gosta de Lady Jaye? — Poppy perguntou, acomodando-se de pernas cruzadas sobre sua cama, o rosa pálido de um dos joelhos visível pelo rasgo no seu jeans de segunda mão. — Tipo *gostar* mesmo?

Zach se sentou.

— O quê?

— William e Lady Jaye — Poppy falou. — Eles estão viajando juntos já faz um tempo, certo? Digo, ele deve gostar dela um pouco.

— É claro que ele gosta dela — Zach disse, franzindo as sobrancelhas.

Zach puxou sua enorme e esfolada sacola militar para junto de si e guardou William ali dentro.

— Mas, quero dizer, ele se *casaria* com ela? — Poppy perguntou.

Zach hesitou. Ele estava acostumado a perguntarem como os personagens se sentiam, e aquela era uma pergunta simples. No entanto, havia algo na voz de Poppy que o fez pensar que poderia haver segundas intenções por trás do que não era tão simples.

— Ele é um *pirata*. Piratas não se casam. Mas, quero dizer... Se ele não fosse um pirata e ela não fosse uma ladra cleptomaniaca louca, então acho que ele poderia se casar com ela.

Poppy suspirou como se aquela fosse a pior resposta já dada por alguém, mas deixou pra lá. Eles conversaram sobre outros assuntos, como o fato de Zach não poder brincar no dia seguinte por causa do treino de basquete, se algum dia alienígenas pousariam na Terra e, se pousassem, se seriam pacíficos ou não (os dois achavam que não), e qual deles seria mais útil em uma revolta de zumbis (houve um empate, já que as pernas longas de Zach seriam melhores para fugir, e o tamanho pequeno de Poppy seria uma vantagem para se esconder).

Quando estava saindo, Zach parou na sala para olhar a Rainha de novo. O rosto pálido dela estava sombreado, mas ele achava que, embora parecesse que os olhos dela estavam fechados, não estavam tão fechados quanto antes. Enquanto Zach a encarava, tentando descobrir se estava imaginando coisas, os cílios dela tremularam uma vez, como se tivessem sido agitados por uma brisa impossível.

Ou como se ela fosse alguém dormindo, prestes a acordar.

Capítulo

Dois

Zachary estava quase saindo para ir à escola quando seu pai chegou mancando do trabalho. Ele fedia a gordura e se apoiava no pé esquerdo. O restaurante onde trabalhava fechava por volta das três da manhã, mas verificar o estoque e os pedidos aos fornecedores e fazer uma refeição com o resto dos funcionários obrigavam seu pai a voltar para casa, na maioria dos dias, muito depois da hora do fechamento.

— Bolhas horríveis — Papai resmungou, como explicação para estar mancando.

O pai de Zach era um homem grande com o cabelo bagunçado, curto e encaracolado, com a mesma cor de uma torrada queimada, assim como o de Zach, os mesmo olhos azuis cor de vidro do mar e um nariz que fora quebrado duas vezes.

— E depois, feito um idiota, derramei óleo em mim mesmo. Mas o restaurante lotou, então já é alguma coisa.

Lotar era bom. Lotar significava que as pessoas estavam comendo no restaurante, e isso significava que o pai de Zach não perderia esse emprego.

Mamãe pegou uma caneca, encheu-a de café sem falar nada e apoiou-a na mesa. Zach pegou sua mochila, já caminhando para a porta. Ele se sentia mal, mas às vezes ainda ficava surpreso por ver o pai em casa. Seu pai tinha ido embora três anos antes e voltara havia três meses. Zach não conseguia se acostumar a tê-lo por perto.

— Arrebente naquela quadra hoje — o pai disse, bagunçando o cabelo de Zach como se ele fosse uma criancinha.

O pai adorava o fato de Zach estar no time de basquete. Às vezes, parecia ser a única coisa em Zach de que ele gostava. Ele não gostava de que Zach brincasse com meninas depois da aula em vez de fazer cestas com os meninos mais velhos a alguns quarteirões dali. Ele não gostava de

que Zach sonhasse acordado o tempo todo. E, às vezes, parecia, para Zach, que seu pai nem gostava de que ele tivesse ficado tão bom no basquete, já que, assim, ele não podia lhe dar bronca dizendo que todas aquelas outras coisas estavam atrapalhando o desempenho dele na quadra.

O mais importante era que Zach não se importava com o que seu pai pensava. Sempre que ele lhe direcionava um olhar de reprovação ou lhe dirigia uma pergunta que deveria fazê-lo se sentir na defensiva, Zach fingia não reparar. Ele e a mãe estavam muito bem antes de o pai voltar, e ficariam bem se ele fosse embora de novo também.

Com um suspiro, Zach seguiu para a escola. Ele costumava encontrar alguns outros alunos indo a pé, mas, naquele dia, a única criança que viu caminhando foi Kevin Lord. Kevin contou a Zach uma longa história sobre ter visto um cervo quando estava andando em sua bicicleta suja pelo bosque, e comeu um folhado cru, só o tirou da embalagem.

Zach chegou à aula do Senhor Lockwood um pouco depois dos ônibus. Alex Rios apoiou-se no encosto da cadeira dele para cumprimentá-lo batendo com o punho por cima do punho de Zach. Depois, os dois bateram as mãos e as puxaram, deslizando-as uma na outra até que ficassem presas apenas pelas pontas dos dedos. Era um cumprimento ensinado a todos do time de basquete, e, sempre que Zach o fazia, ele tinha um sentimento bom de pertencer a um grupo.

— Você acha que vamos ganhar do Edison no domingo que vem? — Alex perguntou de um jeito que não era bem uma pergunta. Era parte do ritual, como o cumprimento.

— Vamos acabar com eles — disse Zach —, desde que você continue me passando a bola.

Alex bufou e, depois, o Senhor Lockwood começou a chamada, por isso eles se viraram para a lousa digital. Zach tentou parar de sorrir e fingiu estar prestando atenção.

Depois do almoço, Poppy apertou um bilhetezinho em forma de triângulo na mão de Zach quando passou por ele no corredor. Ele não precisou desdobrar para saber o que era. *Perguntas*. Zach não conseguia se lembrar de como tinha tido essa ideia, nem quando, mas as Perguntas existiam como uma estranha coisa privada fora da brincadeira. Ele e Poppy e Alice

tinham que responder a *qualquer* pergunta da brincadeira que fosse feita, no papel, mas as respostas eram apenas para quem perguntou. Os personagens não ficavam sabendo.

Eles passavam bilhetes para lá e para cá, especialmente se um deles estivesse prestes a ficar de castigo ou viajar. Zach sempre sentia uma onda de empolgação — e um pouco de medo — quando recebia um papel dobrado. Era uma parte do jogo que Zach achava especialmente arriscada. Se um professor pegasse o bilhete ou Alex visse... Só de pensar na possibilidade, a nuca de Zach começava a queimar de vergonha.

Ele desdobrou o papel com cuidado, alisando-o contra as páginas do seu livro enquanto o Senhor Lockwood começava a aula de História.

Se a maldição fosse tirada, o William realmente abriria mão de ser pirata. Se fizesse isso, iria sentir falta?

Quem ele acha que é seu pai?

Ele acha que a Lady Jaye gosta dele?

O William costuma ter pesadelos?

Ele começou a escrever. Zach gostava de como a história se desenrolava enquanto ele escrevia, gostava do modo como as respostas simplesmente apareciam na sua cabeça às vezes, vinham do nada, como se fossem verdades apenas esperando que ele as descobrisse.

Às vezes, William tem sonhos sobre ser enterrado vivo. Ele sonha que acordou e tudo está preto. Ele só sabe onde está porque sente uma grande pressão no peito e é difícil conseguir respirar ar o bastante para gritar. Geralmente, é a tentativa de gritar que o acorda. William se vê balançando em uma rede no seu alojamento, suando frio, seu papagaio verde espiando desconfiado, com o seu único olho negro. E ele diz a si mesmo que, quando morrer, será sepultado no mar.

Mesmo depois de ele ter dobrado as perguntas de novo na forma de uma bola de futebol americano e de tê-las enfiado no bolso da frente da mochila, a sensação de a história estar próxima permaneceu com ele. Zach rabiscou imagens nas margens do seu caderno, desenhos de espada e rifles de raios e coroas ao lado da lição de casa de geometria e fatos sobre a Batalha de Antietam.

No verão anterior, a coisa misteriosa que esticava os meninos como chiclete começou a acontecer com Zach. Ele sempre foi alto, mas já tinha quase alcançado a altura do pai, com mãos tão grandes que pegar uma bola de basquete era muito mais fácil, e pernas tão longas que ele podia pular quase alto o bastante para tocar na rede. No ano anterior Zach ficava no fundo da quadra, mas, neste ano, ele estava arrebentando nela.

Todos na escola de repente olhavam para Zach de um jeito diferente. Os garotos queriam passar mais tempo com ele, batiam nas suas costas e riam alto com as suas piadas. E as meninas ficaram estranhas.

Até mesmo Alice agia de maneira esquisita perto dele às vezes. Quando ela estava com as amigas da escola, em vez de conversar com Zach como sempre, todas elas davam risadinhas desconfortáveis. Naquela tarde mesmo, depois do treino, ele passou por Alice e por algumas meninas da turma do teatro. Elas tiveram um ataque de risinhos agudos antes que Zach pudesse perguntar a Alice o que tinha sido tão engraçado ou se ela queria voltar andando para casa com ele.

Assim, Zach voltou sozinho, sentindo-se um pouco solitário enquanto atravessava o fim de tarde de outono, chutando o tapete de folhas caídas. Ele não sabia outra maneira de fazer tudo voltar ao normal. Não era possível ele *encolher* de volta para ser o mesmo de antes.

Um vento sinistro cantou através das árvores que precisavam ser podadas, em frente à velha casa do Senhor Thompson, no final do quarteirão. Parecia alguém gritando bem longe, mas que se aproximava a cada segundo. Zach apertou o passo, andando cada vez mais rápido, sentindo-se bobo por isso. Sentiu cócegas em seus cabelos na nuca, como se pudesse sentir a respiração do que se aproximava logo atrás dele.

De repente, Zach foi esmagado por uma onda de terror. Ela o consumia por inteiro, e, apesar de se sentir bobo por isso, ele correu, atravessando o gramado até a pequena casa de tijolos onde morava. Bateu na porta da frente, as palmas chocando-se contra a porta, e precisou empurrá-la para abri-la.

A cozinha cheirava a molho de espaguete e salsichas fritas, um aroma quente e seguro que afastou todos os pensamentos da noite e daquele vento sinistro.

A mãe dele espiou da cozinha. Estava usando calça de moletom, e seu longo cabelo castanho estava preso para trás com vários grampos. Parecia cansada.

— O jantar está quase pronto. Por que não começa sua lição de casa e eu chamo quando for a hora de comer?

— Certo — Zach respondeu.

Enquanto atravessava a sala de estar, seu pai descia as escadas. Ele bateu a mão com força no ombro de Zach.

— Você está crescendo — disse ele, o que parecia ser uma daquelas coisas estranhas que os adultos diziam às vezes, coisas muito óbvias para as quais não havia resposta.

Desde que seu pai voltara, ele passara realmente a gostar de dizer coisas desse tipo.

— Acho que sim.

Zach encolheu os ombros para sair do aperto do pai e subiu para o seu quarto.

Ele deixou a mochila cair sobre a cama e esparramou-se de bruços, pegando o livro de Geografia. Leu o capítulo que precisava e, depois, passou a estudar pontuação, enquanto, com os dedos dos pés, fazia força para tirar os tênis. Era difícil se concentrar. Seu estômago roncava de fome, e o cheiro do jantar tornava a espera ainda mais difícil. Zach estava cansado do treino, e a última coisa que queria fazer eram mais tarefas da escola. Ele queria se sentar em frente à televisão e assistir a um programa sobre caçadores de fantasmas ou aquele no qual o ladrão trabalhava para o governo. O ideal seria assisti-los sentado no sofá, com um prato enorme de espaguete e salsicha no colo.

No entanto, Mamãe provavelmente não aprovaria aquilo. Desde que Papai voltara, quando ele não estava trabalhando, ela fazia questão de que a família se sentasse à mesa, todos juntos, sem telefone nem jogos nem livros. Ela sempre comentava sobre algo que havia lido em uma revista... Algum tipo de estudo que dizia que jantar junto supostamente tornaria Zach um adulto mais feliz e ajudaria sua mãe a emagrecer. O motivo de não fazer aquilo quando Papai não estava em casa, já que era tão importante, Zach não sabia com certeza.

Enquanto tudo isso passava pela cabeça de Zach, algo lhe pareceu estranho. Naquela manhã, quando ele saía para a escola, William, a Lâmina, estava sentado na beirada de sua escrivaninha, ao lado de um

monte de outros bonecos, que eram a tripulação semidescartável do *Pérولا de Netuno*. Mas agora nenhum deles estava ali.

Ele olhou por todo o quarto. Não estava muito limpo, embora todo domingo de manhã sua mãe o fizesse “arrumá-lo um pouco”. As roupas sujas estavam mais empilhadas em volta do cesto do que dentro dele. Sua estante estava lotada de livros sobre piratas, romances de aventura e livros escolares que se esparramavam pelo chão. Sua escrivaninha estava abarrotada de revistas, com o computador, peças de Lego e modelos de navios. Porém, ele conhecia o tipo de sua bagunça. Sabia onde seus rapazes deviam estar e onde não estariam.

Zach se levantou desajeitado, quase escorregando para fora do colchão. Depois, curvou-se para olhar embaixo da cama. A gata preta da família, chamada Festa, às vezes entrava sorrateiramente em seu quarto e derrubava as coisas. Porém, quando Zach agachou-se no tapete, não viu William, a Lâmina, em nenhuma parte do chão.

Ele começou a ficar inquieto. William era seu melhor personagem. Era com ele que tinha brincado mais tempo, e ainda era o centro de quase todas as suas histórias. Duas semanas antes, Poppy apresentara uma vidente que disse que sabia quem era o pai de William; de repente, enquanto vasculhava seu passado e tentava retirar a maldição da Rainha, William se tornara ainda mais divertido para brincar.

Poppy sempre fazia aquilo: improvisava, pegava as lacunas de uma história, criava algo original e interessante e um pouco assustador. Às vezes isso o incomodava — a história de William era qualquer coisa que Zach dissesse, certo? —, mas, na maioria das vezes, valia a pena ceder e confiar nela.

Era importante que William não tivesse desaparecido. Porque, se William *tivesse* desaparecido, não haveria o resto da história, não haveria mais ideias malucas, nem desfecho, nem final, nem mais nada.

Talvez, Zach pensou, talvez estivesse cometendo um erro. Talvez tivesse uma lembrança errada de onde deixara os bonecos. Talvez William e os outros estivessem com o resto dos brinquedos. Ele foi até onde sua sacola de bonecos deveria estar, dentro do armário. Mas a sacola não estava ali dentro também.

Zach se sentiu estranho. Como se algo comprimisse seu peito.

Ficou olhando para aquele ponto, esperando que seu cérebro desse alguma explicação. O pânico cresceu nele. Ele tinha certeza de que a sacola estava no chão naquela manhã, quando tropeçara nela para pegar uma camiseta no cabide.

Talvez tivesse deixado na casa de Poppy. Mas Zach se *lembrava* de tê-lo visto na noite anterior. E não a teria deixado em nenhum outro lugar se não houvesse motivo; a menos que estivessem no meio de uma batalha elaborada em que tudo precisasse ficar exatamente onde estava. O que não era o caso.

Ele olhou ao redor, desamparado.

— Mãe! — Zach gritou, indo até a porta do quarto e abrindo-a com força, seguindo pelo corredor. — Mãe, o que você fez com as minhas coisas? Você pegou minha sacola?

— Zachary? — ela chamou do andar de baixo. — É a segunda vez que você bate...

Zach desceu correndo, interrompendo-a no meio da bronca.

— Onde está minha sacola? Os bonecos. Os modelos e os carros. Todos eles. Não estão lá em cima.

— Não tirei nada do seu quarto. Aposto que estão debaixo das pilhas de roupa suja do tamanho do Kilimanjaro^[2] lá em cima.

Mamãe sorriu enquanto pegava uma pilha de pratos, mas ele não devolveu o sorriso.

— Limpe seu quarto e aposto que a sacola aparece.

— Não, mãe, eles *sumiram*.

Zachary lançou um olhar sobre o pai e ficou surpreso ao ver a expressão em seu rosto — uma expressão que ele não estava certo sobre como interpretar.

A mãe seguiu o olhar de Zach, virando-se para o pai dele, a voz bem baixa.

— Liam?

— Ele tem doze anos, brincando com um monte de porcarias — disse ele, levantando-se do sofá e erguendo a mão de modo conciliador. — Ele precisa crescer. Era a hora de se livrar deles. Ele devia estar focado nos amigos, em ouvir música e ficar de bobeira. Zach, acredite em mim, você não vai sentir falta deles.

— Onde eles estão? — Zach perguntou, e em sua voz havia um tom ameaçador.

— Esqueça, eles se foram — o pai respondeu. — Não há razão para birra.

— Aqueles bonecos eram *meus*!

Zach estava tão bravo que mal conseguia pensar. Sua voz tremia de raiva.

— Eles eram meus.

— Alguém precisa prepará-lo para o mundo real — disse seu pai, com o rosto corado. — Fique bravo o quanto quiser, mas está feito. Feito. Entendeu? Já é hora de você crescer. Fim da discussão.

— Liam, o que você estava pensando? — a mãe de Zach perguntou. — Não pode ir tomando decisões sem conversar...

— Onde eles estão? — Zach rosnou.

Ele nunca havia falado com o pai daquele jeito, nunca havia falado com nenhum adulto daquele jeito.

— O que você fez com eles?

— Não seja tão dramático — o pai falou.

— Liam!

A voz da mãe estava cautelosa.

— DEVOLVE! — Zach gritou.

Ele estava fora de controle e não se importava.

Seu pai parou por um instante, com uma expressão repentina de insegurança.

— Eu joguei fora. Desculpe. Não pensei que você ficaria tão chateado assim. Eram só umas peças de plástico...

— No lixo?

Zach saiu correndo pela porta e pelos degraus. Duas grandes latas amassadas de lixo estavam no final do gramado, apoiadas no meio-fio. Com os dedos adormecidos, ele puxou a tampa de uma delas e a jogou na rua, fazendo um *estardalhaço*.

Por favor, ele pensou. *Porfavorporfavorporfavor*.

Mas o interior da lata estava vazio. O caminhão de lixo já havia passado e ido embora.

Foi como um soco no estômago. William, a Lâmina, Max Caçador e todos os outros estavam mortos. Sem eles, todas as histórias estariam mortas também. Zach limpou o rosto com a manga da camisa.

Então tomou o caminho de volta para casa. A silhueta do pai estava na porta.

— Ei, desculpe — ele disse.

— Nem se preocupe mais em tentar ser meu pai — Zach falou, subindo os degraus da frente e passando por ele. — É muito tarde para isso. Era muito tarde anos atrás.

— Zachary — a mãe disse, estendendo a mão para tocar o ombro dele, mas ele passou por ela.

O pai apenas o encarou, com o rosto estarecido.

Em seu quarto, Zach dirigiu o olhar para o teto, tentando acalmar os sentimentos dentro de si. Ele não terminou a lição de casa. Não jantou, embora a mãe tenha levado um prato e colocado sobre a escrivaninha. Não trocou a roupa pelo pijama. Não chorou.

Zach virou de um lado para o outro, concentrando-se nas sombras que se moviam pelo teto e na raiva, que parecia crescer em vez de diminuir. Ele estava bravo. Com o pai, por destruir a brincadeira. Com a mãe, por deixar

o pai voltar para a vida deles. Com Poppy e Alice, que não tinham perdido nada. E consigo mesmo, por agir como uma criancinha, assim como seu pai havia dito, e por se importar com William, a Lâmina, e um monte de brinquedos de plástico como se fossem pessoas de verdade.

E aquela raiva azedou dentro de sua barriga e subiu se arrastando pela garganta até que ele sentiu que ela poderia sufocá-lo. Até ele ter certeza de que não havia maneira de um dia poder contar a alguém o que havia acontecido sem que toda aquela raiva fosse derramada para fora e engolisse tudo.

E a única forma de não contar a ninguém era acabar com a brincadeira.

Capítulo

Três

Na manhã seguinte, Zach empurrou seu cereal mole em uma tigela de leite enquanto a mãe se servia de uma segunda xícara de café. A luz era filtrada pelas vidraças sujas, o que fazia a madeira machucada da mesa da cozinha exibir as marcas pálidas de água de canecas molhadas e a mancha meio verde no lugar onde Zach tinha, certa vez, desenhado uma nave espacial com caneta permanente. Ele traçou o contorno desbotado com um dedo.

— Seu pai ligou para a empresa que recolhe o lixo — a mãe disse.

Zach piscou e olhou para ela.

Ela tomou outro gole de café.

— Ele ligou para o lixão também. Perguntou se havia alguma maneira de conseguir seus brinquedos de volta. Até se ofereceu para ir até lá e procurar ele mesmo... mas não teve jeito. Sinto muito. Sei que ele fez uma coisa idiota, mas ele tentou mesmo consertar, querido.

Zach sentiu-se estranhamente entorpecido, como se tudo o que acontecia estivesse com um ligeiro atraso. Ele sabia que o que sua mãe estava dizendo devia ser importante, mas, de alguma forma, ele não conseguia fazer com que fosse relevante. Zach também se sentia cansado, como se não tivesse dormido nada, embora, na verdade, tivesse tido um sono tão pesado que o barulho do despertador pareceu tê-lo trazido lá debaixo de um lugar profundo e sombrio. Ele teve de lutar contra os sonhos para acordar.

— Certo — Zach disse, porque não havia mais nada a dizer.

— Esta noite vamos nos sentar e ter uma discussão em família. Seu pai foi criado por um homem muito severo e, por mais que odeie isso, ele age como o pai dele às vezes. É o que ele conhece, meu bem.

Zach encolheu os ombros e colocou uma colherada de cereal encharcado na boca para evitar dizer à mãe que preferiria ser pendurado de cabeça para baixo pelos dedos dos pés sobre fogo aceso a falar com o pai. Ainda mastigando, pegou a mochila e começou a seguir para a escola.

— Podemos conversar mais à noite — a mãe disse, com um falso ânimo, momentos antes de ele bater a porta e sair.

O ar frio foi como um tapa na cara de Zach. Ele ficou aliviado por não ver Poppy e Alice na calçada. Eles todos moravam perto o suficiente para, às vezes, um encontrar o outro no caminho para a escola, e costumavam voltar juntos. Mas, naquela manhã, ele se apressou no caminho pela calçada, feliz por estar só. Manteve a cabeça baixa conforme avançava a passos duros, chutando pedras e pedaços de asfalto solto para a rua. Quando viu o prédio da escola a distância, perguntou-se o que aconteceria se apenas seguisse em frente, da mesma maneira como seu pai os havia abandonado três anos antes. Se Zach continuasse andando até chegar a um lugar novo onde ninguém o conhecesse, mentisse sobre sua idade e conseguisse um emprego de entregador de jornal ou algo do tipo...

Bem, ele não sabia o que faria depois disso.

Quando decidiu ir mesmo à escola, já estava atrasado. O Senhor Lockwood olhou para Zach, bravo, quando ele correu para dentro da sala logo depois do sinal. Ele sentou-se à sua carteira e não desenhou nada nas margens do caderno. Se uma ideia de história surgia em sua cabeça, ele se concentrava em outra coisa até que ela fosse embora.

No almoço, seu sanduíche teve gosto de papelão. Zach jogou fora a maçã.

Depois da aula, disse ao treinador que estava muito doente para ir ao treino, mas, na verdade, ele não queria ir. Não estava a fim de fazer muita coisa.

Começou a caminhar para casa, pensando que poderia se sentar em frente à televisão até a mamãe chegar do trabalho e, depois, dizer a ela o mesmo que havia dito ao treinador. Alguns minutos depois, Alice o alcançou, a batida de seus sapatos contra a calçada anunciando a sua aproximação. Zach se sentiu idiota por ter tomado o mesmo velho caminho sem esperar ver algum de seus amigos.

— Zach? — Alice falou, sem fôlego por causa da corrida.

Ela estava usando uma camiseta azul com uma criatura desenhada que se parecia meio com um brontossauro, meio com um gatinho. Suas trancinhas estavam puxadas para trás com uma tiara, e pequenos brincos de pena pendiam de suas orelhas.

Zach não tinha ideia do que dizer a ela. Queria perguntar sobre o dia anterior, quando Alice havia ficado de risadinhas com as amigas; Zach queria saber por que ela não tinha conversado com ele. Porém, aquilo parecia algo muito distante no passado, e muita coisa tinha acontecido desde então. Zach praticamente não se sentia a mesma pessoa.

Um garoto chamado Leo acenou para eles, caminhando na direção dos dois. Ele usava óculos grandes e sempre falava coisas malucas. Era uma espécie de gerador aleatório de esquisitices.

— Ei — ele falou. — A Poppy pediu para vocês andarem devagar. Ela está pegando um livro com a bibliotecária.

— Ah — Zach disse, sentindo-se condenado.

Zach sabia o que aconteceria depois. Um a um, todo o pessoal que voltava junto para casa ia se reunir, e depois a turma seria desfeita em pedaços, seguindo em direções diferentes, até que restassem apenas Poppy, Alice e ele. Depois, uma delas perguntaria “quer brincar?”, como sempre. E ele teria que dizer *alguma coisa*.

— Você está bem? — Alice perguntou.

— É — disse Leo. — Você não parece muito bem, Zach. Alguém está pisando em cima do seu túmulo?

Ele piscou algumas vezes. Pelo menos Leo estava sendo louco como sempre. Eis uma coisa que nunca mudaria.

— *O quê?*

— É o que meu avô sempre dizia. Nunca ouviu isso?

— Não — Zach disse.

Seu pé mandou algumas folhas para o ar, formando espirais. Falar sobre túmulos o fazia pensar em quando voltou para casa na noite anterior,

quando pensou ter ouvido o vento uivar atrás dele. Ele tremeu.

— Então meu túmulo ficará em frente à Escola Thomas Peebles? Que babaquice.

— Não significa que você será enterrado *lá* — Alice revirou os olhos. — É um ditado. Significa que, em algum *lugar*, *alguém* está pisando no local onde você será enterrado.

— Então pode ser qualquer lugar? — Zach perguntou, balançando a cabeça. — Como é que isso me ajuda agora?

— Isso não é para ajudar — Leo disse. — É apenas para ser verdade.

— Do que vocês estão *falando*? — Poppy perguntou, juntando-se a eles.

Ela usava um agasalho preto e pulava com seus tênis Chucks azuis. Um dos cadarços cor-de-rosa desamarrado arrastava-se atrás dela, todo sujo. Seu cabelo estava preso com marias-chiquinhas cor de cobre, e seu delineador parecia borrado em um dos olhos. Parece que ela esqueceu que o passou e acabou coçando em cima.

— De nada — disse Zach, encolhendo os ombros.

Poppy olhou para Alice e levantou as sobrancelhas.

— Nada tipo *nada* ou nada tipo *alguma coisa*?

Alice balançou a cabeça e sorriu, mas, depois, dirigiu seu sorriso para a calçada, como se estivesse com vergonha. Zach não fazia ideia do que estava acontecendo. Perguntava-se se tinha a ver com o dia anterior e com as risadinhas, mas não sabia como perguntar. Às vezes Zach achava que as meninas falavam num idioma diferente, mas não conseguia descobrir quando elas o haviam aprendido. Tinha quase certeza de que um ano antes eles todos costumavam falar na mesma língua.

— Estamos falando de superstições — disse Leo. — Como pisar no lugar onde ficará o túmulo de alguém e fazer essa pessoa estremecer involuntariamente.

Leo sempre usava palavras grandes, como um livro escolar. *Superstições. Estremecer. Involuntariamente.* Algumas crianças diziam que era porque a mãe dele era professora na faculdade, mas Zach achava que Leo simplesmente era assim.

— Seria como pisar em uma rachadura e quebrar as costas da sua mãe?
— Poppy perguntou. — Tentei isso quando era bem pequena. Estava tão brava com a mamãe, mas nem me lembro agora por quê. Espere, não, lembrei! Nate me empurrou no quintal dos fundos e eu bati nele com um galho. O galho acabou acertando-o em cheio, logo acima do olho dele. Ele sangrou muito, e, mesmo tendo sido ele quem começou, acabou sobrando pra mim. Eu pisei com força nas rachaduras subindo e descendo o quarteirão. E, no dia seguinte, mamãe escorregou no jardim e torceu o tornozelo.

— *Mentira* — Leo disse.

Zach podia vê-lo mentalmente arquivar aquilo com suas outras histórias esquisitas.

Poppy riu.

— Não é como se ela tivesse quebrado as costas de verdade. Digo, foi apenas coincidência ela ter caído. Mas aquilo me assustou na época. Pensei que eu fosse um tipo de bruxa poderosa ou algo assim.

— E você passou longe das rachaduras durante anos depois disso — Alice falou. — Lembra? Você era supercuidadosa, sempre colocando o pé de lado e andando nas pontas dos pés e tal. Você se desviava como uma mistura de aspirador de pó robô e uma bailarina.

— *Robailarina* — Zach disse, automaticamente.

Por algum motivo, as palavras eram mais engraçadas quando colocadas juntas.

— *Robailarina* — Alice repetiu, rodando sobre um dos pés e, depois, tropeçando um pouco. — Exato.

— É um bom amálgama^[3] — disse Leo.

Zach concordou, balançando a cabeça, como costumava fazer quando não fazia ideia do assunto sobre o qual Leo estava falando.

Eles passaram por uma antiga igreja episcopal, que tinha uma grande torre pontuda, quando estavam a caminho da Rua Principal. Passaram pelo barbeiro; pela pizzeria onde Zach fazia suas festas de aniversário quando era pequeno; pela estação de ônibus perto do posto do correio e pelo

grande e velho cemitério no morro. Zach seguira aquele trajeto exato muitas vezes, os dedos presos aos de sua mãe quando era pequeno e, depois, segurando o guidão da bicicleta, quando era mais velho, e, agora, a pé, indo e voltando da escola. Aquela era a cidade em que ele havia crescido. Embora fosse pequena e muitas das lojas da Rua Principal estivessem fechadas, e as janelas estivessem lacradas com tábuas, e houvesse casas para alugar sem moradores, Zach estava acostumado com o lugar.

Não conseguia pensar em morar em outro local, o que era um grande obstáculo para pensar em fugir.

— Isso é real — Leo afirmou. — Durante um tempo, meus pais faziam a gente se mudar muito, e teve um apartamento onde moramos que era mal-assombrado. Eu juro, quando o fantasma estava em um cômodo, o ar ficava muito frio, mesmo no meio do verão. E havia um lugar que sempre ficava frio como gelo. A gente podia colocar um aquecedor ali que não esquentava. Foi o lugar onde uma pessoa morreu. A proprietária contou.



— Você chegou a ver o fantasma? — Alice perguntou.

Leo balançou a cabeça.

— Não, mas às vezes ele mexia nas coisas. Como nas chaves da minha mãe. Ela gritava para o fantasma devolvê-las e, depois, nove entre dez vezes, ela as encontrava logo em seguida. Minha mãe diz que é preciso saber falar com os fantasmas, ou então eles abusam de você.

Poppy sorriu como fazia quando estava na expectativa de revelar alguma coisa emocionante; uma reviravolta em uma história, uma virada chocante, uma grande mudança do vilão. Suas bochechas estavam rosadas do vento, e seus olhos, brilhantes.

— Vocês já ouviram esta? Quando você passa perto de um cemitério, tem que prender a respiração. Se não fizer isso, os espíritos das pessoas que morreram há pouco tempo podem entrar no seu corpo pela sua boca, e depois *possuí-lo*.

Zach tremeu, os cabelos da sua nuca arrepiaram-se. Sem querer, ele imaginou o sabor de um fantasma, como uma baforada amarga de fumaça. Ele cuspiu na terra, tentando esquecer aquele sabor.

— Eca — Alice falou no silêncio que seguiu após o término da história de Poppy. — Você me fez prender a respiração! Eu estava mesmo tentando não inspirar. De qualquer forma, já passamos o cemitério... Você não devia ter contado a história antes de passarmos? A menos que quisesse que fôssemos possuídos.

Zach pensou de novo na noite anterior e na sensação de que algo estava logo atrás dele, respirando no seu pescoço, algo que estava prestes a estender as mãos e agarrá-lo com seus dedos frios. Aquela história era assim também, agarrou-o e prometeu que ele pensaria naquilo sempre que estivesse perto de um cemitério.

Poppy continuou sorrindo. Ela arregalou bem os olhos e falou em um tom tranquilo, sem emoções.

— Talvez eu não seja a Poppy mais. Talvez eu não soubesse, antes, que era preciso prender a respiração, e talvez eu tenha aprendido da pior maneira. Talvez um espírito tenha me possuído e agora esteja alertando meus amigos, porque é tarde demais. Os espíritos já estão dentro de vooOOooocÊÊÊÊs...

— *Para* — Alice pediu, empurrando o ombro de Poppy.

As duas começaram a rir.

Leo soltou um riso nervoso com elas.

— Por isso é uma história assustadora. Porque você não pode fazer a única coisa que o protegeria... Você nunca saberá se prendeu a respiração por tempo suficiente ou se a soltou cedo demais. E não se pode prender a respiração para sempre.

— O sorriso foi assustador — disse Zach. — Alguém já disse que você tem um sorriso assustador, Poppy?

Ela parecia muito satisfeita consigo mesma.

Eles andaram mais alguns quarteirões e, depois, chegaram ao lugar onde Leo se separava deles para ir para casa. Ele acenou e partiu, cortando caminho por um grande gramado em direção ao estacionamento de trailers.

Depois, ficaram apenas Alice e Poppy e Zach caminhando alguns quarteirões até o condomínio onde suas casas estavam amontoadas. Vistas do lado de fora, as três eram quase idênticas. O coração dele disparou de novo, e suas pernas assumiram o controle, porque não havia meio de evitar a conversa que viria. Embora Zach quisesse isso com todas as suas forças.

Capítulo

Quatro

O ar estava fresco, as árvores brilhavam com folhas amarelas e vermelhas e os gramados estavam espessos com um tapete murcho e marrom. Um sopro de ar balançou os galhos acima de Zachary e assoprou a franja sobre seus olhos. Ele a empurrou para trás com impaciência e mirou para o céu sem nuvens.

Zach pensou em todos eles: seus personagens, presos na sacola militar, ratos roendo os cantos. Pensou em insetos arrastando-se sobre eles e no lixo jogado sobre eles. Ele pensou nas Perguntas dobradas, ainda na mochila, e se lembrou de ter dito que o pesadelo de William era ser enterrado vivo.

— Ei — falou Alice. — Vocês querem se reunir? Eu tenho uma ideia que pode...

— Não posso — Zach disse rapidamente.

Ele havia planejado todo um discurso na noite anterior, deitado de costas, encarando o teto do quarto, mas não conseguia se lembrar de nada. Respirou fundo e disparou a única coisa que conseguia pensar em dizer:

— Não quero mais brincar.

Poppy franziu as sobrancelhas, confusa.

— Do que está falando?

Por um momento, pareceu possível retirar o que Zach disse, falar para Poppy e Alice o que realmente havia acontecido. Ele poderia explicar o que o pai havia feito e o quanto estava bravo com ele e que não tinha ideia do que fazer, a não ser ficar bravo. Ele poderia dizer às meninas que não queria que todas as histórias ficassem inacabadas. Poderia dizer a elas que sentia que pedaços dele haviam ido embora, como se parte dele tivesse sido jogada fora junto com seus bonecos.

— Estou muito ocupado com a escola e o basquete e tudo — ele disse em vez disso, sua voz baixa. — Quero dizer, vocês podem continuar brincando ou sei lá.

— Você quer dizer para sempre? Tipo, não quer brincar nunca mais?

Quando Poppy ficava chateada, seu pescoço ficava com manchas vermelhas. Zach podia vê-lo ganhando cor, tão cor de rosa quanto suas bochechas açoitadas pelo vento. Ela se lançou em uma negociação um pouco desesperada.

— É que estamos no meio de algo grande. Atravessamos todo o País Cinza e chegamos ao Mar Mais Negro. Não podíamos pelo menos terminar essa parte?

Antes Zach estava ansioso para cruzar espadas com a líder das sereias, que sabia o caminho para uma antiga cidade submersa cheia de segredos — inclusive o segredo para concluir a jornada da Rainha e cancelar a maldição. Além disso, havia a promessa de lutar contra tubarões. Havia até insinuações de que eles poderiam achar uma pista sobre os pais de William, a Lâmina, além do tesouro do Príncipe Tubarão: pilhas de ouro e joias tão grandes que estavam sendo procuradas por Lady Jaye desde que ela ouvira a história pela primeira vez, quando era uma criança órfã e mendiga. Lembrar quão incrível aquilo seria fazia com que todas as novas ideias a respeito de brincar doessem como uma bolha no calcanhar friccionando a parte de trás do sapato.

— Estamos meio grandinhos para isso, não acham? — Zach se obrigou a dizer.

Alice pareceu surpresa.

— Isso é besteira — Poppy disse. — Não éramos grandinhos anteontem.

— Éramos — Zach falou.

— É por causa dos seus amigos do time, não é?

Alice olhou para Poppy, como se, talvez, elas tivessem conversado sobre isso antes.

— Você acha que eles vão descobrir e encher sua paciência.

— Não acho nada.

Zach suspirou.

— Só não quero brincar mais.

— Você não está falando sério — Poppy disse.

Ele forçou as palavras a saírem:

— Estou sim.

— Talvez a gente possa só dar um tempo — Alice falou devagar. — Fazer alguma outra coisa.

— Claro — Zach disse, encolhendo os ombros.

— E, depois, talvez, se você mudar de ideia...

Zach pensou na primeira vez em que Alice trouxera sua Lady Jaye para a brincadeira, três meses antes. Antes de Lady Jaye, a personagem favorita de Alice era uma Barbie chamada Aurora, que foi criada por um bando de cavalos carnívoros. Porém, na manhã de uma segunda-feira, a caminho da escola, Alice explicou que tinha aparecido uma boneca de brechó no fim de semana. Ela queria brincar com alguém novo.

Lady Jaye era mesmo diferente. Era uma ladra que cresceu nas ruas da maior cidade de todos os reinos deles, chamada Paraíso. E ela só se importava com o que podia roubar e com o quanto se divertiria no processo.

Lady Jaye era maluca. Ela conseguiu carona no navio de William porque queria chegar ao tesouro do Príncipe Tubarão, mas, toda vez que ele ancorava, Lady Jaye continuava a roubar as pessoas, e, assim, eles haviam sido proibidos de aportar em pelo menos cinco lugares diferentes. William precisou livrá-la de uma encrenca após a outra, até enfim concordarem que ela ficaria a bordo do *Pérola de Netuno*.

No entanto, ela acabava fazendo coisas como escalar o mastro com uma venda nos olhos, só para se exibir. As descrições de Alice das palhaçadas de Lady Jaye faziam Zach gargalhar tanto que sua barriga doía. Sua barriga também doía naquele momento, mas por um motivo diferente.

— Não vou mudar de ideia — Zach disse, sem esboçar emoção.

— Mas não faz sentido — Poppy afirmou, sem permitir que ele saísse assim tão facilmente. — Você não pode simplesmente parar. Estamos no meio de uma história. O que vai acontecer com todos os outros? O que vai acontecer com Lady Jaye? Mesmo que ela escape das sereias, o que acontece depois? E o resto da tripulação?

William prometeu a Lady Jaye que a levaria ao lugar marcado no mapa como sendo a toca do Príncipe Tubarão. Havia jurado por sua honra e pela honra do *Pérola de Netuno*.

— Talvez um dos seus possa assumir como capitão.

Zach detestava a ideia, mas o *Pérola de Netuno* não era um brinquedo que pertencesse a um deles. Não passava de um pedaço de papel cortado, e não havia motivos para se prender a ele.

— Talvez eles façam Lady Jaye andar na prancha — disse Poppy.

— Não me *importo* com o que vai acontecer — Zach afirmou, e toda a raiva que fervilhava por causa de seu pai, daquela conversa e de tudo, sangrou na sua voz naquele momento, dando-lhe um tom cruel. — Vocês resolvam. Eu não me importo mais.

— Certo — Alice declarou, levantando as mãos como se estivesse se rendendo. — Que tal caminharmos até o mercado de pulgas?^[4] Ou ir andar de bicicleta? Tanto faz. Ver o que tem no sebo e jogar no fliperama da entrada do cinema. Como eu disse, dar um tempo.

Alice não tinha permissão para ir até lá, então a oferta era generosa.

— Não estou mesmo com vontade hoje — Zach falou. — Mas obrigado.

Eles já estavam quase na rua dele, quase em casa. Ele apertou o passo.

— Você terminou as Perguntas? — Poppy perguntou a ele.

Ele apoiou a mochila mais alto no ombro e balançou a cabeça. O bilhete estava dobrado e guardado no bolso da frente com zíper, com rabiscos e desenhos, cheio de provas de que ele se importava. Não podia dar a ela.

Poppy estendeu a mão.

— Eu não respondi — ele disse. — O que você quer?

— Devolva o papel, então. Talvez eu invente as minhas próprias respostas.

Ele franziu a sobrancelha.

— Não estou mais com ele. Eu perdi.

— Você *perdeu*? — Poppy gritou.

Zach se perguntou se ela estava com medo de alguém descobrir o que ela perguntara. Ele estaria.

— Provavelmente está na sua mochila, não é? — Alice perguntou. — Você poderia olhar.

— Desculpe — murmurou Zach. — Como eu disse, não sei onde está.

— O que aconteceu? — Poppy perguntou, agarrando o braço dele. — Por que você ficou tão diferente de repente?

Zach se virou para olhar para ela. Era preciso escapar antes que dissesse algo que não pudesse retirar.

— Não sei. Não quero brincar, é só isso.

— Tudo bem — Poppy disse. — Só traga o seu pessoal uma última vez. A última. Para que possam se despedir dos nossos.

— Não posso — ele falou. — Simplesmente não posso, Poppy.

— Só quero dizer tchau.

A mágoa no rosto de Poppy era grande, e tão parecida com a de Zach que era difícil olhar para ela.

— Eles gostariam disso. Sentirão saudades de Rose e Lady Jaye e Aeryn e Lysander, mesmo que você não esteja nem aí.

— Eles não são de verdade, sabia?

Zach sabia que estava sendo um idiota, mas era bom ser grosseiro, mesmo que fosse com a pessoa errada.

— Não são de verdade e não podem querer nada. Deixe de ser tonta. Você não pode brincar de faz de conta para sempre.

Alice respirou fundo. Os pontos vermelhos no pescoço de Poppy haviam passado para as bochechas. Ela estava a ponto de chorar ou bater nele; Zach não sabia ao certo o quê.

Quando ela falou, no entanto, sua voz estava sem emoção e séria.

— A Rainha... E se eu a tirar da cristaleira? Sei onde minha mãe guarda a chave. Eu vou brincar com ela. Ela sabe todos os segredos e vai dar o que você quiser. Tudo. Se você vier amanhã, poderá ter tudo o que quiser.

Zach hesitou. A Grande Rainha, que reinava sobre os Morros de Prata, o País Cinza, a Terra das Bruxas e todo o Mar Mais Negro. Ela teria informações sobre o pai de William, a Lâmina. Com a bênção dela, a maldição dele seria quebrada, e William poderia atracar o *Pérola de Netuno* onde quisesse. Era algo grande para Poppy prometer, principalmente porque sua mãe ficaria furiosa se Poppy tirasse mesmo a boneca da cristaleira. Ela era muito, muito velha e — de acordo com a mãe de Poppy — valia muito dinheiro. Iria valer muito menos se eles tocassem em seu delicadíssimo vestido de algodão ou mexessem sem cuidado em seus cachos frágeis e dourados como palha. E, se a Rainha estivesse livre de sua gaiola, quem poderia saber o significado disso para o mundo?

Por um momento, Zach se esqueceu de que não havia mais brincadeiras. Era um choque desagradável lembrar disso. Não importava quão tentador fosse, Zach *não podia* brincar. William, a Lâmina, não existia mais.

— Desculpe — ele disse, virando-se na direção de casa e encolhendo os ombros.

Poppy fez um som contido. Alice sussurrou alguma coisa.

Zach curvou a cabeça, fechou os olhos e continuou andando.

Naquela noite, à mesa da cozinha, Zach ficou cutucando seu frango assado. Ele não estava com fome.

— Sua mãe me fez ver que, se eu quiser que você comece a agir como adulto, não posso continuar a lidar com você como se fosse uma criança — seu pai disse, e parecia excessivamente sincero. — Ela está certa. Eu

não devia ter jogado suas coisas fora, porque meu trabalho é *guiar* meu filho para as escolhas certas, não fazê-las por ele.

O tom de voz do pai fazia Zach pensar no ano anterior, quando entrou em uma briga na escola. Sua mãe o fez se sentar no escritório do diretor até ele estar pronto para dizer a Harry Parillo que sentia muito por ter dado um soco nele, embora Zach não estivesse nem um pouco arrependido. A desculpa do pai de Zach parecia tão forçada quanto a dele naquele dia.

— Sei que é difícil se adaptar ao fato de nós estarmos juntos de novo — Mamãe disse. — Mas vamos continuar trabalhando nisso. Zachary, tem algo que você queira dizer?

— Não — Zach respondeu.

— Tudo bem — disse o pai, levantando-se da mesa e batendo no ombro de Zach. — Nós nos entendemos, não é?

Um silêncio constrangedor estendeu-se entre eles.

Por fim, Zach fez que sim com a cabeça, porque entendia mesmo o pai. Ele entendia que o pai queria deixar a mãe feliz. Ele entendia como era não se arrepender. Isso não bastava para que Zach o perdoasse.

No dia seguinte, Zach foi ao treino e tentou se livrar dos seus pensamentos em Poppy, Alice e seu pai jogando bola com tamanha agressividade que acabou levando uma bronca do treinador, sendo obrigado a permanecer no banco pelo restante do tempo. Zach tentou não pensar na história, o que aconteceria sem ele, fluindo pelos espaços vazios onde seus personagens costumavam estar até que fossem engolidos e esquecidos.

Ele pensou de novo em fugir, mas, à medida que o tempo passava, mais se dava conta de que não tinha para onde ir.

Como seu pai estava no restaurante naquela noite, a mãe o deixou comer ravióli em lata no sofá, em frente à televisão. Não conversaram muito, embora Zach tenha pegado a mãe lhe lançando olhares preocupados.

De manhã, Zach pediu a ela uma carona para a escola e, naquela tarde, voltou para casa com Alex Rios. Eles jogaram videogame no porão de

Alex, em uma televisão maior do que qualquer outra que Zach já vira fora de uma loja.

No dia seguinte, Alice foi falar com Zach enquanto ele fazia arremessos durante o intervalo, e apertou um bilhete na mão dele. Alguns dos outros meninos gritaram “Vai convidar a Alice!” e “Alguém tem namorada!” enquanto ela se afastava, o que a fez curvar os ombros como se enfrentasse um vento forte.

— Calem a boca — Zach falou, empurrando Peter Lewis, já que ele era quem estava mais perto.

O bilhete foi dobrado em um quadrado daquela vez, com seu nome cuidadosamente escrito em tinta azul. Quando Zach abriu, havia apenas três frases curtas no papel pautado:

Alguma coisa aconteceu com a Rainha. Vá para a casa do ermitão perto dos Morros Prateados depois da aula. É importante.

Importante estava grifado três vezes.

Não é nada, Zach disse a si mesmo.

Ele pensou nos cílios da Rainha tremendo e na sensação de os olhos fechados dela o seguirem enquanto ele atravessava a sala.

A Rainha não era de verdade, então nada de importante poderia ter acontecido com ela. Eram apenas Poppy e Alice tentando conseguir que ele aparecesse, para que eles pudessem ter a mesma briga de novo. Elas queriam que ele brincasse, mas ele não podia. Não havia nada que ele pudesse fazer além de explicar o porquê de aquilo ter acabado, e ele não conseguia se forçar a fazer isso,

— O que o bilhete dizia? — Alex perguntou. — Ela disse que quer seu corpo magrinho?

Zach rasgou-o ao meio e de novo agora em pedaços menores.

— Não. Ela só quer minha lição de casa de matemática.

Não tinha treino depois da aula naquele dia, mas Zach ficou até mais tarde de qualquer maneira, fingindo que haveria. Conseguiu convencer o treinador a deixá-lo treinar arremessos no ginásio, o que ele fez metodicamente, sozinho, deixando-se afundar no baque surdo da bola, no

apito dos seus tênis e no cheiro familiar de cera fresca no chão e de suor velho.

Capítulo

Cinco

Zach acordou na escuridão do seu quarto. Ele não tinha certeza do porquê, mas seu coração estava disparado, a adrenalina pulsava nele, como se alguma coisa tivesse ativado a reação de lutar ou fugir do seu corpo. Zach piscou no escuro, deixando os olhos se acostumarem à pouca luz. A lua estava alta o bastante para dar ao quarto um sinistro e intenso brilho prateado. Ele conseguia distinguir a forma familiar dos seus móveis. Sua gata preta desenrolava e alongava o corpo longo e magro, as garras afundavam na colcha. Ela caminhou até Zach, seus olhos amarelos preenchidos pela luz refletida.

— O que foi? — ele sussurrou para Festa, estendendo a mão para acariciar sua cabeça macia e triangular e apertar o polegar contra a orelha dela, dobrando-a e esfregando-a. A gata deitou encostada a ele e começou a ronronar.

Tap.

Zach pulou. A gata sibilou, com os dentes brancos brilhando ao luar, e pulou da cama. Algo pequeno e duro havia batido na janela.

Não era o eco de um sonho, não era uma história inventada. Alguma coisa tinha mesmo batido no vidro, colidindo com uma das vidraças que Zach não conseguia ver, uma das mais baixas, escondidas atrás das meias-cortinas azuis.

Um sopro repentino de vento fez tremer e agitar os galhos do lado de fora. Ele não podia deixar de imaginar os dedos longos e ossudos das árvores arranhando o vidro.

Quando Zach era pequeno, acreditava de verdade nas regras universais sobre monstros. Tinha certeza, por exemplo, de que, se deixasse todo o corpo sobre o colchão embaixo da coberta, se mantivesse os olhos fechados fingindo dormir, ele estaria seguro. Não sabia de onde tinha tirado aquela ideia. Mas lembrou-se da mãe dizendo que ele acabaria

sufocado se continuasse dormindo com a cabeça embaixo da manta. E, certa noite — sem qualquer motivo —, Zach acabou pegando no sono com a cabeça para fora das cobertas, tal como uma pessoa normal, e nenhum monstro o pegou. Ao longo do tempo, ele ficou menos cuidadoso com suas medidas de segurança, até passar a dormir com frequência com um braço pendurado na lateral da cama e os pés livres dos cobertores.

Porém, naquele instante, ao som do vento, por um momento de pânico, tudo o que Zach queria era se enterrar debaixo das cobertas e nunca mais sair.

Tap. Tap.

A coisa que batia na janela era apenas um galho, ele disse a si mesmo.

Ou um esquilo sem sono fazendo barulho pelas calhas.

Tap.

Ele não conseguiria voltar a dormir se não olhasse. Zach escorregou para fora da cama, caminhando com os pés descalços pelo tapete. Juntou coragem, respirou fundo e puxou a cortina.

Havia pedrinhas espalhadas nos tijolos do telhado em frente à sua janela. Foi a primeira coisa em que ele reparou. A segunda foi que, quando olhou além do telhado, viu duas figuras negras olhando para ele do gramado iluminado pela lua. Ele estava surpreso demais para gritar. Tinham cabelos varridos pelo vento e os rostos erguidos e, por um momento, ele não as reconheceu. No entanto, depois percebeu que eram apenas Poppy e Alice, não garotas zumbis ou bruxas ou fantasmas. Alice levantou a mão, acenando timidamente. Poppy tinha mais um punhado de pedregulhos e parecia pronta para jogá-los em Zach.

Ele soltou a respiração e acenou de volta sem muita firmeza. Seu coração acelerado começou a ficar mais calmo.

Poppy acenou para ele. *Desça*, ela gesticulava.

Ele pensou no bilhete que Alice lhe entregara e em como ela sublinhara o *importante*, mas não conseguia pensar em nada tão importante que as levasse a fugir de casa em uma sexta à noite. A avó de Alice a deixaria de castigo por toda a eternidade se descobrisse.

Zach afastou-se da janela. Em silêncio, foi até o armário e enfiou os pés em um par de tênis. Colocou uma malha sobre a camiseta e arrastou-se para o andar de baixo com a calça de pijama estampada com crocodilos.

Festa o seguiu, choramingando em protesto, provavelmente esperando ganhar comida.

As luzes sob o armário da cozinha estavam fortes o bastante para ele passar tropeçando, e ele conseguiu encontrar seu casaco em um gancho na entrada. O micro-ondas mostrava a hora em números verdes piscantes: meia-noite e três. Zach colocou o casaco sobre os ombros e saiu, fechando a porta antes de a gata conseguir passar.

Poppy e Alice o esperavam.

— Ei — ele sussurrou para a escuridão. — O que está acontecendo? O que foi?

— Xiiiiu — Poppy disse. — Vai acabar acordando todo mundo. Vem.

— Para onde? — ele perguntou, olhando para sua casa atrás de si.

Havia uma luz acesa no quarto dos pais no andar de cima. Às vezes sua mãe ficava acordada até tarde, lendo; às vezes ela caía no sono com a luz acesa. Se ainda estivesse acordada, o som da conversa deles poderia chegar até ela, mas ele queria saber *alguma coisa* antes de simplesmente seguir Alice e Poppy pela noite.

— Até os Morros Prateados — Alice respondeu.

Era um ferro-velho especializado em metais a cerca de 1,5km das casas deles. O dono comprava de tudo, desde peças de carros até latas, e, embora ninguém soubesse o que ele fazia com aquilo, além de deixar tudo enferrujar em enormes montes na sua propriedade, eles produziam uma visão impressionante. As varas listradas, as peças de máquinas e as baterias brilhavam como montanhas de prata, e, por isso, eles começaram a chamar o lugar de Morros Prateados. Tinham inventado uma história completa, inclusive com anões e *trolls* e uma boneca princesa que Poppy havia pintado de dourado.

Zach correu atrás de Poppy e Alice, o vento atravessando seu pijama fino, o que o fazia sentir frio ao mesmo tempo que meio ridículo. Após

alguns minutos, Poppy tirou uma lanterna do casaco e a acendeu. Ela iluminava apenas um pedaço estreito de grama e terra e, assim, Poppy tinha de balançá-la para a frente e para trás para poder ver melhor.

Havia a mesma antiga cerca alta de alambrado de que Zach se lembrava. E havia o mesmo velho barracão abandonado no qual eles se encontraram alguns verões antes e que usaram como sede até a avó de Alice descobrir e dar um sermão sobre tétano e como isso podia levar a algo chamado trismo. Zach não tinha certeza se trismo era algo real, mas ele pensava nisso sempre que sentia o maxilar duro.

Nunca mais foram até lá desde então; ou, pelo menos, *ele* não foi mais. Zach perguntava-se se Poppy e Alice iam escondidas para o barracão sem ele. Elas pareciam cheias de segredos naquela noite. O único segredo que ele tinha era um que preferiria não ter.

Alice abriu a velha porta com um rangido e entrou. Ele a seguiu, nervoso.

Poppy sentou-se no chão cheio de lascas, de pernas cruzadas, acomodando a lanterna em seus tênis, o que fez com iluminasse o próprio rosto. Depois, tirou a mochila de um dos ombros, puxando-a até o colo.

— E então, vão me contar o que está acontecendo? — Zach perguntou, sentando-se em frente a Poppy.

As tábuas de madeira estavam frias, e ele as sentia por baixo da sua calça de pijama. Zach se remexeu, na tentativa de ficar confortável.

Ela abriu o zíper da mochila.

— Você vai rir — ela disse. — Mas não deveria.

Ele olhou para Alice, encostada numa parede do barracão.

— Poppy viu um fantasma — ela falou.

Ele tentou conter o arrepio. Fantasmas não são assunto para um barracão abandonado à noite.

— Vocês só estão tentando me assustar. Isso é algum tipo de bobagem...

Poppy tirou cuidadosamente a boneca de porcelana de osso da mochila. Zach puxou a respiração e ficou em silêncio. Os olhos pretos entorpecidos

da Rainha estavam abertos, encarando-o. Ele sempre achou que ela tinha uma aparência assustadora, mas, no feixe de luz refletida da lanterna, ela apresentava um aspecto demoníaco.

Poppy tocou no rosto da boneca. Era de um branco puro, como um prato do jantar. O cabelo, seco como cerdas de escova, estava trançado no que se podia dizer ser o seu couro cabeludo; suas bochechas e lábios estavam pintados com um rosa fraco. Quando ela foi virada com as costas para baixo, seus olhos permaneceram abertos em vez de se fecharem como deveriam, como se ela ainda estivesse observando Zach. Havia um rasgo no ombro do seu vestido fino e frágil. Ele não havia envelhecido tão bem quanto o restante da boneca... E o passeio na mochila de Poppy provavelmente não havia ajudado muito.

— A Rainha — Zach falou com a voz instável, forçando um tom de zombaria para camuflar seu medo crescente. — E daí? Vocês me trouxeram até aqui para ver uma *boneca*?

— Apenas escute — Alice falou. — Tente não ser o grande idiota no qual se transformou.

Alice nunca falava coisas assim, especialmente não para ele. Aquilo doeu.

— Sei que você disse que não nos veria no outro dia, mas eu pensei que talvez você fosse de qualquer maneira — Poppy contou, falando rápido. — E eu não podia simplesmente ir ao armário e tirar a Rainha se a mamãe estivesse lá. Por isso, tirei a boneca naquela noite, quando brigamos, e mexi em algumas das outras coisas da mamãe para esconder o que eu tinha feito. Mas, naquela noite... Bem, eu vi uma menina morta.

— Quer dizer que teve um *pesadelo* — Zach disse.

— Fica quieto um minuto — Alice falou.

— Não foi um sonho como os outros — Poppy garantiu, seus dedos arrumando os cachos da Rainha e sua voz mudando, ficando suave e fria como o ar da noite.

Isso lembrou Zach da maneira como Poppy falava quando interpretava os vilões ou a própria Rainha.

— Não se parecia em nada com um sonho. Ela estava sentada na ponta da minha cama. Seu cabelo era loiro como o da boneca, mas estava embaraçado e sujo. Ela estava usando uma camisola suja de lama. A menina me disse que eu tinha de enterrá-la. Disse que não poderia descansar enquanto seus ossos não estivessem no seu próprio túmulo e que, se eu não a ajudasse, ela faria com que eu me arrependesse.

Poppy fez uma pausa, como se esperasse que ele dissesse alguma coisa sarcástica. Alice se mexia desconfortavelmente. Zach ficou em silêncio por um longo tempo, paralisado pelas imagens que Poppy invocara. Ele quase podia ver a menina com a camisola manchada.

— Seus *ossos*? — ele enfim repetiu.

— Você sabia que a porcelana de osso tem ossos de verdade? — Poppy disse, batendo em uma bochecha de porcelana. — A argila dela foi feita com ossos humanos. Ossos de menininha. Esse cabelo trançado pelo crânio é o cabelo da garotinha. E o corpo da boneca está cheio do que restou das cinzas dela.

Um tremor arrepiou-lhe a espinha. Ele fechou os olhos para não olhar para a boneca no colo de Poppy.

— Certo, essa é a ideia que vocês têm de uma pegadinha engraçada. Eu entendi. Estão bravas comigo por eu não brincar mais e, por isso, inventaram essa história para me assustar. Qual é a moral da história? Alguma de vocês pendurou um lençol do lado de fora para ficar balançando em uma árvore ou algo assim?

— Eu disse a você — Alice falou para Poppy, em voz baixa.

— Vocês penduraram *mesmo* um lençol?

Zach franziu as sobrancelhas, olhando para fora, para as árvores e os montes de latas e metais.

— Não, seu babaca — Alice respondeu. — Eu disse a ela que você não acreditaria em nós e que não iria querer ajudar.

Ele jogou as mãos para cima, confuso.

— Ajudar com o quê? Ajudar a *enterrar* uma *boneca*? Por que vocês precisariam me acordar no meio da noite para ajudar a fazer isso?

Poppy puxou a boneca contra o peito e um dos olhos dela fechou e abriu, como se piscasse para Zach.

— Eleanor Kerchner é real. Esse é o nome da menina-boneca. Ela me contou sua história. O pai era um trabalhador de uma fábrica de porcelana, desenhava e decorava cerâmicas. Quando Eleanor morreu, o pai ficou completamente louco. Ele não conseguia suportar a ideia de ter de enterrá-la e, assim, levou o corpo para os fornos do trabalho, cortou-o e cremou-o. Ele moeu os ossos queimados e usou-o para fazer uma porção de porcelana de ossos e, depois, colocou-a em um molde feito a partir de uma das bonecas favoritas de Eleanor. E, assim, o túmulo dela ficou vazio.

Zach tentou engolir, embora sua garganta parecesse de repente muito seca. Era fácil demais imaginar a boneca se mexendo sozinha, tremendo as pálpebras pintadas e virando-se na direção dele. Talvez abrindo sua pequenina boca de botão de flor para gritar.

— Ela contou isso para você?

— Cada noite ela me contava um pouquinho mais da sua história.

Iluminado pela lanterna, o rosto de Poppy ficou estranho.

— Ela não descansará até a gente enterrá-la. E não vai nos deixar descansar também. Ela prometeu nos atormentar se não ajudarmos.

Ele olhou para Alice.

— E você acredita nisso? Você acredita em tudo isso?

— Eu nunca acreditei em fantasmas, então não acreditei logo de cara — Alice contou. — Sem querer ofender, Poppy, é uma história maluca. E ainda não tenho certeza absoluta, mas mostre a *coisa* para ele. É bem convincente.

— Mostrar o quê?

Poppy puxou a cabeça da boneca com força para cima. Zach segurou um grito por causa da violência repentina do ato, mas tudo o que isso revelou foi um aparato de corda com um gancho de metal enferrujado. Com um giro, a cabeça da Rainha saiu completamente, deixando o gancho ainda preso ao pescoço, pendurado pela corda. Poppy deslizou os dedos para

dentro do corpo da boneca, tateando como se estivesse tentando alcançar alguma coisa.

— O que está fazendo?

Zach encarou a cabeça sem corpo colocada no joelho de Poppy. Os olhos estavam fechados.

Poppy tirou um velho saco de tecido de juta da cavidade do pescoço.



— Aqui, olhe dentro dela.

Ele pegou o pano grosseiro enquanto ela virava o feixe de luz para ele, revelando assim letras e uma data em uma escrita em tinta manchada. O saco estava cheio, mas Zach não sabia dizer cheio com o quê.

— Liverpool? — ele leu em voz alta.

Ele tinha uma vaga lembrança do lugar por causa de um documentário britânico sobre rock a que sua mãe assistiu certa vez, tarde da noite.

— É de onde vieram os Beatles... Na Inglaterra. Não tem jeito de irmos até lá. Acho que vamos ter que descobrir se meninas fantasmas podem mesmo amaldiçoar pessoas, porque...

— Foi o que eu pensei no começo — Alice falou e apontou para as marcações. — Mas olhe de novo. Diz *East* Liverpool. Em *Ohio*. Então, poderíamos entrar em um ônibus e chegar lá pela manhã.

Ela fez uma pausa.

— E nós vamos. Esta noite. Bem, tecnicamente, já está de manhã, então vamos pela manhã.

Ele olhou da boneca para Alice e, depois, para Poppy.

— Foi para isso que me trouxeram até aqui?

— Tentamos explicar ontem — Alice avisou. — Eu disse a você que era importante.

Poppy estendeu a mão para baixo, virou o feixe da lanterna para o seu relógio e, depois, iluminou Zach.

— Há um ônibus que vai parar na cidade às 2h15 da manhã. Vem da Filadélfia e vai para Youngstown. Uma das paradas é East Liverpool. Alice disse que vem se você vier também.

Zach pensou na história de fantasma que Poppy tinha contado na última vez em que voltaram andando para casa, sobre prender a respiração ao passar por um cemitério. Estaria ela tentando fazer uma brincadeira diferente? Uma brincadeira que criara a partir da vida deles? Mas Poppy não parecia tão alegre como costumava ficar quando tinha uma ideia eletrizante. Ela parecia pálida e nervosa. Como se não estivesse dormindo bem.

— Vocês vão mesmo? — ele acabou perguntando, olhando para Alice.

Sua avó não gostaria de nada na história: nem do fantasma, nem do ônibus e, definitivamente, nem de Alice estar na rua às duas da manhã com um menino... Mesmo que o menino fosse ele.

Alice encolheu os ombros.

Os pais de Zach também não iriam gostar de que ele fosse, mas aquilo era um ponto a favor do plano no que dizia respeito a ele. E, se ele decidisse que nunca mais voltaria, bem, pelo menos teria alguma companhia enquanto decidia para onde ir. Nas histórias, o menino órfão tornava-se assistente de criadores de porcos e aprendizes de mágicos. Na vida real, ele não tinha certeza se existiam empregos equivalentes.

— Você ainda não olhou dentro do saco — Alice lembrou, apontando para o saco de tecido de juta que ele segurava. — É bem estranho.

Tremendo, ele puxou os cordões para espiar dentro. Poppy deu a Alice a lanterna. Ela a segurou bem alto, apontando-a para baixo até Zach.

Por um momento, Zach não soube o que estava vendo. O saco parecia cheio de algo que lembrava um pouco areia escura com pedaços de conchas. Então ele percebeu que a bolsa estava cheia de cinzas, e o que ele pensou serem conchas eram na verdade pedaços afiados e brancos de ossos.

É claro. O que sobrou das cinzas. Os restos de um fantasma. De uma garota. Da Rainha.

Uma sensação de terror primitivo e obscura o dominou. Ele queria largar o saco, sair correndo do barracão e voltar para a cama, onde poderia tremer sob suas cobertas. Mas não se mexeu. Suas mãos começaram a tremer, e ele apertou bem os cordões para não ter de olhar mais para aquilo.

— Poppy acredita que podemos pegar um ônibus de volta à tarde e chegar em casa a tempo para o jantar. É uma viagem de apenas três horas, mas não há muitos ônibus daqui para lá, só esse no começo da manhã e outro à tarde, que chegaria muito tarde para conseguirmos voltar a tempo. Deixamos um bilhete para os nossos pais.

Apesar das suas palavras, a voz de Alice ficou um pouco menos confiante. Zach perguntou-se se ela havia se recusado a ir no começo, antes de aparentemente prometer a Poppy que, se Zach fosse, ela iria também.

— Se esses ossos forem de *verdade* — ele começou —, não deveríamos contar a alguém? Uma menina morreu. Talvez o pai de Eleanor a tenha matado. Talvez seja um caso arquivado.

— Ninguém vai se importar com uma história antiga — Poppy afirmou. — E, mesmo que acreditem, simplesmente nos arrancarão a boneca... Ela será colocada em um museu ou a exibirão em algum lugar... E o espírito dela vai ficar bravo.

Ele parou, pensando em tudo que ela disse e também no que ela não disse.

— Você encontrou as cinzas antes ou depois de sonhar com Eleanor Kerchner?

— Eu vou, com vocês ou não — Poppy disse, arrancando o saco de tecido da mão de Zach.

Ele achou que isso pudesse significar que ela havia achado as cinzas antes.

— Acreditem ou não em mim, eu vou enterrar as cinzas dela como ela quer.

Entrar em um ônibus no meio da noite para ir a um lugar onde eles nunca estiveram era assustador. Havia também um pouco de aventura nisso.

— Certo — ele disse. — Certo. Eu vou.

Alice olhou para ele com os olhos arregalados de surpresa. Ele se perguntou pela primeira vez se ela tinha planejado tudo para que ele dissesse não, e não tinha pensado na possibilidade de ele dizer sim. Se fosse isso, ela provavelmente deveria ter-lhe dito.

— Eu vou — ele continuou —, desde que as duas prometam não me perguntar sobre a brincadeira ou por que eu não quero brincar. Certo? Chega de me atormentar com isso.

— Certo — disse Poppy.

— Certo — disse Alice.

— *Certo* — disse Zach.

— Você precisa se preparar rápido — Poppy afirmou. — E deixe um bilhete para os seus pais não enlouquecerem. Apenas diga que saiu cedo e estará de volta hoje à noite.

— E você tem certeza de que o ônibus vai nos trazer de volta a tempo?
— Alice perguntou. — Certeza absoluta?

— Sim — Poppy respondeu. — Eu planejei tudo. Só traga comida e suprimentos, certo, Zach? Nos encontramos na caixa de correio em vinte minutos.

Ela desligou a lanterna e, por um momento, o barracão ficou mergulhado na escuridão.

Zach piscou, deixando seus olhos se acostumarem. Quando conseguiram, Poppy tinha guardado a Rainha e, assim, pelo menos sua cabeça terrível com o olho que piscava estava escondida.

Zach caminhou para casa pelas ruas silenciosas, seus tênis molhados com o orvalho da grama congelada. Havia um tipo de quietude que cobria o mundo no meio da noite, como se não houvesse mais ninguém acordado em nenhum lugar. Parecia cheio de magia e de possibilidades infinitas.

Ele entrou escondido em casa e ficou parado por um longo instante na cozinha escura, uma sensação de enorme ousadia enchendo seu coração. Quando enfim foi até os armários, sentiu como se estivesse juntando provisões para aquelas jornadas épicas da fantasia, o tipo que precisava de charque ou algo chamado biscoito endurecido, que ele leu que os soldados comiam durante a Guerra Civil e que pensava ser um tipo de pão. Sua mãe não tinha nenhuma dessas coisas, nem tinha lembas, o que evitou que Frodo e Sam morressem de fome no caminho para a Montanha da Perdição e sempre o fazia pensar em *matzoh* (que sua mãe também não tinha). Ele achou uma lata de refrigerante de laranja, um pacote de bolachas salgadas, três laranjas, Twizzlers vermelhos e um pote de manteiga de amendoim. Guardou tudo na mochila.

No quarto, Zach vestiu uma calça jeans, trocou a malha por um agasalho de zíper e colocou mais algumas coisas aleatórias na mochila, que ele pensou que podiam ser necessárias: vinte e três dólares (vinte dos quais tinham vindo da tia em um cartão pelo aniversário dele), um livro que identificava plantas venenosas (para o caso de precisar viver na floresta e

comer frutinhas, o que ele admitia ser uma possibilidade remota) e um saco de dormir que era um pouco pequeno para ele, mas funcionava bem como cobertor quando estava totalmente aberto. No armário do corredor, ele encontrou uma lanterna e pegou uma pá de jardinagem ao lado da porta dos fundos.

Antes de sair, ele escreveu um bilhete e apoiou-o na cama. Dizia:

Acordei cedo. Fui jogar basquete. Talvez não volte para o jantar.

Talvez não volte nunca mais, ele pensou, mas não escreveu.

Ao sair de casa, fechando a porta em silêncio, ele se perguntou por um instante, mais uma vez, se aquilo era um truque. Uma mentira. A tentativa de Poppy de uma última brincadeira.

No entanto, as cinzas pareciam reais, ele lembrou a si mesmo.

No final, ele não tinha certeza se foi porque estava acostumado a seguir a liderança de Poppy em uma história ou, simplesmente, porque ir embora permitia que ele fugisse e ainda acreditasse que poderia voltar.

Se quisesse.

Capítulo

Seis

Zachary estava acostumado com histórias sem finais felizes. O pai chamava o lugar onde moravam de Oeste do Nada, Pensilvânia, alegando que fazia fronteira com Melhor Esquecer, Virgínia Ocidental, e Já Esquecido, Ohio. Quando Zach era pequeno, aqueles pareciam lugares mágicos, até que ele percebeu que não passavam de sarcasmo^[5]. A mãe de Zach tinha estudado para trabalhar com arteterapia, mas o único lugar onde conseguira trabalho havia sido o centro de detenção juvenil. Se ela quisesse que as crianças fizessem arte, precisava levar os materiais e recolhê-los depois de cada sessão, porque seu supervisor tinha medo de que as crianças golpeassem umas às outras nos olhos com as canetas.

Os pais da mãe de Zach, que agora moravam permanentemente na Flórida, contavam histórias de como as coisas costumavam ser. Sobre como as grandes casas vitorianas — aquelas construídas por alguns arquitetos famosos, as que estavam situadas no centro da cidade — costumavam ser de propriedade de uma única família e não divididas em apartamentos malcuidados. A avó contava histórias sobre pessoas que ela conheceu quando ainda era pequena, pessoas que saíram da cidade e fizeram a vida em outro lugar. O mais feliz que as histórias se tornavam era quando seus pais falavam que as coisas melhorariam, embora nenhum deles parecesse acreditar mesmo nisso, e Zach também não acreditava.

Quando o pai de Zach foi embora, três anos antes, ele disse que montaria seu próprio restaurante na Filadélfia, iria à Itália para estudar como as massas eram feitas e estava conseguindo um horário na TV para fazer um programa noturno, e transformaria isso em uma fortuna. Porém, dois meses depois, ele voltou e foi morar em um dos horríveis apartamentos na maior e menos conservada casa vitoriana e entrava e saía da vida de Zach ao sabor do vento, até finalmente voltar para a casa deles. Era como se a cidade tivesse algum tipo de influência gravitacional nas pessoas que moravam ali. Porém, enquanto Zach ainda pensava naquilo,

ele sabia que era apenas mais uma história. Papai estava de volta porque não conseguira aguentar a cidade grande. Isso era tudo.

Ele se perguntava se crescer era descobrir que a maioria das histórias não passava de mentira.

O ponto de ônibus estava tão frio que a respiração de Zach se condensava no ar. O vento tinha aumentado. Ele os varria enquanto os três ficavam bem juntos, encostados no muro externo de tijolos do posto do correio. Na luz bruxuleante da rua, Zach podia ver melhor as meninas. Poppy havia prendido o cabelo cor de cobre em um rabo de cavalo e estava usando um agasalho verde-escuro com jeans e botas marrons de cano alto. Alice estava com um grande casaco vermelho sem forma. As duas tinham mochilas jogadas sobre os ombros.

Zach sentiu seu olhar ir para a mochila de Poppy, sabendo que a Rainha estava lá dentro e sabendo, sem saber que sabia, que seus olhos estavam abertos. Ele sentiu o peso do olhar dela nas suas costas, quando então se virou. Os cabelos da sua nuca se levantaram, fazendo cócegas em sua pele e provocando uma tremedeira.

O ônibus já estava quinze minutos atrasado, e não havia nem sinal dele — ou de qualquer outro veículo — na estrada. Um pouco antes, eles tinham visto um carro de polícia bem longe, e se apertaram contra o muro do prédio. Enquanto se escondiam, Poppy sussurrou o tempo todo sobre a cor forte do casaco de Alice os entregar, e Alice sussurrou de volta que só tinha pegado roupas para dormir na casa de Poppy, e não pensou que eles iriam partir para algum lugar feito loucos *naquela noite*. Mas o carro de polícia virou na Rua Principal e foi para longe deles. E o carro seguinte que passou foi um caminhão. Ele nem desacelerou.

Alice bocejou.

— Talvez devêssemos voltar. Acho que o ônibus não vem.

Zach, levado pelo impulso que faz os bocejos serem contagiosos, bocejou também.

— Parem — Poppy disse. — Só temos que esperar mais um pouco.

— Você não pode ficar brava por estarmos cansados — Zach falou.

Poppy estava claramente chateada ainda, mas não discutiu com ele.

— Vamos dormir no ônibus.

Alice mordeu o lábio e olhou esperançosa para o trecho de rua vazia. Aparentava ficar mais feliz à medida que eles esperavam. Zach estava quase certo de que ela apostava que o ônibus não viria e eles voltariam para a cama, tendo passado por uma aventura agradável no meio da noite. Zach podia ver que Alice não queria ser a responsável por amarelar, mas era óbvio que ela não queria ir. Se a avó dela descobrisse aquilo, não haveria mais ensaios de peça, nem pernoites na casa da amiga, nem chance de passar tempo com Zach e Poppy. Nunca mais.

Zach entendia tudo aquilo e se sentia mal por Alice, mas não mal o suficiente para dizer algo. Por um sentimento egoísta, ele a queria por perto.

— Mais dois minutos — Alice declarou — e a gente volta. Estou congelando.

Poppy não respondeu.

— Um minuto e cinquenta e nove segundos — Alice contou. — Um minuto e cinquenta e oito.

Ao olhar para a placa do ponto de ônibus, Zach pensou como seria descer em um lugar como aquele em uma cidade diferente, uma cidade onde ele não sabia andar.

— Quando chegarmos a East Liverpool, você sabe aonde temos que ir, né? Em qual cemitério Eleanor supostamente estava enterrada e como achar o túmulo. Você sabe tudo isso, certo?

Poppy abriu a boca e hesitou em responder. Nesse instante, um ônibus virou a esquina a três quarteirões dali, banhando-os com a luz dos faróis. Zach não tinha percebido o quanto Poppy estava preocupada com o fato de o ônibus não chegar até ver quão aliviada ela parecia conforme ele se aproximava. O rosto de Alice congelou em uma expressão de medo.

— Você não precisa ir — Zach sussurrou para ela, decidindo que não podia ser tão chato.

— Não — Alice falou, olhando a rua para o lado oposto ao do ônibus e suspirando. — Não é isso. Eu só estou cansada. De qualquer forma, se eu voltar escondida para casa sendo que deveria estar dormindo na casa da Poppy, a vovó vai fazer muitas perguntas.

Da última vez que Alice foi pega voltando depois do horário, ficou de castigo por um mês inteiro. Ela foi ver a versão em filme de um dos seus musicais favoritos, acompanhada de alguns amigos do teatro e de Poppy. De alguma forma, os pais que lhes dariam carona não chegaram a tempo, ou talvez tenham demorado muito para deixar todo mundo em casa, mas Alice acabou chegando meia hora atrasada. Foi o bastante. Bum. Estava superencrencada. Sem telefone. Sem internet. Sem nada.

Por isso, mesmo sabendo que ela não estava sendo totalmente sincera sobre sua vontade de ir, já que provavelmente teria problemas de qualquer forma, Zach pensou que Alice poderia pelo menos ter uma aventura e esperar pelo melhor.

A porta se abriu com o ranger das engrenagens. Um homem velho com uma dura barba branca olhou para eles. Uma pequena argola de ouro pendia de uma de suas orelhas, e ele tinha um rosto que fazia Zach se lembrar de um bruxo grosseiro e nada amigável.

— Bem, subam se vão subir.

Poppy, Zach e Alice subiram os degraus, cada um alimentando uma máquina com dinheiro localizada ao lado do motorista. Ela imprimiu três passagens e devolveu o troco em uma tigela, fazendo barulho. Zach arrastou os pés pelo corredor, passou por uma mulher que tricotava e três estudantes de faculdade dormindo nos assentos, passou por um cara que murmurava sozinho e olhava pela janela.

Zach foi até o fundo do ônibus, seguindo Poppy. Eles se sentaram no longo e último assento. Um momento depois, Alice se juntou a eles, apertando-se perto da janela.

— Viram? — Poppy disse, puxando as pernas para cima até ficar sentada sobre os pés em uma estranha posição de ioga. — Tudo está saindo de acordo com o plano.

— Não acredito que o ônibus veio mesmo — Alice falou, com a voz fraca.

Zach olhou a mochila de Poppy apoiada no chão e perguntou-se se ela teria recolocado a cabeça da Rainha ou se a cabeça ficaria rolando no fundo da mochila quando o ônibus fizesse curvas. Ele imaginou conseguir ver alguns fios do cabelo loiro dela espiando para fora de onde o zíper não havia sido completamente fechado.

O ônibus arrancou para a frente, saindo do ponto, e, apesar de tudo, Zach começou a sorrir. Eles estavam saindo de casa sozinhos... Indo para uma aventura de verdade, do tipo que muda as pessoas. E ele sentiu uma animação percorrer-lhe o corpo.

— Você não me respondeu — Zach disse. — Sabe onde fica o cemitério? Sabe aonde vamos, Poppy?

— O túmulo está debaixo de um salgueiro. Eleanor vai nos dizer o resto.

— *Eleanor vai nos dizer?* — ele perguntou, com a voz baixa e nervosa.

— Ela me contou tudo isso, não contou? — Poppy falou e, depois, daquele jeito que fez Zach se certificar de que ela ainda não tinha certeza de alguma coisa, mas, mesmo assim, aparentava ter, Poppy acrescentou com clareza e sem responder: — Se não acreditava em mim, por que veio?

Irritado, ele fingiu bater a cabeça contra o apoio do assento. Poppy o ignorou.

Alice inclinou-se contra a janela e puxou as pernas para cima do assento, apoiando um sapato contra a perna de Zach. Ela parecia exausta, mas não parecia mais triste.

— Vou tentar dormir.

Ela apoiou uma das mãos no tornozelo para não escorregar.

— Deveríamos fazer turnos — Poppy sugeriu. — Ficar de vigia. Como se deve fazer em uma missão. Assim, não perdemos a parada.

— Certo — Zach disse, estendendo a mão fechada. — Joquempô.

Alice estendeu a mão e piscou meio entorpecida, como se tentasse ficar acordada. Ainda assim, ganhou dele, jogando pedra contra a tesoura de

Zach. Ele continuou com a tesoura e enganou Poppy, que jogou papel, esperando que ele trocasse de opção. E, depois, Alice ganhou de Poppy, deixando para ela o primeiro turno, para Zach o segundo e para Alice o terceiro. Zach descansou a cabeça na sua mochila e fechou os olhos.

Ele achou que não conseguiria dormir, mas deve ter cochilado, porque pareceu levar apenas alguns momentos para acordar com um grito agudo de Poppy.

Ele se endireitou no assento. O homem velho que falava sozinho passou para o assento logo à frente do deles. Ele se inclinava para perto de Poppy e acabou soltando uma mecha do cabelo dela.

— Eu só estava brincando com você. Vamos, você é uma coisinha fofa. Não está acostumada a ser provocada?

O hálito ruim dele inundou Zach, trazendo um cheiro podre, como o de roupas molhadas deixadas na máquina de lavar durante a noite e o de tênis depois de um longo jogo. O cabelo dele eram cachos emaranhados e bagunçados, cheios de fios grisalhos, e ele tinha uma barba irregular que escondia parte do seu rosto soprado pelo vento. Manchas de nicotina escureciam as pontas dos seus dedos pálidos.

— Este é o seu irmão? Ele não faz provocações com você?

— Sim, ele é meu irmão — Poppy mentiu depressa. — E ele não gosta que eu fale com estranhos.

Ele soltou uma risada desagradável, revelando uma lacuna escura onde alguns dos dentes inferiores deveriam estar. Voltou sua atenção para Zach.

— Eu só estava dizendo para sua irmãzinha desbocada aqui que vocês não podem ter certeza de que este ônibus vai chegar aonde vocês querem ir.

Ele parecia bem provocador mesmo, mas de um jeito ruim. Um jeito assustador.

— Aquele motorista... Você não pode confiar nele. Ele está completamente gagá. E, às vezes, ele recebe alienígenas em seu corpo.

Alice se mexeu e abriu os olhos, piscando para afastar os sonhos. Quando viu o velho, arregalou os olhos e agarrou a bolsa.

— O que está acontecendo?

— Tudo bem — Zach disse ao homem, inclinando-se para a frente, tentando ficar entre ele e Poppy.

Seu pai diria que, como menino, era responsabilidade dele proteger as meninas. Isso o deixava ainda mais assustado, porque tinha medo de decepcioná-las.

— Obrigado pelo conselho.

O sorriso do velho aumentou.

— Ah, o homenzinho vai dispensar Tinshoe Jones. Quer brigar? Quer se mostrar para as meninas? E quem é aquela ali? Não é irmã de vocês. O que é que vocês estão fazendo afinal? Fugindo de casa?

Alice inclinou-se para a frente.

— Não estamos fazendo nada.

— Olha, obrigada por ter vindo falar com a gente — Poppy disse, em tom conciliador. — Mas se isso for tudo...

— Gagá até o último fio de cabelo.

Tinshoe bateu na cabeça e fez um movimento circular com o dedo, voltando ao que parecia ser seu assunto preferido: o motorista.

— Maluco demais. Às vezes ele se perde um pouco. Às vezes ele simplesmente estaciona e sai do ônibus, fica vagando por um tempo. E, às vezes, tem encontros com eles... As *coisas*. Na nave espacial brilhante deles. Você pode ver as luzes. Deixa a gente aqui o tempo que for preciso para ele se comunicar.

Alice cutucou Zach com o cotovelo e levantou as sobrancelhas, os olhos arregalados.

— Certo — disse Poppy. — Vamos prestar atenção nisso.

— Você tem um cabelo bonito também — Tinshoe Jones falou, virando-se para Alice com um sorriso malicioso.

Seus dedos dispararam para puxar uma das tranças dela.

— Como cordinhas.

— Não toque nela — Zach disse.

— Hum, é possessivo, hein? Bem, então, que tal eu conversar com a sua irmã e deixar os dois sozinhos?

Tinshoe tentou agarrar o braço de Poppy. Ela, num tranco, voltou-se para encostar-se na almofada, ficando fora do alcance da mão dele, antes que ele pudesse tocá-la.

— *Ei!* — Zach falou.

O homem riu.

— Vocês todos estão muito assustados, sabiam disso? Muito paranoicos. Bem, não vou falar com a loira, então é melhor esquecer isso. Não gosto da forma como ela olha para mim. Ela dirá a vocês que nunca, jamais, machucaria alguém, mas não acreditem. Ela machucaria vocês, com toda a certeza. Ela machucaria e curtiria isso.

Nenhum deles era loiro. Na verdade, até onde Zach sabia, no ônibus não havia ninguém loiro. Ele se perguntou como seria ser tão louco a ponto de ver coisas que não existem. Ele imaginou se, quando a pessoa tem alucinações, as coisas imaginadas são tão claras quanto as coisas normais ou se são borradas nos cantos, de forma que, se você prestasse bem atenção, poderia diferenciar.

— Está na hora de você se sentar em outro lugar — Alice disse a ele, crescendo de maneira impressionante, como fazia no palco durante as peças da escola. — Posso não parecer, mas sou irmã deles. Sou adotada. E não quero mais que você fale com o meu irmão assim.

— Ora, vamos — ele disse, enfiando a mão no bolso interno do casaco e tirando uma pequena garrafa embrulhada em um saco de papel. — Eu sou faixa preta. Vocês vão precisar de mim quando os alienígenas chegarem.

O ônibus virou a esquina e começou a desacelerar. Havia uma estação rodoviária muito iluminada na estrada. Zach suspirou aliviado.

— Espere e verá. O motorista vai sair do ônibus e nos deixar sozinhos. E, quando voltar, vai ter um rosto novo. Os alienígenas andam por aí com a pele dele. Então, quando ele fizer isso, para quem vocês vão contar?

O resto do ônibus estava silencioso e escuro, as únicas luzes estavam em duas fileiras no centro do corredor e perto da frente, onde a mulher com o tricô estava sentada. Parecia uma distância enorme. Havia apenas o tocar das agulhas e o som da voz do homem.

Dali a alguns minutos, eles poderiam sair do ônibus, mas e depois? Era muito cedo para que ali fosse East Liverpool. Era apenas uma parada qualquer em uma cidade qualquer que eles não conheciam.

— Tenha cuidado — Tinsloe Jones disse, fitando Zach. — É melhor não deixar que elas sejam pegas. É sua tarefa como irmão. Você é o homem da família e precisa lutar para garantir que os alienígenas não roubem o rosto delas. Eles gostam de cabelos ruivos. Eles levam as pessoas para as cavernas-fantasmas de diamantes e dali elas nunca mais sairão.

— Mas os alienígenas não vivem embaixo da terra — Alice falou, completamente incapaz de não comentar quando algo não fazia sentido. — Eles vivem no céu. Em naves espaciais.

Zach arregalou os olhos, tentando sinalizar para ela não fizesse nada que pudesse deixar Tinsloe Jones agitado.

O ônibus parou, o motor rangendo. A porta se abriu e as luzes do teto foram acesas, fazendo a pele de Tinsloe parecer pálida. Ele deu um gole na garrafa coberta pelo saco de papel. Depois, levantou-se.

— Isso mostra o que você sabe. Não, o mais seguro é vocês todos ficarem bem aqui no ônibus.

Eles olharam um para o outro.

— Preciso usar o banheiro — Zach avisou.

— Então vá — Tinsloe Jones disse. — Eu protejo estas senhoritas e verifico se você terá a mesma cara quando voltar.

— E se *nós* precisarmos proteger *nosso irmão*? — Alice perguntou, levantando-se.

Tinsloe Jones balançou a cabeça.

— Não podem ir aonde ele vai.

Por um instante horrível, Zach ficou preocupado que Tinsloe Jones viesse a bloquear o corredor e os impedisse de sair. Mas, nesse momento, o motorista se levantou e virou a cabeça na direção deles. Zach soltou um suspiro de alívio.

Se Tinsloe Jones conhecia o motorista bem o bastante para reclamar que ele sempre parava para os alienígenas, devia fazer com muita frequência aquele caminho. E, se fazia aquele caminho, devia ter perturbado outros passageiros antes. O motorista iria até lá atrás, diria algumas coisas e Tinsloe Jones voltaria para o seu assento. Tudo ficaria certo.

Porém, o motorista só olhou por um bom tempo para Zach, Poppy e Alice e desceu do ônibus. Não disse nem fez nada para ajudá-los.

Tinsloe Jones tinha um sorriso malicioso no rosto, como se desde o começo soubesse que não teria problemas.

Poppy o empurrou e passou por ele tão de repente que já havia passado antes que ele pudesse reagir. Enquanto Tinsloe Jones abria caminho para ela, Zach correu pelo corredor, pegando a mão de Alice e puxando-a com ele. Tinsloe Jones tentou pegar Alice, e ela soltou um único grito agudo de gelar o sangue, alto o bastante para acordar os universitários e para a senhora do tricô olhar para trás. Alto o bastante para que Tinsloe a soltasse, surpreso.

— Não venham chorar para mim quando os alienígenas pegarem seus rostos — ele berrou logo atrás deles.

O motorista estava fumando um cigarro, conversando com dois funcionários da estação, quando eles passaram correndo e entraram no prédio. Havia bancos e máquinas de comida e luminosas luzes fluorescentes. Alice desabou em um banco, os olhos um pouco molhados. Ela parecia tão assustada quanto Zach.

— O que vamos fazer? — Poppy perguntou, andando de lá para cá, a mochila em um dos ombros.

— O plano era seu — Zach disparou e, depois, arrependeu-se.

Ele sabia que não estava sendo justo, mas estava cansado e chateado e não tinha ideia do que fazer. Sentia-se inútil.

— Não podemos voltar para aquele ônibus — Alice declarou.

— Talvez pudéssemos contar a alguém... como um policial. Deve ter um policial perto de uma rodoviária tarde da noite, não?

— É, e aí eles vão perguntar quantos anos a gente tem.

Alice balançou a cabeça.

— E ligar para as nossas famílias.

Zach olhou para o motorista. Um dos funcionários da estação estava falando em um rádio. O outro observava os três.

— Acho que temos que sair daqui — Zach falou.

— Por quê? — perguntou Alice.

Depois, ela reparou nos três homens parados juntos e levantou-se depressa, colocando a bolsa em um ombro.

Zach pegou o braço de Poppy.

— Agora. Vamos. Vamos.

— Mas não fizemos nada — Poppy reclamou, andando com eles. — Por que estariam atrás de nós? Por que não fazem nada com aquele cara? É ele que...

— Porque somos crianças — Zach sussurrou, interrompendo-a.

— Estamos dando muito na cara — Alice alertou, com a voz baixa. — Poppy, a gente devia ir para o banheiro feminino e, sem alarde, tentar fugir por lá. Zach, encontre a gente do lado de fora. Compre alguma coisa na máquina. Todo mundo vai devagar.

Zach respirou fundo e, depois, falou alto e no tom mais casual que conseguia.

— Eu encontro vocês no ônibus.



Alice sorriu e concordou, balançando a cabeça exageradamente, fingindo um comportamento casual também. Poppy tentou imitá-la.

Um dos funcionários da estação tinha se separado dos outros e estava indo na direção de Zach, as batidas dos seus sapatos ecoando no espaço quase vazio. Ele não estava apressado, mas tinha uma intenção forte demais no modo como se movimentava para ser apenas uma simples caminhada. Zach seguiu para a porta, deliberadamente sem correr, embora quisesse. Ele parou por um minuto para olhar a máquina de comida. No seu reflexo, viu o cara da estação se aproximar, o uniforme azul fazendo-o parecer funestamente autoritário.

Zach seguiu na direção da porta.

— Ei, você aí — o cara da estação o chamou.

Mas Zach havia passado pela porta e já dobrava uma esquina do prédio, vendo Alice descer da janela do banheiro feminino. Logo depois dela, Poppy pulou e eles saíram correndo na escuridão de uma cidade desconhecida.

Capítulo

Sete

Eles se encolheram na escuridão na parte de atrás de um estúdio de tatuagem e observaram o ônibus partir da estação em uma nuvem de fumaça saindo de seu escapamento, levando com ele tanto o homem louco quanto as chances de os três chegarem a East Liverpool pela manhã. Toda aquela adrenalina que Zach sentira na estação se esvaiu, e ele estava cansado até a medula. Exausto, sem conseguir manter os olhos abertos, ele se encostou contra o muro de tijolos e pensou se seria possível dormir em pé.

— Onde estamos? — Alice enfim perguntou, sua respiração se condensando no ar.

— E como vamos sair daqui? — Zach questionou, afastando-se do muro. — Nem sequer sabemos em que cidade estamos.

Poppy falou em seguida:

— Há apenas dois ônibus para East Liverpool que fazem este caminho, e, se esperarmos para pegar o próximo, à tarde, não haverá tempo hábil para tomarmos o ônibus de volta à noite.

— Esqueça East Liverpool. Precisamos ir para casa — Alice afirmou, pegando o celular que ela só tinha permissão para usar em emergências.

— É claro — Zach concordou. — Mas também não podemos fazer isso, podemos?

Poppy puxou o horário dos ônibus de um dos bolsos, junto com um mapa todo remendado.

— Podem olhar aqui se quiserem, mas ele não vai dizer nada que eu já não tenha dito.

Alice pegou o horário dos ônibus e o abriu, estudando os nomes das estações como se pudesse descobrir onde estavam só de encontrar um nome que lhe parecesse ser o certo.

— Esperem — Zach disse, andando para o outro lado da viela, para poder ver a frente da estação rodoviária.

Ele voltou.

— East Rochester. Tem uma placa que diz isso... Mas onde *fica*?

Poppy se amontoou ao lado de Alice e, assim, juntas, apertaram os olhos para ver o roteiro sob o luar fraco.

— Havia apenas mais duas paradas antes de East Liverpool — Poppy disse, enfim. — Quase chegamos.

— Ainda nem sequer saímos da Pensilvânia — falou Alice. — Não tem essa de *quase chegamos*.

Poppy desdobrou o mapa e bateu nele com autoridade.

— Olhe, *ali* diz Ohio.

Depois, ela balançou a cabeça.

— Ah, é *Rio* Ohio.

Alice apertou mais o casaco em volta do corpo, sentando-se nos degraus na parte dos fundos de um prédio. Caçambas de lixo repousavam de um dos lados dela.

— Você pode ligar para o Tom e ver se ele nos pega?

Sua voz soava como se estivesse à beira do pânico. Ela estava calma, mas provavelmente não permaneceria assim.

Poppy apenas olhou para ela.

— Meu irmão nunca virá até aqui. Não naquele lixo de carro dele.

— E a sua irmã, então? — Alice perguntou, mascando a ponta de uma de suas tranças.

Poppy balançou a cabeça.

— O telefone dela quebrou. Eu não poderia falar com ela por mais que quisesse.

Alice olhou para a tela do seu celular, franzindo as sobrancelhas.

— Acho que eu poderia ligar para a minha tia Linda. Ela ficaria brava, mas viria.

— Ela contaria para a sua avó? — Zach perguntou.

Alice soltou um suspiro pesado, um pequeno arrepio passando por seus ombros.

— Provavelmente. E depois eu ficaria de castigo para sempre e teria que sair da peça e ser completamente infeliz. Mas há algo mais a fazer?

Zach tentou imaginar alguma coisa que pudesse falar para a avó de Alice na tentativa de explicar o que eles tinham feito. Ela não iria querer ouvir a história de uma boneca assustadora e possivelmente-inclusive-sem-cabeça, de um fantasma e de uma maldição que, provavelmente, nem existia.

— Eu não vou voltar — Poppy declarou, sentando-se nos degraus perto de Alice. — Vou esperar o próximo ônibus e continuar em frente.

— Mas você disse que o próximo ônibus só virá à tarde, e, se fizer isso, você não vai voltar para casa antes de domingo — Alice falou. — Onde vai dormir?

Poppy respirou fundo e sem firmeza. Zach percebia que a ideia de Alice abandoná-la fazia Poppy se sentir menos ousada. Ele também não queria que Alice fosse embora; ela era boa em fazer ideias malucas darem certo. Se Poppy inventasse que eles precisavam de um templo antigo debaixo das ondas, era Alice que ia encontrar os pedaços descartados de concreto para construí-lo. Se ela fosse para casa, basicamente isso seria o sinal de que estavam fazendo algo idiota.

— Alice tem razão. Podemos enterrar a Rainha no próximo fim de semana, ou no outro — Zach disse. — Qual é a diferença?

Os ombros de Poppy se arquearam para a frente à medida que ela ficava mais tensa.

— Se não continuarmos agora, nunca faremos. Simples assim. Vocês vão dar desculpas, eu vou perder a coragem e a Eleanor vai encontrar outra pessoa para assombrar, porque eu não vou ser interessante o suficiente

para um fantasma falar comigo. Não serei digna de ser a heroína de uma história.

— Todo mundo tem uma história — Alice sussurrou. — Todo mundo é o herói da sua história. Foi o que a Senhora Evans falou na aula de inglês.

— Não — Poppy disse, sua voz baixa muito brava. — Há pessoas que fazem coisas e pessoas que nunca fazem... Que dizem que vão fazer, mas simplesmente não fazem. Eu queria ter uma missão. E, agora que tenho uma, não vou recuar. Não vou para casa até terminá-la.

Zach achou que ela poderia estar certa. Pensou no pai, que queria fazer coisas e não fez. E decidiu que, mesmo que fosse idiota, ele queria ser o tipo de pessoa interessante o suficiente para um fantasma falar com ele. Apesar de a história da Rainha feita de ossos e recheada de cinzas humanas ficar mais assustadora à medida que se afastavam de casa.

Alice riu um pouco, desconfortável, como se tivesse se identificado um pouco com o que Poppy havia dito sobre ser heroína.

Sair no meio da noite e fugir da estação rodoviária já parecia o tipo de coisa que acontece em missões; assim, a partir dessa perspectiva, eles já estavam indo muito bem. Pensar nisso fez o cérebro cansado de Zach alternar para o modo brincadeira, o que o levava a pensar como William.

— E se *não* voltarmos logo? — ele perguntou de repente. — Se não ligarmos para ninguém, não estaremos encarcerados, certo? Ninguém vai saber o que aconteceu. Então, se pegarmos o ônibus hoje à noite — não o ônibus para East Liverpool, mas o que vai para a nossa casa —, sua avó nunca vai saber de nada. Ou talvez possamos até chegar a East Liverpool e pegar o ônibus de lá. Deve existir uma maneira de chegarmos; podemos andar, se for preciso. Não deve haver tantos quilômetros rio acima. E a missão estaria completa, apesar de alguns contratempos.

— No escuro? — Alice perguntou.

— Podemos muito bem tentar — Poppy disse, animando-se. — E você não quer entrar em encrenca, certo?

— Estou cansada e estamos no meio da madrugada — Alice falou. — Não estou com vontade de tentar seguir um mapa estúpido com uma lanterna com a bateria fraca e a bússola do meu telefone.

Zach pensou em William, a Lâmina, guiando seu navio pela Estrela Polar e piscando para o céu da noite. Ela era encontrada procurando-se as estrelas da Ursa Maior e, depois, usando esta para encontrar a Ursa Menor. A Estrela Polar era a mais brilhante da Ursa Menor, a que ficava bem no final da cauda.

Aquela é a Polaris, ele pensou. *Se pudermos vê-la, não temos como nos perder.*

— Vamos encontrar o caminho.

Quando ele falou, sentiu a voz de William invadindo a sua, o que era estranho, porque William se fora.

— E descobrir um lugar para acampar.

— Acampar? — Poppy perguntou.

— Até o raiar do dia.

Talvez fosse a exaustão, mas não era difícil pensar no que William diria. William sempre se metia em encrencas, então elas já não o incomodavam. Oras, ele gostava de problemas.

— Comeremos as provisões que trouxemos. Olhem, mesmo de acordo com o mapinha na programação dos ônibus, se seguirmos o rio, devemos chegar a East Liverpool. Nossa missão ainda poderia ser completada.

— Você quer que a gente *ande*? — Alice falou. — Vocês dois enlouqueceram.

— Senhorita, quero que a gente *descanse* — Zach respondeu, oferecendo a ela o seu braço.

Daquela vez ele não se sentia inseguro.

— Quero que a gente pegue nossos poucos suprimentos e os transforme em um banquete. Quero fazer uma fogueira e esquentar nossos ossos. Depois, pela manhã, podemos decidir o que fazer em seguida. Se você, minha bela senhorita, desejar voltar para casa quando chegar o novo dia, então levaremos em consideração seus argumentos.

Ela riu, cansada, e enroscou o braço no dele.

— Tudo bem. Mas eu vou querer ir para casa quando chegar o novo dia, então planejem para que isso aconteça.

— Viu? Você sentiu falta da brincadeira.

A boca de Poppy levantou-se em um sorriso triunfante.

— Você sentiu falta de brincar com a gente. Admita.

Zach parou de repente, virando-se para ela, o feitiço quebrado.

— Eu disse para não falarem disso e *vocês disseram que não falaria*.

A voz de Zach saiu mais dura do que ele pretendia, quase um rugido. Poppy deu um passo para trás.

— Ok — Alice falou, segurando os ombros dele e empurrando-o viela a baixo. — Desde que a gente não congele, não vou ligar para casa. Se pudermos acampar, ficar aquecidos e dormir um pouco, então vamos fazer isso e tentar não arranjar mais encrenca do que já temos.

— Lady Jaye seria boa para sobreviver nas ruas — Poppy disse, inocentemente.

Zach a encarou.

— O que foi? Eu estava falando com a Alice e não com você. Tenho permissão para falar com a Alice sobre a brincadeira, não tenho? Você não fez nenhuma regra sobre isso.

Alice suspirou.

— Nem sei por que vocês estão brigando. Vocês dois não queriam ficar nesta aventura maluca? Pois é isso que estamos fazendo.

— Devíamos ficar longe das ruas principais — Zach avisou, apontando para uma rua estreita à frente.

— Se alguém nos notar com o mapa e a lanterna, vai achar que estamos perdidos ou que fugimos, ou algo do tipo. Já fomos perseguidos por aquelas pessoas na estação.

— Ainda não sabemos se estavam mesmo nos perseguindo — Poppy disse. — Talvez quisessem se desculpar pelo cara louco. Talvez estivessem

com medo de que a gente pudesse perder o ônibus. Ou talvez fossem alienígenas tentando pegar os nossos rostos.

Zach levantou as sobrancelhas e começou a andar.

— Ah, tudo bem, vamos pela rua escura e assustadora — Alice falou, mas seguiu Zach. — Deixe-me ver o mapa.

Poppy o entregou junto com a lanterna. O asfalto da viela estava com rachaduras, e eles tiveram que ter cuidado para não tropeçar ao avançar por ela, passando por montes de lixo e pelas portas dos fundos de restaurantes.

Havia um silêncio estranho no ar, como se tudo e todos estivessem dormindo. O eco dos passos deles foi o som mais alto por vários quarteirões. A sensação era ao mesmo tempo sinistra e meio empolgante para Zach. Parecia que o mundo inteiro era deles por um momento.

— Há um trecho de bosque — Alice falou, balançando o mapa. — Perto do rio. Teríamos que cruzar a rodovia para chegar lá, mas não estamos muito longe.

— É um trecho grande?

— Na verdade, não. Mas é um parque. Tipo um parque pequeno em uma área protegida com vista para o rio, não um parque infantil com balanços. Muito pequeno para esconder uma fogueira, mas provavelmente grande o bastante para que não sejamos vistos da estrada.

Zach assentiu e deixou que Alice os guiasse. Ele não sabia mesmo fazer uma fogueira. Só parecia algo que as pessoas fazem quando acampam, assim como cozinhar ensopados, tocar alaúde e beber em jarros de sidra.

— Essa ideia foi tão terrível — Alice murmurou enquanto eles andavam. — Como vocês me convenceram de que era boa? Foi uma ideia terrível, terrível, terrível.

Eles passaram por um supermercado com caminhões estacionados no fundo, descarregando carrinhos de caixas de papelão, passaram por uma loja de donuts fechada, mas com luz em seu interior. Ela soltou uma lufada quente de massa fresca e açúcar derretido. O estômago de Zach roncou e

ele pescou um Twizzler do pacote. Em comparação com o aroma delicioso, a guloseima parecia borracha doce.

Ele procurou e tirou o suficiente para dar a Alice e Poppy uns dois Twizzlers cada uma, para o caso de elas estarem com fome também.

— Obrigada, gentil cavalheiro — disse Poppy, com uma pequena reverência.

— Não vou fazer isso com você — Zach falou, mordendo o Twizzler com selvageria.

Poppy pareceu cabisbaixa, o que era besteira, porque ela o havia provocado um minuto antes por causa da brincadeira. Zach não sabia por que ela estava tão chateada com algo que ela mesma tinha começado. Se Poppy não tivesse apontado que Zach estava brincando, ele não teria parado.

— Vocês dois podem dar um tempo? — Alice pediu, mirando o feixe de luz da lanterna na calçada.

Ela estava com o doce vermelho pendurado de um lado da boca e o mordida como um charuto de desenho animado.

Poppy olhou para os próprios pés.

— Estamos mal-humorados porque estamos cansados, é só isso.

Zach começou a falar alguma coisa sobre ser *culpa dela* eles estarem cansados quando percebeu que dizer isso poderia, na verdade, provar o argumento de Poppy de que ele estava mal-humorado.

A rodovia era um trecho longo de pista, com uma passarela ainda maior, mas, às quatro e meia da manhã, eles viram apenas um caminhão com os faróis iluminando a estrada, de maneira que quase pareceu ser dia. Depois de ele passar, Poppy e Alice deram as mãos e correram até a mureta central. Elas subiram no bloco de concreto com rapidez; as pernas longas de Zach fizeram com que fosse fácil para ele pular por cima. Depois, os três cruzaram as pistas do outro lado, embora não houvesse carros vindo de nenhuma direção.

O bosque era de vegetação rasteira e inclinado em um ângulo íngreme. Eles tropeçaram em gravetos e trechos de terra desnivelados. Moitas

longas e torcidas de arbustos arranhavam suas pernas. Porém, depois de alguns minutos de caminhada, Zach sentiu-se bem escondido da rodovia. Ainda podiam ver as luzes de East Rochester de um lado e ter apenas um vislumbre da superfície brilhante e com pequenas ondas do Rio Ohio estendendo-se do outro.

Capítulo

Oito

- Bem, é isto — Alice falou, escondendo a luz da lanterna com a mão.
— Você acha mesmo que podemos dormir aqui?

Mesmo estando próximos da rodovia, os galhos que balançavam acima deles e o cheiro de terra que subia do chão da floresta faziam Zach se sentir a um milhão de quilômetros do mundo que conhecia. Como se, talvez, estivessem mesmo em uma terra de fantasia, onde dragões voavam pelo céu e a magia era possível.

Poppy sentou-se na raiz de uma árvore.

— Eca, o meu traseiro já está meio úmido e frio. Vamos precisar de uma rede ou algo do tipo.

Zach ajoelhou-se. O chão estava molhado, o tipo de umidade que é absorvida e encharca as roupas. Ele se encostou em uma árvore e o desespero o dominou. Zach gostava da ideia de uma aventura, mas o que ele realmente sabia sobre estar em uma? Não estava acostumado com a vida rústica. Não estava acostumado com insetos e terra e todas as coisas com as quais os soldados e piratas têm que lidar. A única vez que tinha feito algo pelo menos parecido com acampar havia sido quando montou a antiga barraca do avô no quintal; no final, ela estava cheia de aranhas e ele acabou rasgando a lona velha ao tentar escapar delas.

Zach usou a árvore para apoiar o corpo, abriu o zíper da mochila e tirou o saco de dormir. Era à prova d'água de um lado e, assim, ele o abriu por completo e espalhou-o como uma toalha de piquenique. Seria grande o suficiente para que todos eles se sentassem. *Talvez* os mantivesse secos.

— Foi boa ideia trazer isso — Alice falou, ajudando-o a abri-lo. — Tudo o que tenho é uma troca de roupa, pasta de dente e biscoitos que pegamos na casa da Poppy.

— Você não podia voltar escondida para casa — Poppy a lembrou, rastejando no saco de dormir. — E eu não avisei com antecedência

nenhuma.

Aquilo, vindo da Poppy, era quase um pedido de desculpas.

Ela tirou a Rainha da mochila. Os olhos da boneca estavam abertos, mas, conforme Poppy a inclinava de um lado e de outro, eles se fechavam. Zach ficou feliz em ver que Poppy havia recolocado a cabeça da Rainha, embora tenha pendido levemente, como se Poppy a tivesse colocado com pressa e a cabeça não a tivesse encaixado corretamente. A cabeça frouxa e os olhos fechados eram uma combinação que fazia a Rainha parecer tão cansada quanto eles, o que era estranhamente reconfortante. Poppy apoiou a boneca no chão, alisou o vestido dela e voltou-se para a mochila. Tirou de lá uma coberta que parecia fina, alguns alfinetes e Band-Aids, um chocolate que ficou um pouco amassado, um pacote de minicenouras, uma maçã machucada, uma malha, um par de meias, um caderno e um das suas bonecas de sereia.

— Foi isso que eu trouxe — ela disse. — Para dividir, se vocês quiserem alguma coisa.

— A gente deveria revezar para ficar de vigia — Zach avisou —, como fizemos no ônibus.

Ele tirou seu pote de manteiga de amendoim, o pacote de bolachas, as laranjas e o refrigerante de laranja e colocou tudo, menos o refrigerante, com os outros suprimentos. Com sede, ele abriu a bebida. Uma espuma borbulhante subiu, e Zach rapidamente estendeu a lata sobre um montinho de grama, para que o líquido que espirrava pudesse cair na terra. Depois, deu um longo gole.

As bolhas atingiram o fundo de sua garganta, saciando-o.

Ele pensou em como havia conhecido as duas meninas, quando eles todos eram ainda crianças pequenas. Poppy andava de bicicleta para lá e para cá na calçada quando viu Zach sentado nos degraus da frente da casa dele, lendo o livro *James e o Pêssego Gigante*. Ela parou para dizer a ele que tinha lido aquele livro e era bom, mas não tão bom quanto *As Bruxas*, e para perguntar se ele também leu *Os Pestes*. Também foi ela quem conheceu Alice, em um parque de diversões, onde elas eram as únicas meninas com os rostos pintados como Batgirl em vez de fadas, gatos e palhaços. Na primeira vez em que os três estiveram juntos, se penduraram

de ponta-cabeça no trepa-trepa até o sangue descer à sua cabeça, tentando fazer com que seus cérebros trabalhassem melhor para conseguirem mexer com as coisas com o poder combinado das suas mentes.

Parecia fazer tanto tempo.

— Vigia? Para quê? — Alice falou, estendendo a mão para pegar o refrigerante. — Não é como se houvesse *orcs*^[6] saqueadores ou ursos ou lobos ou passageiros de ônibus assustadores, velhos e loucos. Estamos em um pequeno pedaço de parque.

— Dormiremos melhor se alguém ficar de vigia — disse Zach, olhando para o rosto assustador e quase adormecido da boneca.

Zach queria que alguém garantisse que a Rainha não acordaria ou se mexeria enquanto os olhos deles estivessem fechados.

— Pelo menos eu vou dormir melhor.

— Eu posso ficar acordada — Poppy disse. — Que tal eu acordar um de vocês daqui a uma hora?

— Eu não — Alice declarou, bocejando.

— Eu serei o segundo — Zach ofereceu. — Pode me chutar se ficar cansada antes disso.

Poppy concordou, balançando a cabeça. Zach terminou o refrigerante de laranja em mais dois goles. Alice tinha tirado seu enorme casaco vermelho e estava rapidamente vestindo as roupas que havia levado — jeans e um agasalho azul com orelhas de gato no capuz — por cima do vestido cinza que estava usando. Em seguida, enrolou-se como um inseto debaixo do casaco, fechou os olhos e pareceu cair quase instantaneamente no sono.

Poppy usava seu cobertor fino em volta do corpo como uma capa e estava sentada com as costas contra o tronco da árvore, olhando para o rio. Os olhos de Zach haviam se adaptado o suficiente ao luar para que ele pudesse ver a posição determinada do queixo dela.

Em seu colo estava a Rainha, olhos abertos como se observasse Poppy, olhando para o nada, o branco de osso do rosto da boneca parecendo brilhar no escuro. A mão de Poppy estava apoiada distraidamente no peito da coisa, como se a segurasse para não se mexer. Enquanto Zach olhava,

sua imaginação lhe deu uma imagem horrível: a rainha cambaleando pelo solo desnivelado na direção dele, seus braços gordinhos estendidos para pegá-lo. Ele se perguntou se poderia convencer Poppy a colocar a Rainha de volta na mochila.

Poppy inclinou a cabeça, seu olhar indo para onde ele estava sentado.

— O que foi? — sussurrou.

Zach apontou para a boneca, percebendo que a estivera encarando. Ele manteve a voz baixa.

— Essa coisa toda. É um jogo? Pode falar.

Ela apertou os olhos.

— É real, Zach.

— Tudo bem — ele disse, muito cansado para brigar, deitando-se no saco de dormir aberto e deixando o braço embaixo da cabeça, fazendo-o de travesseiro. — Você me acorda quando for a minha vez de ficar de vigia.

Ela grunhiu um sim. Ele fechou os olhos.

Zach sonhou com um grande prédio perto de um rio soltando fumaça de suas torres. Em seguida, com a visão do sonho mergulhando para a frente, ele viu uma garota de cabelos amarelos observando enquanto o pai dela mexia em coisas lindas feitas de porcelana de ossos. Bules de chá tão finos e brancos que pareciam brilhar, cobertos de rosas, lírios e folhas de porcelana finas como papel. Vasos tão finos que parecia que um sopro os estilhaçaria, com pontos pintados de ouro de verdade.



Eleanor.

Ao pensar no nome dela, ela pareceu se virar em direção a Zach, seus grandes olhos negros se arregalando como se tivesse sido ela quem havia visto um fantasma.

A visão de Zach parecia manchada, e ele estava em frente a uma casa grande e que era varrida pelo vento, vendo uma mulher magra e de nariz estreito. Ele tinha certeza, sem saber como, de que olhava para a tia de Eleanor e que ela chegara da cidade para cuidar da sobrinha depois de a mãe da menina ter morrido, seis meses antes, e de ficar claro que o pai não tinha planos de se casar novamente.

Crianças são sujas, disse a tia, e proibiu-a de brincar fora da casa. Em vez disso, deu tarefas a ela, fazendo-a lavar as janelas e varrer o chão e mudar os móveis de lugar.

Crianças quebram coisas, disse a tia, e tirou da menina as bonecas que o pai havia feito para ela com a argila que sobrava, dizendo que eram preciosas demais para Eleanor ficar com elas.

A tia as colocou expostas, ao lado de peças menos bem-sucedidas de porcelana de ossos que o pai de Eleanor trouxe da fábrica. Havia uma cafeteira de porcelana de ossos colocada no bufê da sala de jantar. Havia conjuntos de minúsculas xícaras de chá e uma tigela com pés de crocodilo que eram assustadores demais e de que ninguém gostava. Havia incontáveis vasos danificados por erros, que se inclinavam um pouco para um lado, ou que a tinta dourada havia manchado ou criado bolhas antes de ir ao fogo, ou que tinham flores tridimensionais que se quebraram ao sair do forno. Em pouco tempo, vários erros estavam postos em cada mesa lateral, forçando Eleanor a andar nas pontas dos pés pela sala de estar para não quebrar nada.

Zach viu Eleanor varrer o chão, polir a prataria e esconder coisas embaixo da sua cama. Prendedores de roupa que ela marcava com tinta para parecer que tinham olhos. Uma fronha amarrada com uma faixa para parecer que tinha pescoço e cabeça. No escuro do seu quarto, à noite, quando o pai e a tia haviam se deitado, ela os tirava e brincava com eles, sussurrando para si mesma, chamando-os com os mesmos nomes das suas antigas bonecas.

Zach acordou, piscando, o céu azul acima dele, salpicado com nuvens fofas.

A luz do sol era filtrada pela cortina de folhas verdes e marrons, cobrindo o chão com pontos brilhantes e sombra. Zach ouviu um som que o lembrou do mar. Ele tinha ido passar um certo verão com os avós, depois de o pai ir embora, e eles ficaram em uma casa perto da praia. Zach acordava com a rebentação das ondas na sua cabeça todas as manhãs.

Porém, aquilo não era o mar, ele sabia, e, um instante depois, se deu conta de que também não era o Rio Ohio. Era o som da rodovia, de carros e caminhões zunindo ao passar pelo bosque, que parecia as ondas rebentando.

Zach se sentou, piscando, alongando seus membros endurecidos e olhando ao redor. Alice estava dormindo no saco de dormir, enrolada no

casaco, as tranças caindo em seu rosto, alguns pedaços de flocos ou penas brancas espalhados em sua pele. Poppy estava adormecida também, sua cabeça encostada para trás na árvore. Ela adormecera durante a vigília, Zach percebeu.

Ao se virar, ele viu a Rainha apoiada na terra *bem atrás da cabeça dele*, longe de onde tinha estado na noite anterior. Seus olhos negros estavam bem abertos, olhando de soslaio para Zach. Como já estava de dia, ele podia ver que as esferas de vidro eram um pouco pequenas para as órbitas, deixando espaços nos cantos. Uma formiga rastejou para fora de um deles, marchando pelo olho da boneca e subindo pela testa até seu cabelo cheio. Zach ficou de pé em um pulo e correu para longe dela, o coração disparado.

Havia mais da coisa branca na grama. Quase parecia neve, mas ele então percebeu para o que estava olhando. Era o enchimento do saco de dormir. Algo o havia rasgado, cortado o tecido, puxado o enchimento e o espalhado, junto com a comida deles.

Minicenouras estavam jogadas pela terra. A manteiga de amendoim estava lambuzada na casca de uma árvore próxima, o pote caído contra uma pedra como se tivesse rolado até lá. Bolachas estavam esmagadas no chão, e a barra de chocolate estava quebrada ao meio, pedaços do alumínio dourado espalhados como confete. Zach se perguntou quem tinha feito aquilo e depois olhou para os olhos vazios da boneca, a formiga na sua bochecha branca como osso.

Enquanto ele olhava, um esquilo correu para o pote aberto de manteiga de amendoim e enfiou seu corpo peludo dentro dele.

Ao pensar na noite anterior, em Poppy e Alice o acordando, na história da Rainha, na caminhada até a estação rodoviária e no acampamento no escuro... Tudo aquilo parecia distante, como se tivesse acontecido com outra pessoa, em um livro. Não parecia possível eles terem passado a noite em um trequinho de bosque em uma cidade que não conheciam.

Virando-se para onde a boneca estava, fora do círculo dos braços de Poppy, Zach pensou em outras coisas impossíveis. Um fantasma tinha mesmo bagunçado o acampamento deles? Eleanor o estava observando pelos olhos de vidro da boneca? Um frio subiu pela sua coluna.

Lá fora, no meio do nada, com um fantasma furioso e sem ideia de como chegar ao túmulo dele.

Ah, sim, eles estavam encrencados.

Capítulo

Nove

Zach acordou Alice, chacoalhando o ombro dela até ela resmungar e se virar. Suas tranças se espalharam no saco de dormir cortado, e mais enchimento branco grudou no cabelo dela.

— Mais cinco minutos — ela balbuciou.

— Alice — ele disse em voz baixa, cutucando a parte de cima do braço dela. — Alguma coisa aconteceu. Vamos. Levante. Você precisa ver isto.

Ela abriu os olhos e pareceu surpresa por vê-lo ali.

— Onde...?

— Perdida em East Rochester, na Pensilvânia — Zach falou, encolhendo os ombros, esperando que aquele gesto de alguma forma informasse que ele também sentia que tudo tinha ficado muito estranho.

Depois, enquanto ela via o estado do acampamento, virou-se para ele com a testa franzida, ainda mais confusa.

— Quem...?

Ele balançou a cabeça na direção de Poppy, e depois da boneca.

— Você acredita em fantasmas? — ele perguntou, mantendo a voz baixa. — Porque acho que eu acredito agora. Pra valer.

— Podem ter sido guaxinins — Alice supôs.

Sua expressão ficou mais horrorizada conforme ela olhava ao redor.

— Achei que um de nós ia ficar acordado. Não foi o que falaram na noite passada?

— Guaxinins? Mesmo?

Alice concordou devagar, como se talvez não tivesse mais certeza.

— Ou a Poppy fez isso. Ela estava de vigia.

— Ela não é *louca* — Zach disse. — Teria que ser completamente louca para fazer isso. De qualquer forma, pensei que você acreditasse nela com a história do fantasma.

— Eu acreditei. Acredito. Não sei. Foi divertido entrar no jogo.

Alice ficou em pé e andou pelo bosque, tremendo.

— Isso é demais. Não acredito *nisso*. Talvez animais tenham saqueado o acampamento, ou talvez a Poppy estivesse brava por querermos voltar e estivesse tentando nos convencer a continuar. De qualquer forma, não foi um fantasma.

— Parecia uma aventura ontem à noite, né? — Zach perguntou, mas, enquanto falava, percebeu que ainda parecia uma aventura (talvez até mais do que antes), apenas não o mesmo *tipo* de aventura.

Ele estava apavorado. Seus pelos dos braços estavam arrepiados, e ele pensou que talvez Alice estivesse assustada também. Provavelmente era por isso que ela não queria mais acreditar em fantasmas.

Mas Zach queria que eles fossem reais, queria desesperadamente.

Se fossem reais, então talvez o mundo fosse grande o bastante para ter magia. E, se existisse magia — mesmo magia ruim, e Zach sabia que era mais provável existir magia ruim do que qualquer tipo de magia boa —, talvez nem todo mundo tivesse que ter uma história como a do seu pai, uma história do tipo que todos os adultos que ele conheciam contavam, sobre desistir e crescer amargo. Ele poderia ter ficado envergonhado por desejar magia em casa, mas lá no bosque parecia possível. Ele olhou para os olhos cruéis e sem vida da boneca, tão perto que ela poderia ter tocado no rosto dele.

Qualquer coisa era melhor do que magia nenhuma.

Ele pensou no que Poppy dissera... Que, se eles não saíssem em sua jornada naquele momento, nunca mais sairiam. Que, se eles hesitassem, nunca voltariam.

E pensou em seu sonho.

— Acho que foi a Eleanor — Zach disse. — Talvez seu espírito esteja bravo por não estarmos levando a jornada a sério. Talvez ela esteja brava

porque saímos do ônibus antes da parada certa. Ou talvez ela esteja brava porque você quer ir para casa.

— Vou continuar com a explicação dos guaxinins — Alice declarou, pegando seu casaco e colocando-o sobre os ombros, por cima de todas as suas roupas. — Aposto que Poppy pegou aquela história sobre a Eleanor e os ossos de um dos seus livros da biblioteca. Não estou querendo ser cruel. Poppy deixa tudo mais interessante, mas às vezes ela vai longe, não acha?

Ele pensou nisso, revirando as palavras na cabeça. Alice estava *dizendo* guaxinins, mas o restante do que dissera apontava para Poppy. Poppy, que foi a última a ficar acordada e que queria convencer os dois a ficarem na jornada. Que poderia ter achado engraçado colocar a Rainha tão perto dele, sabendo que isso o assustaria.

— E as cinzas? Elas eram reais.

Alice fez que sim com a cabeça, mas não como se concordasse.

— Fico pensando nelas. Talvez ela tenha pegado algumas cinzas de uma grelha e misturado pedaços de osso de galinha. Estava escuro quando nós dois olhamos. As pessoas forjam esse tipo de coisa no palco o tempo todo.

Ele se lembrou de que pensara a mesma coisa na noite anterior, se era tudo um truque ou não, mas em algum momento ele tinha se convencido e não queria abrir mão daquele sentimento. Ele queria contar a Alice o sonho e insistir que ele significava que ela estava errada, mas percebeu que isso não provaria nada. Ele apenas sonhou com o que Poppy descreveu, da forma como, depois de ver um filme, às vezes a gente sonha que está dentro dele. Ele não tinha como saber se alguma parte daquilo era verdade ou se era apenas seu cérebro regurgitando coisas.

Alice parecia ter perdido o interesse, abrindo a parte da frente da mochila de Zach e colocando a mão dentro, procurando algo.

— Sobrou alguma coisa? Alguma comida?

— Não — ele disse. — Acho que não.

A mão dela saiu da mochila, os dedos apertando um quadrado de papel dobrado. Ela começou a desdobrá-lo.

— O que é isto? — perguntou, distraída com sua descoberta. — Um bilhete? O que tem nele? Coisas secretas de menino?

Ele sabia exatamente o que ela estava segurando.

— Me dê isso — Zach falou, tentando pegar o bilhete.

Alice se levantou, ainda lendo, o sorriso surgindo em seu rosto. O sorriso foi substituído por uma expressão de assombro. Zach podia ver o rabisco da sua própria letra pela página, com desenhos decorando as margens.

— São as Perguntas que Poppy deu para você. Você *respondeu*. Você disse a ela que não tinha respondido, mas respondeu.

— Acho que respondi. Pode me devolver agora?

Zach também se levantou, indo na direção dela. Ele se lançou para a frente, tentando pegar o bilhete da mão de Alice.

Ela desviou dele.

— Mas por que respondeu se ia...?

Alice não conseguiu terminar porque, naquele momento, Poppy pulou do saco de dormir com um gritinho. Ela estava agachada, piscando à luz do sol, as mãos estendidas como se estivesse pronta para lutar. Foi um movimento surpreendentemente fantástico.

— Poppy? — Zach perguntou.

Para seu alívio, Alice dobrou o bilhete duas vezes e o enfiou no bolso do casaco e, depois, andou até Poppy. Elas se sentaram juntas. Zach podia ver que a respiração de Poppy estava acelerada.

— Sonhei que eu era a Eleanor. Eu senti... — Poppy disse, apertando as mãos contra o rosto.

Zach não falou por um longo tempo. Imaginou se seria uma pessoa ruim caso não dissesse nada sobre o seu sonho. Se perguntou se Alice o acharia ridículo se contasse. As folhas no alto farfalharam.

— Acho melhor você olhar em volta — Zach disse, enfim. — Ela estava brava? Porque parece que alguma coisa detonou nosso acampamento.

Poppy se levantou e bateu as mãos pelo corpo, foi até a Rainha e pegou-a. Os olhos da boneca se mexeram até ficarem meio abertos, o que fez parecer que ela os estava observando, como a gata de Zach fazia quando estava fingindo dormir.

— Você acha que um fantasma fez isso? — Poppy acabou perguntando, virando-se de volta para eles.

— Não sei — respondeu Alice. — Acho que foram guaxinins. Mas acho que você diria que foi um fantasma.

— É coisa clássica de *poltergeist*^[7], não é? — Zach perguntou.

— Ela não é um *poltergeist* — Poppy disse, como se Zach tivesse sugerido que o seu box novíssimo de DVDs do *Doctor Who* era pirata. — E por que ela jogaria nossa comida? Estragar a única coisa em que podemos dormir? Ela quer que a levemos a East Liverpool. Não vai dificultar a situação para nós.

Zach achou que estava detectando uma nota de incerteza na voz dela.

— Certo, tanto faz — ele declarou. — Você também acha que foram guaxinins?

Poppy olhou ao redor e segurou um grito.

— Não sei. E se foi Tinsloe Jones? E se ele nos seguiu?

Um tremor subiu pelas costas de Zach, terminando com uma contração dos músculos do seu peito. Ele podia facilmente imaginar aquele rosto envelhecido e seu sorriso malicioso observando-os da escuridão. Porém, não havia razão para Tinsloe ter saído do ônibus, seguido os três, esperado que dormissem e, depois, jogado as coisas deles de um lado e de outro. Nenhuma razão mesmo. Eles não tinham nada que ele pudesse querer. Ele provavelmente achou que eles seriam pegos por alienígenas e seus rostos seriam roubados.

Mas Eleanor tinha muitos motivos para ficar brava com Alice e provavelmente estava frustrada por ainda não estar em seu túmulo.

— Olhem, eu quero descobrir o que aconteceu tanto quanto vocês — afirmou Alice, olhando de um para o outro como se não estivesse certa sobre de que lado ela estava naquele momento... Talvez de nenhum. —

Mas podemos, por favor, sair daqui antes? O bosque é assustador, eu tenho que fazer xixi e estou com fome.

— Passamos por aquela loja de donuts ontem à noite — Zach disse.

Alice concordou.

— Perfeito. Desde que tenha banheiro.

Não havia muita coisa para guardar nas mochilas, então não guardaram. O saco de dormir foi destruído junto com o restante dos suprimentos, os longos cortes fazendo punhados de enchimento branco brotarem a cada rajada de vento. O melhor que puderam fazer foi juntar tudo, enrolar no saco de dormir rasgado e jogar em uma das latas de lixo ao longo do rio.

Não havia mais ninguém lá, mas isso não significava que ninguém tivesse estado lá.

Eles andaram de volta pela rodovia e encontraram um ponto para atravessar que era menos arriscado do que pular a mureta central. Depois, caminharam em silêncio, as cabeças curvadas contra o vento frio. Zach conseguiu sentir o cheiro do açúcar derretido e da massa crescendo na loja quarteirões antes de poder vê-la. Quando chegou à porta, estava praticamente babando.

— Quanto dinheiro nós temos? — Poppy perguntou.

— Eu tenho quinze dólares e cinquenta centavos. — disse Zach.

Zach começara com vinte e três dólares, mas a passagem de ônibus custara sete e cinquenta e seriam mais outros sete e cinquenta para voltar. Dos quinze e cinquenta que ele tinha, isso o deixava com apenas oito dólares que podia gastar.

— Eu tenho vinte — contou Alice.

— Onze e várias moedinhas de um centavo — disse Poppy. — Devíamos guardar um pouco para mais tarde. Para o almoço e a viagem de volta.

Porém, quando eles abriram a porta, o estômago de Zach roncou, e economizar dinheiro era a última coisa na sua cabeça. Havia fileiras e fileiras de cestas na parede do fundo, cada uma cheia de um sabor diferente de donut, as coberturas brilhando sob as luzes. Havia donuts de

cidra e canela, roscas de creme de Boston e geleia, granulado de chocolate, granulado colorido, creme de *maple*, creme azedo, tradicional, coco tostado, pata de urso e fritadas de maçã. E, embaixo da vitrine do balcão, sabores mais estranhos: Froot Loops, manteiga de amendoim, ketchup, suco de pickles, tangerina, favo de mel, salmão defumado e cream cheese, lagosta, cheeseburger, frango frito, wasabi, farinha de bolota, chiclete, bala efervescente Pop Rocks e trigo vermelho.

O homem atrás do balcão tinha uma barba espessa e bagunçada de pelos pretos. A barba ficava em pé como se ele tivesse levado um choque, menos nos lugares onde ela descia pelas bochechas dele, formando costeletas.

— Querem alguma coisa, crianças? — ele perguntou quando o sino da porta tocou. — Os donuts de wasabi acabaram de sair da frigideira. Ainda estão quentes.

Eles eram de cor verde fraca e tinham um cheiro forte, como de pimenta ardida.

— Ahn — Zach falou, olhando o cardápio. — Pode me dar um chocolate quente? Um grande.

Ele levou o copo quente com seus espirais de chantili para uma das pequenas mesas de plástico. Alice foi para o banheiro nos fundos enquanto Poppy pedia mais dois chocolates quentes. Eles ficaram sentados por um tempo, deixando o calor dos copos de papel aquecerem seus dedos.

Depois, cada um pediu um donut. Zach pediu de Pop Rocks, Alice pegou de creme de *maple* e Poppy pediu de Froot Loops. A massa que se esfarelava estava deliciosa e havia Pop Rocks de verdade dentro, que borbulharam na língua de Zach. Ele lambeu os dedos quando terminou, esquecendo-se de que não lavava as mãos havia muito tempo.

Os chocolates quentes tinham custado dois e cinquenta cada, e os donuts, um e vinte e cinco, o que custou três e setenta e cinco para cada um e deixou Zach com quatro e vinte e cinco, fora os sete e cinquenta da passagem. Poppy tinha ainda menos. Zach esperava que ela tivesse pelo menos vinte e cinco moedinhas de um centavo, ou não conseguiria pagar a passagem de ônibus dela para casa.

Poppy sentou a Rainha em uma cadeira próxima. A boneca afundou, a cabeça virada, o cabelo bagunçado como se ela tivesse dormido em cima dele. Seus olhos meio fechados estavam brilhando com a luz refletida.

— Se vocês morressem — Poppy disse, mantendo a voz baixa —, acham que iria querer ser fantasmas?

— Se eu fosse assassinado, sim, com certeza — Zach respondeu. — Para poder assombrar meus assassinos e me vingar.

— Se vingar fazendo o quê? — Alice perguntou, rindo. — Você seria um espírito sem corpo. O que iria fazer? Gritar “bu” para eles? Tentar convencê-los a fazer uma viagem estúpida?



— Eu poderia jogar objetos por aí — Zach lembrou.

— Talvez — Alice falou. — Eu faria isso se pudesse ser eu mesma, mas transparente. Eu poderia visitar as pessoas que amei. Mas não se eu tivesse que repetir uma coisa para sempre, como assombrar um trecho da estrada ou subir e descer escadas.

— Mesmo se não conseguisse falar com ninguém? — Zach questionou.

Alice pareceu desconfortável por um instante.

— Eu com certeza iria querer que existisse uma sociedade de fantasmas com amigos fantasmas.

Poppy empurrou o cabelo para trás.

— Bem, e se você decidisse que queria voltar dos mortos e, depois, mudasse de ideia, mas ficasse presa?

— Está falando de ficar presa como estou aqui em East Rochester? — Alice comentou e, depois, deu um gole grande no chocolate quente.

Zach achou melhor interromper aquela linha de conversa.

— Você ia querer ser fantasma, Poppy?

Ela deu de ombros.

— Não sei. Ficar por aí, passar voando por pessoas que nunca me veriam? É assustador imaginar as coisas acontecendo e não ser capaz de ter influência sobre elas. Fico pensando no sonho que tive. Era como se eu fosse ela... Eu estava escalando as telhas de ardósia do telhado de uma casa gigantesca, tentando ficar longe das janelas enquanto esperava meu pai chegar em casa. Eu tinha algo muito importante para dizer a ele. Lá em cima, eu consegui enxergar por uma distância que parecia de quilômetros... Eu via o rio, e barcos, e o caminhão do entregador de gelo em frente a uma casa da rua... Mas eu ficava escorregando e me segurando nas calhas de cobre. E ouvi a voz de uma mulher atrás de mim, sussurrando, me dizendo que era melhor eu entrar ou ela faria com que eu me arrependesse. Ela tinha uma vassoura, que estava segurando para fora da janela, tentando me bater.

Zach pensou no seu próprio sonho com a mulher de rosto pequeno e a grande casa vitoriana das cerâmicas estragadas. Ele queria contar a ela sobre o sonho, mas se sentia um pouco bobo por causa dele. Quando acordou, parecia tão óbvio que o sonho foi real, que foi dado a ele pelos fantasmas daquelas pessoas. Mas agora, no calor da loja de donuts, depois de Alice ter tido tanta certeza de que não havia fantasma, ele não tinha certeza sobre nada.

— Você acha que foi isso mesmo que aconteceu? — Poppy perguntou, inclinando-se para a frente, ansiosa, como se não houvesse apenas uma resposta certa possível. — Vocês acham que ela está tentando nos contar sobre sua morte? Imaginem que todo o tempo em que ela estava na cristaleira ela estava apenas esperando que um de nós a tirasse de lá.

Zach abriu a boca para descrever seu sonho, mas parecia que não contar a Poppy e Alice o que aconteceu com os bonecos dele ou por que ele não queria brincar tornava mais difícil contar outras coisas também. Parecia que tudo estava misturado, pesando em sua língua.

O homem se mexeu atrás do balcão, despejando uma fornada fresca de bolinhos de pêssego em uma lata forrada com tecido.

— Não tem problema — disse para eles.

— O quê? — Zach perguntou, confuso.

— Sua amiga loira parece bem faminta — ele disse, saindo de trás do balcão com um donut com cobertura cor-de-rosa em um prato de papel.

Ele colocou o prato em frente à boneca.

— Aqui está. Por conta da casa. O sabor é Pepto-Bismol. Estamos testando para ver se entra no cardápio regular.

Enquanto o homem voltava para a cozinha, Zach ficou olhando para ele.

— Ele...? — Zach sussurrou.

— Foi só uma brincadeira — Alice falou rapidamente, mas ela parecia nervosa. — Vocês sabem, porque temos uma boneca. Ele estava fingindo que ela era de verdade.

— Por que ele faria isso? — Poppy perguntou.

— Porque ele acha que está sendo um adulto legal.

Alice deu outro gole no chocolate quente e depois afastou-o como se a tivesse queimado. Ela tremeu. Zach pensou, desconfortável, sobre o que Leo dissera na volta da escola para casa naquele dia.

Alguém está pisando no seu túmulo?

Sua amiga loira. Havia algo familiar nas palavras, algo que estava escondido na cabeça de Zach.

— Não, esperem. Tinsloe. Foi o que ele disse no ônibus: “Não vou falar com a loira”. Porque não gostava da forma como ela olhava para ele. Lembram?

— Eu me lembro disso — Alice afirmou.

Poppy concordou.

— Vocês acham que ele estava falando da boneca também?

Zach sentiu frio, e o que tinha comido se agitou em seu estômago. Ele tinha desejado que o fantasma fosse real, mas, quanto mais real Eleanor parecia, mas assustado ele ficava. Ele tentou não olhar para a Rainha. Tentou não pensar no que significava ela parecer faminta. Tentou não reparar que as bochechas dela pareciam mais rosadas naquele dia, como se ela estivesse se alimentando de outra coisa, não donuts.

Tinham que enterrá-la, e tinha que ser logo.

— Certo, bem... — Alice disse.

Ela verificou o seu celular, depois pegou o mapa. Estava rasgado ao meio, mas ela o apoiou na mesa para alinhar todas as ruas.

— São dez e quarenta e três agora, e o próximo ônibus só vem às quatro e meia da tarde. Temos tempo e tudo mais, mas preciso mesmo estar nesse ônibus.

— East Liverpool não é longe — Poppy disse. — Zach disse ontem à noite. Poderíamos chegar. A pé. Como aventureiros de verdade.

Todos ficaram quietos por um longo instante.

— Eu vou — declarou Poppy, pegando a boneca e colocando-a com cuidado no colo.

As bochechas dela ficaram contra a testa pálida de porcelana de ossos da boneca. Os olhos da Rainha pareciam mais abertos do que antes. Vidro leitoso pálido com um centro preto.

— Com ou sem vocês.

A voz dela estava baixa.

Zach pensou em toda a comida espalhada no bosque, no saco de dormir cortado. E imaginou o que mais um fantasma podia fazer.

Vocês já ouviram esta? Quando você passa de carro por um cemitério, tem que prender a respiração. Se não fizer isso, os espíritos das pessoas que morreram há pouco tempo podem entrar no seu corpo pela sua boca e possuí-lo.

Mas ele já tinha decidido. Não iria recuar.

— Ainda estou disposto a ter uma aventura — ele disse, concordando com a cabeça. — Estou dentro.

Alice bateu as mãos na mesa, como se estivesse iniciando formalmente uma reunião.

— Eu não sou covarde. Eu gosto de aventuras também, certo? Não é isso. Mas preciso voltar para casa à noite ou minha avó vai perder a cabeça. Vai ligar para a polícia. Vai me proibir de ir para qualquer lugar por meses e vai me lembrar do que eu fiz sempre que eu pedir permissão para fazer qualquer coisa pelo resto da vida. Para sempre. Então, não vou me atrasar, combinado?

A voz dela ficou mais alta e as palavras saíram mais rápido conforme ela falava. Quando terminou, houve um longo silêncio.

— Combinado — Poppy disse, enfim.

— Então, olhem, eu quero ir, mas quero que prometam que voltaremos para casa *hoje*. O ônibus sai daqui às quatro e meia, e quero que vocês prometam que não perderemos. Prometam que voltaremos a tempo, se precisarmos. Prometam que entrarão no ônibus comigo.

— Mas e se estivermos quase lá e... — Poppy começou.

— Sem chance — Alice falou. — Ainda temos que chegar ao cemitério, enterrar a Rainha e encontrar a estação rodoviária antes de o ônibus de East Liverpool sair... às três e quarenta e cinco. Se chegarmos a East Liverpool e tivermos tempo, ótimo, mas lembrem-se de que o ônibus sai mais cedo de lá. Vou com vocês, mas, se parecer que não vai dar tempo, todos nós voltaremos.

Poppy parecia relutante.

— Não vou embora sem concluir esta jornada.

— Então eu vou para a rodoviária agora — Alice avisou, empurrando a cadeira para trás e ficando de pé. — E você e Zach podem ser aventureiros sozinhos. Não vou com vocês.

— Espere — Zach disse, levantando-se também e estendendo a mão para ela. — Começamos isto juntos. Precisamos ficar juntos. Podemos chegar a East Liverpool e ainda ir para casa.

Alice cruzou os braços em frente ao peito.

— *Poppy* — Zach falou.

Ela suspirou.

— Tudo bem. Mas, se vamos fazer tudo dentro do prazo da Alice, temos que ir agora. E temos que ir rápido.

Zach estendeu a mão para ajudar Poppy a ficar de pé.

— Nós já estamos de pé. Estamos esperando por você.

Poppy se levantou sem a ajuda dele, segurando a Rainha sob o braço.

— Vocês acreditam em mim agora, não acreditam? No sonho. No fantasma. Vocês acreditam em mim?

Zach abriu a boca para dizer que tinha sonhado com Eleanor também. Mas, nesse instante, Alice disse “é claro que acreditamos”, e o momento passou.

Em vez disso, ele pegou o donut de Pepto-Bismol e mordeu-o.

A cobertura era enjoativamente doce, mas foi o sabor amargo por baixo dela que ficou na língua dele.

Capítulo

Dez

Estar em uma aventura acabou sendo uma chatice. Zach pensou em todos os livros de fantasia que leu, nos quais um grupo de aventureiros viajava por terra, e percebeu algumas coisas. Primeiro, ele tinha se imaginado com um cavalo leal que teria feito a maior parte da caminhada, então não previu a bolha que se formava no seu calcanhar esquerdo ou o pequenino seixo que parecia ter atravessado até embaixo da sua meia, de forma que, mesmo tirando o tênis, ele não pôde encontrá-lo.

Ele também não pensou que o sol estaria tão quente. Quando juntou todas as suas provisões, ele não pensou em levar protetor solar. Aragorn nunca usava protetor solar. Taran nunca usava protetor solar. Percy nunca usava protetor solar. Porém, apesar de todo o precedente para não usá-lo, ele tinha certeza de que seu nariz estaria vermelho feito uma lagosta da próxima vez que olhasse no espelho.

Ele estava com sede também, algo que acontecia muito nos livros, mas sua garganta seca o incomodava mais do que parecia incomodar qualquer personagem.

E, diferentemente dos livros, nos quais bandidos e monstros imprevisíveis apareciam bem quando as coisas ficavam insuportavelmente chatas, não havia nada com que lutar exceto as nuvens de mosquitos, muitos dos quais Zach tinha certeza de que engolira acidentalmente.

Além disso, não era como se eles estivessem andando pelas incríveis paisagens da Terra Média — uma floresta cheia de ents ou elfos, uma vereda na montanha cheia de *orcs* e gelo. Na maior parte do tempo passavam por prédios industriais e por um boliche. Os armazéns foram rareando até restar apenas a rodovia de um lado e água do outro. Eles continuaram seguindo pela estrada, parando às vezes para chutar pedras ou arrumar as mochilas.

Alice andava na frente, com Zach atrás dela. Ela pegou uma folha de grama e estava tentando transformá-la em apito, um truque que ela

alegava que o tio sabia fazer. Até então, tudo o que tinha conseguido fazer fora um monte de sons de cuspidas.

— Eu tinha uma ideia — Poppy disse, apertando o passo para alcançar Zach. Ela ainda estava carregando a Rainha, a boneca acomodada contra seu quadril como se fosse uma criança. Ele tentava evitar que seu olhar fosse até ela. — sobre William. Sobre quem era o pai dele.

— Você prometeu não falar sobre a brincadeira.

No entanto, ele estava tentado. Ele queria saber como a história teria terminado, já que nunca brincaria de novo. E estava entediado.

— Não — Poppy falou, com um sorriso malandro. — Eu concordei em não perguntar por que você parou de brincar. E não perguntei.

Zach suspirou. Ele estava discutindo porque achou que deveria, não porque estivesse empenhado.

— Acho que eu tinha algumas ideias também — admitiu.

Poppy olhou para ele com espanto.

— Tinha?

— Ele é meu personagem, no final das contas. Mas, mesmo que o pai dele fosse o rei de todo o País Cinza, ele iria continuar sendo pirata. Ele está feliz onde está, no *Pérola de Netuno*. Nenhum pai vai mudar isso.

Poppy estava olhando para ele com uma expressão estranha, como se quisesse desesperadamente perguntar por que ele pensou em qualquer daquelas coisas, já que disse que não queria brincar mais. Mas, pela primeira vez, ela foi esperta e não perguntou.

— Mesmo se o pai dele fosse o Duque do Túmulo do Inverno Profundo?

Eles não tinham um boneco para representá-lo, mas o Duque era um cara ruim por inteiro. Eles tinham adorado inventar seus crimes. Ele estivera criando um exército zumbi de bonecos quebrados para marchar pelo restante das terras. Ele havia decapitado seus inimigos e raptado uma sacerdotisa má para ser sua duquesa. Outro boneco com que Zach costumava brincar lutou contra ele nos Morros Prateados e quase morreu. Ele estava sendo curado por uma das bonecas de Alice, em um templo que ela fez com uma caixa de sapato.

— Seria muito bom — Zach disse — se William fosse filho do Duque, daí ele poderia se aproximar o bastante para assassiná-lo. Ou talvez ele pudesse *dizer* que era filho do Duque. Talvez na verdade ele seja filho de uma pessoa completamente diferente. Talvez alguém ainda melhor. Como um antigo capitão pirata ou algum tipo de monstro.

Poppy parecia afobada. Ela era boa em inventar histórias, mas nem sempre era boa em aceitar o que Zach e Alice criavam, não importava quão incrível fosse. Ela demorava um pouco para aceitar um universo sobre o qual não tivesse controle completo.

Alice parou de repente.

O caminho havia acabado. Em frente, outro grande e largo rio fluía para Ohio, impedindo-os de continuar. Duas pontes estendiam-se sobre o rio, mas Zach podia ver que elas eram inúteis para três crianças a pé. Uma era uma ponte de estrada de ferro, enferrujada e abandonada, com grandes falhas onde os trilhos de metal tinham caído. A outra era uma enorme rodovia de concreto com três pistas, com uma cabine de pedágio de um lado e nenhum espaço para caminhar no acostamento.

— Bem, é isso — falou Alice.

Ela tinha uma expressão estranha no rosto, meio alívio, meio decepção.

Zach suspirou, olhando o curso do rio. Havia marinas em mau estado dos dois lados do grande rio desconhecido. Se fosse um livro ou filme, eles iriam conhecer uma figura misteriosa com um barco e essa pessoa os transportaria pelo rio. Como Caronte^[8]. Provavelmente tentaria enganá-los também — se eles fossem espertos, poderiam conseguir. Se ele fosse William, não precisaria ser transportado para atravessar o rio porque teria o *Pérola de Netuno* — sua escuna com dois mastros — e toda a tripulação.

Porém, na vida real, aquelas coisas não importavam. De repente ele percebeu o quanto estava cansado.

— Vamos perguntar — Poppy sugeriu. — Talvez haja uma balsa.

Passava um pouco do meio-dia, então eles andaram até a marina. As poucas construções — uma área de armazenamento de barcos muito grandes, um alpendre e um escritório — ficavam ao lado de três docas longas, com vários barcos separados por acostamentos. Duas criancinhas

estavam se inclinando na lateral de uma estaca com uma rede de pesca, observando alguma coisa na água.

— Querem se separar? — Zach perguntou. — Ver se conseguimos encontrar alguém que saiba como cruzar o rio?

— Certo — Alice concordou, olhando na direção do escritório. — Vamos nos encontrar aqui em cinco minutos.

— Vou falar com aquelas crianças — Poppy falou, virando a cabeça na direção delas.

Zach andou um pouco, inalando o cheio de diesel e de rio e de asfalto queimando sob o sol. O dia havia ficado quente, e Zach se perguntava se seria possível cruzar o rio nadando. Ele imaginou que Alice teve uma boa ideia ao entrar no prédio principal. Lá provavelmente havia ar-condicionado e quem sabe até um bebedouro.

Enquanto vagava, ele viu um velho barco a remo, puxado para um dos lados da doca seca e inclinado contra algumas estacas. Sua pintura estava arranhada nas laterais, e Zach não viu nenhum remo, mas por um instante imaginou os três atravessando sozinhos naquele barco. Conforme se aproximou, no entanto, viu que o casco estava podre, o que impediria o barco de navegar. Ele não precisava conhecer muito de barcos para saber que aquele afundaria se fosse colocado na água.

Com um suspiro, Zach estudou os elegantes barcos a motor, com a forma de longos charutos, e as altas embarcações de pesca com vários andares e uma antena alta saindo delas como bigodes de gato. Ele não conseguia imaginar que tipo de pessoa possuía barcos assim, mas tinha quase certeza de que não dariam carona para crianças.

Apesar de ler toneladas sobre piratas e de ter desenhado o *Pérola de Netuno* com tantos detalhes que seria capaz de lidar com todos os cordames, e de até mesmo ter construído miniaturas de navios, Zach nunca estivera em um barco.

Ele olhou de novo para o barco a remo e pensou se seria possível remendá-lo. Talvez pudesse encontrar alguns pregos e cola de madeira e piche. Se não funcionasse, talvez eles conseguissem se livrar da água mais rápido do que o barco conseguiria afundar.

— Zach!

Ele se virou ao ouvir seu nome ser gritado. Poppy estava ao lado das duas crianças com a rede e acenando para chamá-lo.

— O pai do Brian tem um bote para vender — ela disse quando Zach pisou na doca. Esta afundou embaixo dele e ele se equilibrou, lamentando sua falta de estabilidade sobre a água.

— A-hã — ele disse com cuidado.

Eles tinham talvez quinze dólares antes de usar os fundos para a viagem de volta.

— Quanto ele quer?

— Vinte e cinco.

Poppy olhou para o relógio de Zach e levantou as sobrancelhas.

— Mas Brian disse que talvez possamos trocar, se tivermos alguma coisa que ele queira. E ele vai incluir os remos.

— Não há outra maneira de atravessar o rio?

Poppy balançou a cabeça, fazendo seu cabelo vermelho voar em volta dela. O sol tinha deixado seu nariz rosado e escurecido suas sardas.

— Tem outra ponte, mas está a mais de um quilômetro e meio de distância. Se formos pela água, Brian disse que podemos chegar a East Liverpool em meia hora. Fácil.

Brian concordou, balançando a cabeça.

— Nós pescamos do outro lado às vezes. Não é longe — a outra criança disse.

Brian os guiou até o final da doca, onde alguns botes e barcos a remo estavam atracados. Três barcos balançavam suavemente um ao lado do outro, protegidos por para-lamas. Brian apontou para o da ponta, pintado de cinza-escuro. Estava em mau estado, mas flutuava, sem vazamentos visíveis. Muito melhor que o barco apodrecido que Zach encontrara perto da doca seca.

— Podem nos dar um segundo para conversar? — Zach pediu.

Brian encolheu os ombros e voltou para onde o amigo estava manejando a rede, arrastando-a pela água como se fosse pegar algo por puro acidente. Enquanto Zach observava o menino, viu Alice cruzar a área repleta de cascalho na direção deles.

Era interessante observá-la quando ela não reparava que estava sendo olhada. O casaco estava amarrado na cintura. Ela parecia determinada e suada e um pouco esperançosa. Seu rosto anguloso e suas sobrancelhas finas eram muito familiares, mas ele percebeu pela primeira vez que ela parecia uma daquelas meninas mais velhas e misteriosas que às vezes o deixavam admirado no shopping, e isso a fez parecer estranha para ele.

— Tudo o que eu tenho é este colar — Poppy disse, tocando de maneira protetora na fina corrente de prata ao redor do pescoço.

Na correntinha havia um pequeno pingente de tecla de máquina de escrever. Zach nunca vira Poppy sem ele desde que ela o ganhara do pai, no seu aniversário.

— Mas eu troco.

— Tenho meu relógio e uma lanterna — disse Zach. — E um livro, que tenho certeza que eles não querem.

Alice caminhou até eles, empurrando as tranças para trás, impacientemente.

— Ei, pessoal, falei com um cara velho no escritório da marina. Ele disse que é *não tem jeito* de andar até East Liverpool. Sei que você vai ficar brava, mas ele disse que é *impossível*, Poppy.

Ela suspirou.

— Sinto muito.

— E se a gente não for andando? — Poppy perguntou, apontando para o barco cinza.

— A gente sabe pelo menos para que lado a corrente do rio segue? — Alice questionou. — Ou alguma coisa sobre barcos?

Poppy pareceu confusa por um instante e, depois, franziu as sobrancelhas.

— O que há para saber? Apenas remamos mais forte se a corrente estiver contra nós.

Zach se coçava para entrar na água, mesmo no pequeno bote.

— Vocês prometeram que voltaríamos — Alice falou. — Os dois disseram que, se a gente não conseguisse chegar a East Liverpool a tempo de pegar o ônibus, voltaria para East Rochester. Bem, é hora de voltar.

Poppy hesitou e Zach ficou em silêncio por muito tempo.

— Sêrio? — Alice perguntou a eles. — Vocês vão mesmo quebrar sua promessa?

— Não é isso — Zach disse, olhando ansiosamente para a água. — É só que acho que ainda podemos conseguir.

A expressão de Alice endureceu, virando um sorriso hostil e desagradável. Os olhos dela brilhavam como pedaços de vidro.

— Ah, não, você precisa voltar comigo — ela disse a Zach. — Mesmo se Poppy não vier conosco.

— É? — ele disse, tentando parecer que não se importava... Como se nem soubesse com o que ela iria ameaçá-lo.

Ele sabia, no entanto, e se importava.

— Eu vou contar para ela — Alice avisou — que você mentiu e sobre o quê mentiu.

— Contar para mim? — Poppy perguntou. — Espere, do que está falando? Contar o quê para mim?

— Nada — Zach falou, afastando-se delas.

Ele respirou fundo o ar de diesel e sujeira de rio. Não conseguia pensar... Tudo o que sabia era que, se Poppy descobrisse sobre as Perguntas, ela nunca pararia de cutucar os motivos dele para mentir até a história toda ser revelada. Imaginar aquilo o enchia de um pânico indefinido.

— Alice está certa sobre a nossa promessa. Se ela quer voltar, então...

Poppy o interrompeu, olhando para Zach como se, encarando-o por tempo suficiente, pudesse ler sua mente.

— O que você não quer que eu descubra?

Ele se lembrou, tarde demais, do quanto Poppy odiava que os amigos guardassem segredo dela.

— Não é *nada* — Zach insistiu.

— Então me conta — Poppy disse.

Ela hesitou um momento e, depois, olhou para Alice.

— *Conta*.

— Vamos — Alice falou. — Desista. O jogo acabou. Vamos voltar. Vamos todos voltar, só isso. Foi divertido. E foi uma jornada.

— Sem chance — disse Poppy. — Eu poderia contar ao Zach uma coisa que eu aposto que você não quer que ele saiba, *Alice*. Eu sei um segredo também.

Todo o rosto de Alice mudou. Zach perguntou-se se tinha sido tão transparente assim, se tinha sido tão claro assim quando percebera exatamente o que tinha a perder. E ele entendeu, naquele instante, por que Poppy estava tão chateada por Zach e Alice não contarem algumas coisas. Porque, seja lá o que Alice não quisesse que Poppy dissesse, tinha que ser muito ruim. Talvez Alice tivesse falado que odiava Zach ou que ele cheirava mal ou que ele era um idiota. Talvez ela tivesse feito piada com ele para Poppy, rindo pelas costas dele.

— Você não faria isso — Alice declarou, com sua voz baixa. — Você é minha melhor amiga. Aquilo é segredo.

— Só *me conta* — Zach disse. — Vamos. O que quer que seja, não vou ficar bravo.

Poppy riu, e Zach pensou ver uma luz estranha dançando nos olhos de vidro da boneca, como se a Rainha estivesse rindo também. Quando Poppy falou, sua voz estava diferente. Ela podia ser má às vezes, mas nunca antes tinha parecido ficar feliz em ser cruel.

— Ela não vai contar. Eu venci a chantagem. Alice tem que vir, e, já que *você* aparentemente tem que fazer o que *ela* quer, você tem que vir também. Então vamos, vamos comprar esse barco.

— Vocês não entendem o quanto eu vou ficar encrocada — Alice falou, passando os dedos pelas suas tranças.

— Eu não me importo. Você não se importou comigo, e agora também não me importo com você — Poppy disse.

— Mas vocês prometeram! — Alice afirmou, com a voz angustiada.

— *Não me importo* — Poppy repetiu.

Zach desceu da doca, bravo demais com todos para estar pronto para ceder a qualquer um, em especial àquelas crianças com a rede de pesca que iriam tentar tirar todo o dinheiro que eles tinham. Olhou para Alice, que estava encarando a água em uma agonia de indecisão. E olhou de novo para o bote, que, agora, sob o olhar ressentido dele, parecia cada vez mais malcuidado.

Nada daquilo estava certo. Não era assim que a jornada deles devia acontecer.

Ele havia lido muitas histórias nas quais os heróis tinham sucesso apesar das grandes adversidades, nas quais eles concluíam as tarefas que ninguém mais tinha conseguido. Ele imaginou pela primeira vez todas as pessoas que tinham passado antes daqueles heróis, se tinham sido heroicas também ou se tinham brigado muito, antes de tudo dar errado. Ele se perguntava se havia um ponto em que eles perceberam que não iam conseguir, que não iam vencer aquelas grandes adversidades... E, na lenda que surgiria depois, eles seriam as pessoas sem nome que haviam falhado.

Bem no final da doca, Zach parou. Ele respirou fundo.

Em frente a ele havia um pequeno veleiro, baixo e fino, apenas um pouco maior que o bote, mas feito de fibra de vidro. Uma vela listrada de preto e branco estava dobrada sem cuidado pela retranca, o símbolo de um peixe-lua visível no tecido de poliéster. Alguém devia simplesmente tê-lo deixado com a intenção de voltar logo, porque a quilha estava puxada e dois coletes salva-vidas estavam empilhados na cabine.

Na popa, havia uma palavra em caligrafia encurvada: PÉROLA.

Zach pulou para o casco, os tênis batendo no convés curvado. O barco balançou sem controle embaixo dele, e Zach teve que rodar os braços e

segurar no mastro para se equilibrar. Com um sorriso surgindo no rosto, ele olhou para Alice e Poppy.

— Não vamos comprar nada — ele disse. — Somos piratas, lembram?

A expressão de descrença no rosto delas só fez seu sorriso aumentar.

Capítulo

Onze

Poppy quase virou o barco ao entrar nele. Zach sentou-se no centro, as mãos espalmadas contra o casco e as pernas no cockpit, enquanto ela descia os degraus perfurados em uma das estacas. Primeiro ela deu a Zach sua mochila, que ele largou perto de si, em uma pequena cavidade sob a quilha. O barco balançou um pouco. Quando o pé de Poppy tocou a borda do convés, no entanto, o barco se inclinou perigosamente na direção dela. Zach jogou seu peso com força para o outro lado, na esperança de equilibrá-lo. Poppy cambaleou, caindo de joelhos com um grito. Depois de alguns instantes de oscilação, o barco ficou estável.

— Uau — ela disse, passando os dedos pela água e levantando-os, como se fosse maravilhoso estar tão perto do rio sem nadar. — Vamos mesmo fazer isso?

— Você é a próxima — Zach chamou Alice. — Se Poppy for para a proa e eu ficar no centro, não será tão difícil para você embarcar. Pelo menos eu acho que não será difícil.

— Deixa eu tirar as cordas primeiro — Alice falou, começando a desamarrar o barco das estacas.

— Não sei se é uma boa ideia — Zach disse. — Podemos desamarrá-las daqui e deixar as cordas.

Zach tentou se lembrar de tudo o que já lera sobre velejar, o que era muito. A proa era a ponta do barco, e a popa era a parte de trás, tinha certeza disso. O mastro era a coisa grande que se erguia do centro do barco. Estibordo era para a direita e bombordo era para a esquerda. A retranca era a outra parte de metal na qual a vela ficava presa, fazendo um “L” que balançava a vela para a direção em que ela deveria pegar o vento. E o leme era a parte com a qual você guiava o barco. Mas aquilo era apenas vocabulário, e nada disso o ajudaria se não pudesse se lembrar dos princípios.

Alice colocou a mão no quadril.

— E se tivermos que aportar em East Liverpool? Não podemos aportar sem cordas.

Ele não podia argumentar contra isso, mas podia se preocupar porque o barco, não mais preso por uma corda na proa, começou a se inclinar mais no ancoradouro. Depois, Alice desamarrou a corda da popa. No começo, o *Pérola* balançou perto da estaca, um dos para-lamas batendo contra as boias que seguravam a doca. Porém, enquanto Alice subia rápido pela estaca, o *Pérola* começou a se afastar da doca.

Nos livros, Zach se lembrava, havia um tipo de vara que as pessoas costumavam jogar, prendendo-a à doca para segurar o barco no lugar depois de as cordas serem soltas, e empurrando a embarcação com ela depois que todos estavam a bordo. Ele não tinha nada assim. Zach se esforçou para segurar uma estaca, mas era tarde demais.

— Pule! — Zach gritou para Alice. — Agora!

E ela pulou. Ela se empurrou da estaca e caiu mais ou menos no cockpit, fazendo Zach se agachar para manter seu equilíbrio. O barco afundou mais no rio com uma terceira pessoa pesando nele, a água chapinhando pelos cantos do casco, mas não virou. Conforme Zach empurrava a última estaca que marcava o limite externo do ancoradouro, percebeu que tinham conseguido. Tinham roubado um barco como piratas.

Para o bem ou para o mal, estavam no Rio Beaver, a corrente balançando-os na direção de Ohio. O vento acima soprava com a promessa de uma boa viagem.

Apesar de Alice nunca ter desejado ir, ela estava rindo.

Velejar devia ser simples, desde que o vento estivesse bem atrás de você. Basta soltar a vela — Zach se lembrava daquela expressão e de que significava deixar a vela inflar, o que deve ser feito com uma das três cordas presas ao convés, embora ele não tivesse certeza de qual — e a vela se encheria com muito ar, o que impulsionaria o barco bem para a frente.

Mas, se o vento viesse pelo lado — o que costuma acontecer —, as coisas ficavam mais difíceis. Você ainda conseguia pegar o vento, mas, por causa da quilha no fundo do barco, em vez de simplesmente se mexer

para longe de onde o vento estava soprando, você ia praticamente reto. Praticamente.

Pelo menos era assim que todos os livros diziam que devia funcionar. Mas ler a respeito e fazer eram coisas completamente diferentes. Ele entendia a teoria, as cordas, desvendava o vento e sua própria posição dentro do barco, mas não parecia conseguir fazer o Pérola velejar de verdade. Os três ficaram parados na água, empurrados pela corrente, girando devagar.

Poppy estava vestindo um dos coletes salva-vidas, enquanto Zach se agitava de um lado para o outro, sobrecarregado, fingindo saber o que estava fazendo, puxando cordas e testando as coisas. Poppy ofereceu o outro colete a Alice, que o pegou a contragosto. Embora Alice parecesse ter aceitado que eles estavam ainda na jornada, ela claramente não tinha chegado perto de perdoar Poppy. Era um barco muito pequeno, mas Alice conseguiu sentar o mais longe de Poppy possível.

Zach queria dizer alguma coisa para elas, fazê-las conversar uma com a outra, mas era difícil se concentrar naquilo enquanto estava puxando cordas para erguer a vela. Eles estavam se aproximando das duas pontes. A primeira era alta o bastante para não apresentar muito problema, mas a segunda tinha mais pilares embaixo, e Zach queria ter certeza de que manobriariam longe deles.

De repente ele se lembrou de que não tinha baixado o leme. Rastejando até a popa, ele o empurrou para baixo e segurou o timão para começar a guiar o barco. Alice começou a mexer na vela. Esta ondulou descontroladamente, batendo para a frente e para trás, a retranca balançando para a direita.

Estibordo, alguma parte do cérebro de Zach o lembrou.

— Aperte! — ele gritou, e ela apertou, puxando a corda até os vincos saírem da vela. E, de repente, eles estavam se mexendo. Espirros de água jorraram e molharam seus cabelos e rostos como gotas de chuva. O vento bagunçou o cabelo de Zach.

Apesar do medo de Poppy descobrir sobre as Respostas e da esquisitice de Poppy e Alice terem um segredo, naquele momento Zach se sentiu muito feliz. Ele adorava a sensação do rio embaixo, em frente e atrás

deles. Ele era o *capitão* de um navio de verdade, um navio de verdade realmente chamado *Pérola*. Era quase mágico demais para aguentar, mas pela primeira vez ele não questionou. Jogou a cabeça para trás e sorriu para o azul do céu.

Os dois lados da margem eram verdes, às vezes pontuados com tanques de óleo e prédios industriais e alguns trechos com casas. Alice soltou mais a vela e o barco aumentou de velocidade, inclinando-se para estibordo, o bombordo subindo e fazendo os três se inclinarem contra ele com os pés equilibrados contra a borda do cockpit, tentando nivelar tudo. Eles estavam cortando a água, cada vez mais rápido.

— Vamos virar — Poppy gritou.

— Segurem-se — falou Alice.

Zach puxou o timão para eles irem para a esquerda, e o barco diminuiu um pouco a velocidade, ficando nivelado. A vela começou a aproar, agitando-se com muito barulho, e Alice apertou-a para acompanhar a nova velocidade mais baixa. Foi emocionante, mas assustador também.

Poppy cambaleou até o cockpit e tirou a Rainha da mochila, colocando-a por baixo do zíper do seu agasalho.

— Caso a gente vire — explicou. — Tenho medo de que ela caia na água.

— Não acha que ela ficaria mais segura onde estava? — Zach perguntou.

— É óbvio que não — Poppy respondeu.

Alice levantou as sobrancelhas, como para lembrar Zach de que Poppy era louca.

Eles levaram um tempo para se acostumar com o que fazia o barco ir mais rápido, quando soltar a vela ou apertá-la, o que fazer quando o vento mudava um pouco (o que ele parecia fazer a cada dez minutos) e como sair do caminho de outros barcos.



Pareceu que eles velejaram por horas, mas foi na verdade apenas uma única hora. Geralmente, quando Zach estava fazendo alguma coisa, mesmo caminhando, ele meio que conseguia sair do foco e pensar em outras coisas. Mas controlar o barco era como jogar basquete: exigia cada pedacinho da sua atenção. Talvez, se ele tivesse mais experiência com aquilo, as coisas tivessem sido diferentes, mas ele passou metade do tempo apavorado, com medo de que o barco virasse porque eles estavam avançando rápido em um ângulo muito inclinado. Na outra metade do tempo, a vela ficava frouxa e Zach mal conseguia fazer o barco se mexer.

Às vezes uma enorme embarcação passava, deixando um sulco que forçava os três a se agarrarem no que pudessem enquanto o barco se inclinava perigosamente de um lado para o outro, quase jogando-os para fora como um touro em um rodeio.

— Vocês acham que o dono do *Pérola* percebeu que o barco sumiu? — Poppy perguntou enquanto eles passavam por uma ilha rochosa que se

erguia na curva à direita do rio.

Zach se mexeu desconfortavelmente. Quando ele brincava com William, a Lâmina, roubando pessoas, sempre podia encontrar uma boa desculpa — na maioria das vezes porque eram pessoas ruins —, mas, na vida real, as desculpas pareciam diferentes.

— Quando aportarmos em East Liverpool, ligaremos para a marina e diremos onde o *Pérola* está. Os donos vão poder pegar o barco e, com sorte, não vão ficar preocupados por muito tempo.

Alice apontou para a ilha, claramente sem ouvir Zach e Poppy.

— Parece que qualquer coisa poderia estar lá, não parece? Aposto que ninguém nunca pisou na costa. Imaginem se tivesse um portal perto de uma daquelas rochas e ninguém soubesse por que tudo que vai para lá desaparece.

Zach olhou para a ilha quando eles passaram por ela, imaginando.

Virando a curva, havia um trecho industrializado, com casas pela encosta leste e tubulações, tanques e barcos na outra encosta. Muitos estavam aportados, e algumas embarcações a motor corriam entre eles, deixando a água agitada. O balanço constante do barco dificultava guiá-lo. Os músculos de Zach estavam doloridos de se inclinar com tanta força para uma mesma direção, e suas roupas estavam ensopadas com os espirros de água.

Alice verificou seu telefone.

— Que horas são? — Zach perguntou.

— Mais ou menos duas e quarenta — ela respondeu. — Temos uma hora para chegar lá e encontrar a rodoviária.

Poppy olhou nervosamente. Mesmo que aquele plano tenha começado por causa dela, Zach achou que ela parecia tão preocupada quanto os outros dois.

— Está levando mais tempo do que pensamos — Poppy disse, enfim. — Mais do que aqueles meninos disseram.

Zach ficou tentado a comentar que teria levado muito mais tempo se eles estivessem remando, mas não falou nada. Embora não tivessem muito

tempo, ele ainda estava se sentindo contente. Zach e Alice tinham ficado bons em navegar com o pequeno barco. Estavam indo mais rápido, pegando o vento e deslizando pela água como uma bicicleta descendo um morro em alta velocidade.

Zach inclinou-se para trás e observou o contorno da costa, observou o bosque se transformar em cidade e rodovia e, depois, em bosque de novo, observou algumas casas construídas perto o suficiente do rio para ele conseguir vê-las. Em outros lugares, casas no rio seriam grandes propriedades com suas docas privadas e gramados extensos, mas, ali, eram casas normais, como se não fosse nada demais morar ao lado do rio.

Depois, eles passaram por mais prédios industriais, esses parecendo bem mais velhos, com chaminés em mau estado erguendo-se para o céu. A cidade além deles lembrava a Zach uma versão mais extensa da sua cidade: algumas bonitas casas vitorianas com janelas fechadas com tábuas e uma praça central com pouco movimento. Havia uma pequena ponte de metal, por baixo da qual o barco estava prestes a passar. Zach ouviu a algazarra de carros pelos suportes de metal dela. À frente, o rio se curvava para sul.

— Espere — Poppy disse, apontando para a cidade pela qual eles passaram. — Vire. Aquela é East Liverpool. Aquela é a antiga fábrica de cerâmica. Olhem.

Zach ergueu um pouco o corpo. Estava muito surpreso.

— Virar? Você entende que a corrente está indo no caminho em que estamos navegando? E o vento... Se virarmos, iremos contra o vento.

— Mas temos que voltar.

Os olhos de Poppy estavam arregalados.

— Passamos da cidade.

Zach olhou para Alice e viu o terror pálido em seu rosto. Ela não fazia mais ideia de como virar o barco do que ele.

— Certo — Zach disse. — Então você balança a retranca e eu puxo o timão.

Alice fez que sim com a cabeça. Zach manobrou em direção à margem de areia, para lhes dar bastante espaço para mudar de direção.

— Quando a vela virar, vamos ter que mudar de lado também — ele disse a Poppy. — Então, fique preparada.

Ele puxou o timão, e Alice puxou a corda de forma que a vela fechou e balançou. O barco virou em um movimento único e gracioso e, depois, com o vento e a corrente chegando a eles na direção errada e quase sem ter ideia do que estavam fazendo, o barco inclinou-se para um dos lados e virou, jogando todos na água.

A água estava chocantemente fria, e o impacto chacoalhou Zach até os ossos. Ele se agarrou à lateral do barco.

Alice subiu à superfície. Poppy estava agitando as pernas debaixo d'água, segurando-se ao mastro e à vela.

Zach nadou até a quilha, que subia do casco como uma barbatana de tubarão.

— Vão para longe um pouco.

Poppy deu alguns chutes para se afastar do barco, nadando como cachorrinho na direção de Alice.

Zach jogou seu peso contra o casco e o barco se endireitou, a vela se erguendo da água. Ele lutou para subir no barco.

Alice se ergueu para o convés e, depois, os dois agarraram Poppy, que mantinha um braço apertado contra o peito para segurar a boneca no lugar mesmo enquanto estava sendo puxada para o barco. Outro barco grande estava passando à esquerda deles, deixando um sulco de ondas que fez o barquinho balançar descontrolado de novo. E Zach pôde ver que duas embarcações vinham em seguida. Por um momento eles apenas flutuaram para mais longe na direção errada, com a vela frouxa, segurando-se.

Alice avançou em Poppy.

— Já chega. Fim de jogo. Chega de boneca assustadora e de mentiras e de tentar transformar isso em verdade.

Com essas palavras, sua mão disparou e pegou a boneca de onde estava meio fechada pelo zíper, dentro do agasalho molhado de Poppy.

Poppy berrou e Zach arfou, mas era tarde demais. Alice arremessou a Rainha para o alto e em direção ao barco grande e à água profunda.

Tudo congelou por um longo instante. A Rainha atingiu as ondas com um único ruído, como se a água estivesse encharcando o vestido dela em câmera lenta, puxando-o para baixo. Seu cabelo se espalhou em uma onda dourada, e seus olhos pretos sem vida olharam para eles enquanto ela balançava para cima e para baixo um momento antes de afundar em uma espuma de bolhas.

Capítulo

Doze

Zach não pensou. Ele mergulhou.

Quando era pequeno, sua mãe o levava para ter aula de natação na ACM^[9]. Ele se lembrava do cheiro do cloro e do toque das boias cor de laranja apertadas contra a parte superior dos seus braços e da maneira como toda a gritaria das crianças reverberava no teto e ecoava. E ele se lembrava de bater os pés igual a um sapo.

Ele os batia agora, de novo e de novo, na direção da Rainha, estendendo a mão para pegá-la, abrindo os olhos no rio marrom-escuro.

Seus dedos se fecharam sobre um pedaço do vestido dela. Lançando a outra mão com força, ele pegou o braço dela e puxou-a para si. Por um momento, o peso morto e frio do seu pequeno corpo de porcelana pareceu quente contra ele. Antes que Zach pudesse pensar muito a respeito, estava nadando em direção à superfície. Sua cabeça atravessou as ondas e ele tomou um agradecido fôlego de ar a plenos pulmões.

Todo o seu corpo tremia de frio. Seus dentes batiam. Seus dedos dos pés ficaram adormecidos. Atrás dele, Poppy e Alice estavam brigando, mas era difícil se concentrar nas palavras delas.

Depois, o sulco do grande barco o atingiu, as ondas mandaram Zach para debaixo d'água de novo e, dessa vez, sem que ele prendesse a respiração. Ele voltou para a superfície engasgado.

O veleiro estava em um ângulo estranho, mais perto da costa. As ondas o tinham levado para a parte rasa, onde a quilha ficou presa na lama. O *Pérola* tinha encalhado.

As meninas estavam andando pela parte rasa.

Elas estavam gritando uma com a outra, mas Zach não prestou atenção. A água estava muito fria, e ele precisava de muita energia para fazer qualquer coisa além de baixar a cabeça e nadar.

Ele bateu, bateu e bateu as pernas.

Agarrando a Rainha junto ao peito e com apenas um braço livre para nadar, a costa parecia estar longe. Quando ele enfim chegou, a margem do Rio Ohio estava lamacenta, sugando seus pés, fazendo com que andar até a terra fosse mais difícil do que nadar.

Poppy estava sentada em um tronco de árvore caído, enlameada e infeliz. Seus lábios estavam azuis e frios. Alice tinha largado o casaco em algum lugar e abraçava a si mesma, como se estivesse tentando evitar a tremedeira.

— As mochilas já eram — Alice disse. — Devem ter caído quando o barco virou da primeira vez.

Zach afundou na margem cheia de areia e lama e olhou para a boneca em seus braços. O vestido da Rainha estava rasgado e parecia prestes a se desintegrar conforme secava. Um dos braços tinha sido puxado para fora do encaixe e estava pendurado, mole, em um barbante sujo. Zach olhou para ela e perguntou-se por que se dispôs a pular de volta na água congelante do rio para pegá-la.

Naquele momento, ele não pensou. Nem se lembrava de ter decidido. Apenas soube que, se não fizesse aquilo, perderia algo de que não estava pronto para abrir mão.

Conforme os olhos pretos e sem vida da Rainha rolaram na direção dele, Zach se lembrou do que Poppy dissera sobre respirar e levar um espírito para dentro de si. Talvez, quando ele abriu o saco com cinzas, tivesse inalado um pouco por acidente. Se fosse verdade, talvez a Rainha pudesse possuí-lo sempre que quisesse, assim como as pessoas mortas possuíam os outros quando eles passavam por cemitérios. Ele queria largá-la na margem do rio, mas suas mãos não lhe obedeciam.

— Que horas são? — Alice perguntou. — Meu celular pifou.

Zach olhou para o relógio. O centro do visor de cristal estava embaçado, mas, mesmo se tivesse parado, não podia estar muito errado.

— Três e vinte.

— Precisamos nos mexer — Alice falou, claramente em pânico. — Levantem-se. Temos que ir.

Os pés de Zach pareciam cheios de chumbo.

— Alice...

Não vamos conseguir, ele queria dizer a ela. *Não tem jeito. Nem sabemos para onde vamos*. Mas ele podia ver no rosto de Alice que ela já sabia de tudo. Que ela percebeu tudo no barco, antes de lançar a Rainha nas ondas.

— Como você pôde...? — Poppy disse a ela, mas conteve o final da frase enquanto Alice se afastava em passos largos.

Poppy puxou a boneca das mãos de Zach em silêncio. Ele a deixou pegá-la.

Alice andava com determinação, e, embora Zach não tivesse certeza se ela sabia para onde estava indo, ele e Poppy a seguiram.

Os três cambalearam pelo bosque e, depois, pela lateral de um trecho vazio de estrada, passando por uma cerca de alambrado estropiada que mais parecia estar servindo de obstáculo para zumbis depois de um apocalipse em vez de vacas. Enquanto eles tropeçavam em pedras e tocos, os cabelos molhados grudavam em seus rostos e pescoços, as meias encharcadas sendo esmagadas em seus tênis, o silêncio prolongado entre eles fazendo Zach ficar ainda mais em pânico. Ele ficava olhando para o relógio, que não estava mais funcionando totalmente bem, mas ainda parecia estar correndo mais rápido do que Zach queria.

Todos eles estavam tremendo. Alice continuava perguntando que horas eram, com a voz cada vez mais baixa. Às três e trinta e quatro ela aumentou a velocidade até quase correr. Às três e trinta e sete, ela começou a chorar, em silêncio e para si mesma. Zach estendeu uma mão para ela, mas ela lhe lançou um olhar tão terrível que ele recolheu a mão e deixou-a sozinha. Às três e quarenta e três, Alice ergueu o queixo e continuou em frente.

Às três e cinquenta e quatro, quando o ônibus já tinha partido mesmo, ela se virou para Poppy.

— Você prometeu que isto não aconteceria! — Alice gritou. — Você prometeu e quebrou a promessa de novo e de novo e agora a minha vida toda vai ser arruinada por sua causa!

— Você nunca se importou com a jornada! — Poppy berrou de volta. — Você jogou a Eleanor na água. Você a jogou fora como se fosse lixo.

— Eu pensei que, talvez, se ela se fosse, você voltasse ao normal — Alice afirmou. — Eu sei que você só estava inventando tudo isso. Pare de fingir que é tão importante, como se você realmente acreditasse. Talvez você tenha enganado o Zach, mas não me engana.

— É por isso que você está brava. O Zach?

— Eu não...

Poppy se virou para Zach.

— Ela te aaaaaama. Esse é o grande segredo dela. Ela quer que você seja o namorado dela e vá ao cinema com ela e faça carinha de beijo. Esse é o único motivo de ela ter vindo com a gente.

Zach deu um passo para trás, olhando para Alice, esperando que ela negasse aquilo.

As mãos trêmulas de Alice cobriram seu rosto. Ela e Poppy estavam tremendo tanto quanto ele. Mas Alice não negou nada e Zach não tinha espaço na cabeça para saber como processar aquilo. Ele se sentiu um pouco envergonhado e muito chocado. E não importava, no final das contas. Eles todos estavam com frio e infelizes, e Zach tinha que fazer alguma coisa antes que a briga que estavam tendo durante toda a viagem estourasse, virando algo tão ruim que não pudesse ser consertado.

— Alice... — ele começou a dizer, sem ter bem certeza do que falaria, mas esperando descobrir enquanto falava.

Ela balançou a cabeça, mantendo o olhar em Poppy.

— É claro que você ia dizer isso. Você é horrível. Agora eu sei por que o Zach está cansado de você. Ele respondeu àquelas Perguntas que você deu para ele, sabia? É óbvio que ele se importa com a brincadeira, mesmo se estiver mentindo. Ele ainda quer brincar. Ele só não quer mais brincar com

você. E quer saber? Eu também não quero. Ele odeia você e eu também odeio.

Depois, enquanto Poppy a encarava, espantada, a pele corada daquele jeito cheio de manchas que ela tinha, Alice se virou e correu. Abriu caminho pela mata emaranhada do bosque.

— Eu não te odeio — Zach disse a Poppy.

Zach hesitou por um momento e depois correu atrás de Alice.

Ele sabia que tinha sido o mau amigo, o mentiroso, o que começara as brigas. Ele estivera magoado e bravo e com medo de deixar todos verem como se sentia. No entanto, ele pensou que elas continuariam sendo Poppy e Alice, fazendo a mesma brincadeira, sendo melhores amigas, dormindo uma na casa da outra.

Ele tinha certeza de que poderia voltar a ser amigo delas depois, se quisesse, e tudo estaria do jeito como ele deixou. Zach havia contado com isso.

Porém, talvez ele tivesse estragado tudo.

Zach não demorou para achar Alice. Ela estava sentada encostada em uma árvore, a cabeça tombada para a frente de forma que suas tranças molhadas caíam sobre o rosto. Zach achou que talvez ela tivesse chorado de novo, mas não tinha certeza. A pele ao redor dos olhos dela estava vermelha e inchada.

— Você não precisava sair à minha procura — ela disse.

Zach se aproximou e sentou ao lado de Alice.

— Por que você disse tudo aquilo?

Ela balançou a cabeça, sem levantar o olhar.

— Não sei.

— Você se saiu muito bem naquele barco. Velejando.

O que parecia uma bobagem depois de ele ouvir as palavras em voz alta, embora tivesse feito sentido na cabeça dele.

Alice deu de ombros. Zach não fazia ideia de como melhorar a situação. Ele queria perguntar se era verdade que ela gostava dele, mas não queria deixá-la mais chateada... E, como Alice já tinha ficado muito chateada, provavelmente era verdade. Mas Zach não tinha certeza de por que ela estivera disposta a seguir Poppy até o barco apenas para impedir que ele descobrisse. Não era um insulto nem algo assim. Era um tipo de elogio.

Zach não tinha pensado de verdade em convidar uma menina para sair em nenhuma situação real, mas, se fosse chamar uma garota para sair e comer pizza ou jogar videogame, queria que ela fosse como Alice.

O silêncio se estendeu até, inesperadamente, ela quebrá-lo.

— *Foi divertido.*

Ela deu um sorriso torto.

— Velejar. Mesmo que a gente tenha virado. E não consigo acreditar que você *roubou* aquele barco.

— Vamos ligar para a marina — Zach afirmou, com um tom de leve defesa. — Então ele só estará roubado por um tempinho.

Alice não respondeu, e ele não queria outro momento de constrangimento. Zach reuniu sua coragem.

— Eu sinto muito... por tudo. Devíamos ter voltado antes. Você estava certa. Vou falar para a sua avó que foi tudo culpa nossa.

— Não importa. Nem é com isso que estou brava de verdade.

Alice inclinou a cabeça contra a árvore.

— Quer dizer, estou, mas tem mais coisas.

Zach esperou, sem saber o que ela diria em seguida.

— Você acha que existe um fantasma que fala com a Poppy? — Alice perguntou. — Não estou perguntando se você acredita em fantasmas, estou perguntando se você acredita *neste* fantasma.

Zach fez que sim com a cabeça.

— Teve aquela coisa com o cara do donut, e o cara louco do ônibus parecendo vê-la, e o acampamento foi bagunçado e... e eu tive um sonho

com Eleanor na noite passada, no bosque. Assim como a Poppy. Não foi o *mesmo* sonho, mas foi *mais ou menos* o mesmo.

— Teve?

Alice não parecia feliz por ouvir aquilo.

— Eu devia ter dito alguma coisa antes — ele falou.

— É só que...

Alice olhou para as próprias mãos. Ela as apertou.

— Não quero acreditar em Eleanor. Não quero que exista um fantasma que está falando com Poppy... e, agora, com você.

— Você não pode estar com ciúmes de verdade...

Alice o interrompeu, falando muito rápido.

— Você não entende. Não pode existir um fantasma, um fantasma de verdade. Porque, se existir, então uma garota morta qualquer está assombrando a Poppy, mas os meus pais mortos nem se dão ao trabalho de voltar e me assombrar.

Tudo pareceu parar, como se o universo tivesse dado um tempo para tomar fôlego.

Alice limpou os olhos com as costas de uma das mãos. Eles estavam molhados e brilhando com todas as lágrimas que ela estava segurando.

— E se enterrarmos a Rainha e Eleanor for embora de verdade? E se realmente a colocarmos para descansar? E se for real? Isso significa que meus pais nem se importaram o bastante para se despedir? Eu não tive nem um único sonho idiota. Nem *um*.

Ele se lembrava apenas vagamente dos pais de Alice. Lembrava-se de sentar no chão, brincando com carrinhos Matchbox com Alice em uma cozinha amarela como o sol enquanto a mãe dela preparava torrada com geleia, seu pai usando gravatas malucas para o seu trabalho no tribunal... E, claro, Zach se lembrava de que eles morreram. E ele nunca pensara como seria sair em uma jornada para cavar um túmulo quando seus pais já estivessem em um.

Zach se sentia um idiota por nem ter pensado naquilo. Naquele momento, depois de ter pensado, não teve certeza de que havia alguma coisa que pudesse dizer a Alice sem ser um idiota ainda maior. Ele estava desolado.

— Talvez, depois de morrer, a gente não tenha escolha.

Ele se encolheu ao lado dela.

— E deve ser um saco ser fantasma.

Alice bufou, o canto da boca se levantando.

— Talvez — disse.

Barulhos de galhos se quebrando fizeram os dois levantarem o olhar. Zach ficou em pé. Poppy estava andando na direção deles, com uma expressão desconfortável, metade alívio, metade desânimo.

— Acho que encontrei o caminho para a cidade — ela contou.

Capítulo

Treze

Embora a rua principal de East Liverpool fosse cheia de grandes vitrines e lojas, muitas já nem estavam mais abertas. Havia um lugar chamado Calças Ilimitadas que estava coberto de cartazes anunciando a LIQUIDAÇÃO FINAL! de tudo, já que a loja seria fechada, mas, pela aparência envelhecida dos cartazes, devia estar fechando havia anos. O dono da loja estava parado na entrada, fumando um cigarro. Zach, Poppy e Alice passaram por ele, deixando um rastro de água, os sapatos fazendo barulho de algo sendo esmagado. Poppy abraçava a Rainha contra o peito, por baixo do agasalho molhado, o rosto da boneca virado de forma que Zach não pudesse ver se as bochechas dela tinham ficado ainda mais rosadas. Depois, eles passaram por uma loja de games com algumas bicicletas estacionadas na calçada e mais outras presas com correntes a uma placa de PARE ali perto. E finalmente chegaram a uma lanchonete, o único lugar para comer que estava aberto.



Eles pararam para ver o cardápio na porta.

— Eu tenho quatro dólares e vinte e cinco centavos... sem contar a passagem de ônibus para casa — Zach falou. — Quanto vocês têm?

— Que eu possa gastar? — perguntou Poppy. — Zero.

— Oito e setenta e cinco — disse Alice, empurrando o vestido para cima para poder procurar nos bolsos do jeans que ela usava por baixo.

— Então, não muito antes de começarmos a usar o dinheiro das passagens de ônibus para casa — Poppy disse. — Mas é alguma coisa.

Alice pareceu ficar séria com a menção ao ônibus, mas não disse nada, o que foi bom, mas também deixou Zach nervoso. Durante todo o caminho para sair do bosque, os três apenas falaram coisas relacionadas a descobrir para onde iam. Ele não sabia se as meninas não queriam mais brigar ou se estavam se preparando para uma briga ainda maior.

De alguma forma, Zach se tornara o centro do conflito delas e podia dizer que era apenas questão de tempo até as meninas entenderem que não precisavam ficar bravas uma com a outra; era com ele que elas deviam estar bravas. Foi ele quem estragou a brincadeira, quem escondeu as Perguntas, de quem Alice...

De quem Alice gostava, o que era estranho também. Não é que ele não tivesse pensado em meninas, ou nunca tivesse pensado em Alice *desse jeito*. Ele tinha. Mas convidá-la para sair? A ideia era paralisante.

— Ok — Zach disse, abrindo a porta da lanchonete. — Vamos entrar.

A lanchonete estava quente, com uma vitrine redonda de sobremesas que rodava perto da caixa registradora, exibindo enormes bolos e tortas com cobertura e recheios que escorriam. Havia pratinhos de vidro com gelatina e outros de arroz-doce enfeitados com passas, todos cobertos por tampas de plástico.

Uma mulher que estava atrás da caixa registradora, o cabelo branco em cachos curtos feitos no cabeleireiro, olhou-os de cima a baixo com desconfiança, como se estivesse tentando decidir se eles trariam problemas.

— Vocês não podem deixar lama por toda parte — ela disse por fim.

— Desculpe — Alice falou, dando um passo à frente, fazendo sua melhor cara de atuação. — Estávamos navegando com nosso veleiro e ficamos muito animados. Um pouco demais, eu acho. Só queríamos algo quente para comer antes de voltarmos. A água estava muito fria.

A mulher sorriu, como se a ideia de uma atividade saudável ao ar livre tivesse tornado a aparência manchada de lama deles louvável. Ou talvez tivesse pensado que crianças com veleiros tinham dinheiro, por pior que fosse a sua aparência.

— Bem, está certo, mas vão se secar nos fundos antes. Mesa para quatro?

— Três — Alice respondeu, e a mulher piscou, confusa.

Zach apertou os olhos na direção da boneca, pendurada sem vida nos braços de Poppy.

— Vamos.

Poppy pegou o braço de Alice e puxou-a na direção dos banheiros.

Enquanto andava, ela olhou para trás, para a mulher de cabelos brancos perto da caixa registradora.

— Mesa para quatro está ótimo.

Zach foi ao banheiro masculino. Havia uma fileira de três mictórios e uma única cabine, tudo em azulejos azul-bebê, com pinturas do Rio Ohio nos velhos tempos penduradas alto nas paredes. Ele andou até as pias, descalçou os sapatos e tirou a sujeira deles. Depois tirou a calça jeans, limpou a terra e os pedaços de grama da bainha e tentou secá-las da melhor maneira possível com papel-toalha e um secador de mãos.

Por fim, Zach torceu a camiseta sobre uma das pias, penteou os cabelos molhados com as mãos e vestiu o jeans novamente. Ele colou nas suas pernas, úmido e frio. Zach olhou de novo no espelho, vendo um menino ligeiramente queimado de sol olhando de volta para ele, mais velho do que ele lembrava ser, com um familiar cabelo castanho-escuro e olhos pretos que pareciam dizer: *Espero que você saiba o que está fazendo.*

Quando ele saiu do banheiro, Alice e Poppy já estavam sentadas em um sofá. Elas acenaram e ele se sentou ao mesmo tempo em que a garçonete chegou.

Ela era apenas um pouco mais velha que eles, com batom rosa, cabelo preto com corte reto e piercing no nariz. Enquanto entregava os cardápios, a garçonete parou para olhar a Rainha, caída ao lado de Poppy.

— Sua boneca? — a moça disse, apontando.

Terra do leite do rio estava nos sulcos do nariz e da boca da Rainha e estava transformando seus anéis loiros em mechas grudadas grossas.

— Superassustadora.

— Ah, é — Alice falou, com um olhar sombrio na direção de Poppy. — A mais assustadora de todas.

A garçonete sorriu, entregou os cardápios e saiu andando. Zach estava feliz porque pareceu que ela estava vendo uma *boneca*, em vez do que quer que Tinsloe Jones, o cara dos donuts e a mulher da caixa registradora

havam visto. Zach afastou a ideia da cabeça e examinou o cardápio. Eles tinham doze e setenta e cinco que podiam gastar e ainda conseguir chegar em casa... Isso contando com emprestar a Poppy vinte e cinco centavos para sua passagem de ônibus.

Havia biscoitos e ovos com molho de salsicha com bolinhos de batata, talvez grandes o suficiente para eles dividirem dois pratos para três pessoas, por cinco dólares. Mas também havia um *club sandwich* de peru e bacon que vinha com batatas fritas e salada de repolho por um pouco mais de sete dólares, e, se eles pedissem água em vez de refrigerante e dessem uma gorjeta de um dólar, ainda sobraria dinheiro. E havia o prato de três ovos com bolinhos de batata e torrada por três e noventa e cinco; só o suficiente, já que eles não poderiam pagar tudo.

Havia uma tigela de chili por dois e noventa e cinco que parecia promissora. Poderiam pedir batatas fritas por mais dois e cinquenta. Talvez pudessem pedir três chilis e uma porção de batatas?

Pensar no que eles poderiam pagar estava dando água na boca de Zach. Se não resolvessem alguma coisa logo, Zach iria pedir tudo e não teria como voltar para casa.

— Já volto — Alice falou, e foi na direção do balcão, deixando-o sozinho à mesa com Poppy.

— Talvez você devesse ir atrás dela — Zach disse. — Conversar.

— Talvez *você* devesse ir atrás dela — Poppy falou, empurrando mechas soltas de cabelo molhado para trás das orelhas.

Zach suspirou.

— Não faça isso.

— Não faça o quê?

Ela o encarou sem piscar.

— Vai me dizer por que respondeu todas aquelas Perguntas e depois mentiu? Por que não quis brincar nem mais uma vez?

— Eu não *podia* — Zach contou.

— Isso não faz nenhum sentido.

Poppy cruzou os braços e equilibrou o queixo neles, olhando para Zach.

— Eu sei — ele concordou, triste. — Eu pensei que seria mais fácil...

Zach parou de falar quando Alice voltou para a mesa, segurando uma embalagem de ketchup e outra de molho picante. Ela abriu o cardápio, olhando os preços.

— O refrigerante tem três refis — contou. — Poderíamos pegar um e dividir.

— E ficaríamos sem um e setenta e cinco — Zach observou.

— Perguntei sobre o ônibus também — Alice continuou, sem olhar para nenhum deles. — O próximo vem amanhã, na mesma hora de hoje. Perguntei do caminho até o ponto. Fica a alguns quilômetros daqui.

Zach se perguntou se era mais perto de onde eles tinham caído no rio, se tinham ido na direção errada, se teriam conseguido chegar a tempo, no final das contas, mas não perguntou. Poppy estava em silêncio, mordendo o lábio inferior. Os olhos escuros da Rainha brilharam no seu rosto riscado de lama, e Zach não podia deixar de pensar que tudo estava acontecendo bem como ela queria, mesmo sem ele ter prova disso.

Eles ainda estavam examinando o cardápio quando a garçonete voltou para anotar o pedido das bebidas (água da torneira) e colocar uma cesta de pães e margarina na mesa. Eles se jogaram na cesta, rasgando os pães, espalhando margarina neles e enfiando-os na boca.

Zach se sentiu melhor depois de comer pela primeira vez desde o donut. Poppy e Alice deviam ter se sentido melhor, porque conseguiram concordar em pedir o chili com as batatas fritas. Eles devoraram até a última batatinha queimada, crocante e coberta de ketchup e molho picante.

— Estou tão cansada — Alice declarou, baixando a cabeça na mesa. — Toda a caminhada e o nado, e estou com frio e triste. Eu poderia dormir bem aqui. É sério, embaixo desta mesa. Seria mais confortável do que dormir no chão.

— Estamos quase acabando — Poppy disse com suavidade. — Quase conseguimos.

Zach olhou para a rua pela janela. O sol ainda estava no céu, mas não seria por muito tempo. Alice estava certa. Quando descobrissem para onde ir e realmente chegassem lá, provavelmente seria muito tarde.

— Se vamos esta noite, precisamos conseguir suprimentos — Zach falou. — Algo para cavar e uma lanterna. Todas as coisas estavam nas nossas mochilas e agora estão no fundo do Rio Ohio.

Alice inspirou com força e Zach seguiu o olhar dela. Ela estava encarando a boneca. A cabeça da Rainha estava virada, como se estivesse olhando para fora da janela. Poppy estava olhando na mesma direção, imitando a pose da boneca com perfeição.

— *Poppy* — ele disse. — Pare de brincadeira.

— O quê?

Ela se virou de volta para olhar os dois, como se estivesse prestando atenção.

Ele não tinha visto a amiga virar a cabeça da Rainha na direção da janela, mas ela devia tê-lo feito. A boneca não se mexia sozinha... Nunca saíra do armário, precisava deles para a levarem ao seu túmulo. Ela *não se mexia*.

Zach realmente esperava que ela não se mexesse.

Exceto aquela vez no bosque.

— Você sabe aonde vamos, certo? Você sabe para qual cemitério vamos?

Ele se lembrou do momento antes de entrarem no ônibus de volta para casa e de que tinha perguntado quase a mesma coisa. *O túmulo está debaixo de um salgueiro. Eleanor vai nos dizer o resto.*

Alice parecia prestes a fazer alguma crítica.

Poppy assentiu, sem olhar para nenhum deles.

— Sei.

— Você sabe, *né*? — Alice perguntou.

— É claro — Poppy garantiu, olhando nos olhos deles, indo de Zach para Alice. — Só preciso de um mapa.

Zach gostaria que ela parecesse mais confiante, mas também gostaria que ela parasse de ficar tão louca por causa da Rainha e, talvez, parasse de agir como se às vezes pudesse estar possuída. Zach gostaria de muitas coisas.

Eles pagaram a conta com tudo menos o dinheiro das passagens de ônibus para casa, largando as moedinhas sujas de um centavo dos seus bolsos sobre as outras moedas e as notas. A garçonete sorriu para Zach na saída e ele sorriu de volta, embora soubesse que os três estavam completamente sem dinheiro.

— Ei — Alice chamou, estendendo a mão para baixo e passando por propagandas e cupons promocionais perto da porta para pegar um mapa turístico em papel simples. Não tinha cemitérios nele, mas havia um museu de cerâmica, alguns antiquários de cerâmica e a Biblioteca Carnegie.

— Isto ajuda?

— A biblioteca — Zach falou. — Eles devem ter mapas realmente detalhados. Podemos usar isto para chegar até lá.

De acordo com o mapa turístico, a biblioteca não ficava longe. Agora que estava um pouco mais seca e tinha comido alguma coisa, Alice parecia quase alegre. Zach imaginou que a essa altura não havia como ela não ficar encrocada e, assim, talvez ela tivesse simplesmente parado de se preocupar. Alice assumiu a liderança, com Poppy se arrastando atrás de Zach, segurando a Rainha como se a boneca tivesse ficado muito pesada. Eles percorreram alguns quarteirões até a biblioteca aparecer, sua fachada imponente voltada para o rio. Ela tinha uma cúpula no topo, com pedras vermelhas marcando o prédio e enfeites em pedra branca entalhada nas janelas.

Parecia deslocada também, muito grande para o que a cercava. Estava fechada. Fechada desde as treze horas e não abriria de novo até a manhã de segunda-feira.

— Quem fecha uma biblioteca no fim de semana? — Poppy questionou, chutando levemente um dos degraus com a ponta do sapato.

Zach deu de ombros e, depois, virou-se para ver o que Alice pensava. Ela estava agachada perto de uma janela de porão, empurrando o vidro.

— O que você está fazendo? — ele sussurrou.

A janela deslizou um pouco para cima e Alice enfiou a bota no espaço aberto, fazendo força para empurrar o vidro mais para cima. Parecia preso, provavelmente a madeira tinha inchado por causa das mudanças de temperatura e porque a janela ficara fechada durante anos.

— Que tal? — ela disse.

— Invadindo um prédio que pertence ao governo sendo que poderíamos ser *presos* por estar lá dentro.

— Isso — ela falou enquanto a janela escorregava para cima abruptamente, com um barulho agudo. — É exatamente isso que estou fazendo.

Alice deslizou para dentro remexendo o corpo, hesitando depois que estava empoleirada no peitoril interno. O lugar estava muito escuro para eles verem no que ela estava prestes a cair.

— Alice — Zach falou em tom de alerta.

Ela pulou. Houve um estrondo e o som de alguma coisa de metal atingindo o chão.

— Alice! — Poppy gritou.

— Shhhhh — Alice falou da escuridão, o orgulho enchendo sua voz. — Viram? Não sou tão ruim em jornadas afinal de contas.

— Isso foi incrível — Zach elogiou. — Exatamente o que Lady Jaye faria.

— Bem, venha, então, William.

A voz de Alice, saindo da escuridão, estava estranhamente mudada. Era como se Zach estivesse falando ao mesmo tempo com Alice e com a personagem que ela interpretava. Por um instante, ele não tinha certeza de

quem era. E naquele momento ele também não tinha certeza de quem queria ser, mas estava sorrindo feito um idiota.

Zach olhou para trás, para Poppy. Ela parecia arrasada, como se estivesse do lado de fora de um vidro, olhando para algo que queria desesperadamente. Eles estavam brincando, e Zach percebeu que Poppy sabia que, se tentasse brincar também, ele pararia. Por um momento, Zach se sentiu mal, mas estava feliz demais para se sentir assim por muito tempo. Era divertido agir como William com Alice, e era divertido se esgueirar em um prédio no meio do dia, quando mesmo coisas assustadoras não provocavam tanto medo.

— No que você caiu? — ele perguntou a Alice, mexendo-se para passar as pernas pela janela.

— Escrivaninha — ela respondeu. — Espere um segundo.

Ele ouviu um farfalhar e mais alguma coisa sendo derrubada, quebrando e atingindo o chão. Depois, as luzes piscaram até ganharem vida, revelando uma sala cheia de escrivaninhas de metal e armários de arquivos, as superfícies cobertas de montes de papel. Algum tipo de almoxarifado^[10] administrativo.

Zach saltou da parede, pulando longe da escrivaninha que Alice provavelmente atingira; havia papéis espalhados em volta dela, e uma das luminárias estava caída um pouco acima do chão, pendurada por um fio. Ele atingiu o chão ao lado de um armário de arquivos alto, quase tropeçando nele enquanto tentava não perder o equilíbrio.

— Uau, o que são essas coisas? — ele perguntou, andando pelo espaço.

Livros estavam empilhados perto de abajures e de fotografias antigas, em preto e branco, da cidade, em molduras pretas bem-cuidadas com placas gravadas. Uma estante de livros fora empurrada contra a parede dos fundos, e uma das prateleiras estava cheia de cerâmicas antigas.

Era emocionante estar em um lugar onde não deveriam estar. Como no barco. Uma aventura de verdade, como William e Lady Jaye teriam vivido.

— Ei! Venham pegar Eleanor — Poppy chamou, estendendo a boneca enquanto contorcia o corpo para passar pela janela.

Zach a pegou, colocando a boneca em cima de um dos armários. Com ela deitada de lado, seus olhos acusadores observaram Zach conforme ele ajudava Poppy a descer. Enquanto ele fazia isso, uma lufada de ar frio passou pela sala, espalhando papéis.

— Não vamos conseguir fechar essa janela sem uma escada — Alice comentou. — É muito alta.

— Não vamos ficar muito tempo aqui — Poppy falou, pegando a Rainha e andando na direção da porta.

Zach bateu o braço contra o de Alice enquanto a seguiam.

— Acho que você não vai saquear o lugar, hein, Jaye?

— Vamos esperar e ver o que encontramos no andar de cima — ela disse, sorrindo, enquanto entravam no salão escuro.

O porão da biblioteca estava quente e cheirava a lustra-móveis e papéis velhos. Zach respirou fundo. Ele sentia que podia relaxar pela primeira vez desde que tinham entrado no ônibus. Não estavam com frio nem expostos como estiveram do lado de fora, e não estavam diante de pessoas que podiam lhes colocar em encrenca, como acontecera na loja de donuts e na lanchonete, nem estavam agarrando-se para salvar suas vidas, como acontecera no barco.

Além disso, lá havia muito para ver. Eles exploraram a sala de conferência, os banheiros e mais duas salas de arquivo no subsolo. Havia uma exposição de vasos chineses atrás de um vidro, e o armário todo tremeu levemente quando eles passaram correndo.

Depois, eles subiram depressa os degraus e viram os tetos abobadados, as balaustradas^[11] de ferro e o mármore no andar principal. De acordo com a legenda na parede, Carnegie foi um filantropo^[12] famoso que nasceu superpobre em uma pequena cidade da Escócia, fez dinheiro com o aço e o usou para construir bibliotecas na Costa Leste, entre outras coisas boas. No retrato, ele parecia um velho bravo com uma barba curta.

Ele não parecia o tipo de homem que gostava de histórias, mas Zach pensou que devia gostar, para ter construído tantas bibliotecas.

— Ei — Poppy falou, chamando Zach do segundo andar, onde havia uma área circular que tinha vista para o balcão de informações no andar de baixo. — Venha ver isso!

Zach sorriu e correu até a escada, esquecendo-se da jornada.

Havia algo especial em estarem sozinhos em um prédio vazio. Tinha a ver com subir as escadas correndo e se debruçar na sacada, seu grito reverberando nas paredes. Zach, Poppy e Alice correram pela galeria do andar de cima, passando por grandes salas. E, sem realmente dizer nada, começaram a brincar. Não a brincadeira antiga, embora o fato de Alice e Zach terem incorporado aqueles personagens na hora de entrar tivesse deixado mais fácil incorporar personagens novos. Primeiro, Poppy e Zach fingiram ser monstros escondidos em sua toca na biblioteca quando Alice, como caçadora de monstros, entrou. Ela os perseguiu por um tempo, tentando matá-los, antes de eles se juntarem e correrem atrás dela, ameaçando transformá-la em monstro também. Eles escorregaram pelo chão só de meias, escondendo-se atrás de estantes e andando nos carrinhos de livros, gritando.

Quando se cansaram, foram para trás do balcão de informações e vasculharam as gavetas, encontrando — além de canetas, lápis, um pen drive e um monte de elásticos — um par de brincos de argola prateados, um livro de mistério com a capa arrancada e uma borracha no formato da tecla *delete*. Na escrivaninha, Zach conseguiu ligar para a marina e deixar a mensagem prometida sobre o barco enquanto Poppy olhava mais coisas.

Alice achou uma sala de descanso com uma pequena cozinha. Havia uma cafeteira, saquinhos de chá e pacotes de açúcar, e uma geladeira que tinha cinco maçãs um pouquinho enrugadas, um iogurte desnatado, um pedaço de cheddar parecendo seco e um pacote quase inteiro de Oreos. Quatro cadeiras dobráveis cercavam uma mesa coberta de cópias revisadas de livros que ainda não haviam sido lançados.

— Olhem isto! — Poppy levantou um livro que eles todos estavam esperando... Um que demoraria meses para sair.

— E ninguém virá para cá até segunda-feira — Zach disse, sentando-se em uma das cadeiras e se alongando, deixando a jaqueta molhada cair na

mesa. — Podemos dormir aqui esta noite. Ficaremos quentes e secos e vai ser incrível.

Alice riu em silêncio. Zach sorriu para o teto como bobo.

— Ainda temos que ir ao cemitério, lembram?

Poppy se levantou, todo o entusiasmo se esvaindo dela.

— Não podemos nos acomodar.

E assim toda a diversão de correr pela biblioteca estava acabada. A boca de Alice apertou-se em uma linha fina e ressentida enquanto Poppy saía em passos largos na direção do salão principal. A disputa das meninas estava restabelecida.

Zach suspirou. Era verdade que ele também não queria sair no frio. Agora que o fim da jornada estava tão próximo, alguma parte dele não queria que ela acabasse. Ele não queria sair para o cemitério e descobrir que não havia mágica no final das contas. Tinha sido mais fácil agirem como bobos em volta das estantes e só se preocuparem em enterrar a Rainha pela manhã.

Alice olhou para Poppy com uma expressão brava.

Zach se levantou e andou de um lado para o outro pela pequena sala.

— Vocês precisam fazer as pazes. São amigas. Vocês devem ser amigas. Não podem simplesmente não se falar ou se falar desse jeito estranho, sem conversar de verdade, como estão fazendo.

Alice balançou a cabeça.

— Você não entende. É que... É fácil para a Poppy. Ela quer uma única coisa e é melhor eu querer também. Ou estou com ela ou estou contra ela, sabe? E ela é assim com tudo.

— Não acho que seja fácil para ela — Zach disse.

Alice suspirou.

— Se ela quer ser minha amiga, então pode me dizer isso. Entendo que a jornada seja importante, mas parece que é a *única* coisa importante.

Zach suspirou de novo e abriu a porta para o salão principal da biblioteca.

Ele encontrou Poppy em uma mesa comprida, onde ela espalhou vários mapas, um atlas e um guia. Ela estava em pé em uma cadeira, olhando para baixo, para tudo aquilo. A Rainha estava apoiada em uma ponta da mesa, deitada de lado, os braços moles esticados.

— Encontrou? — perguntou Zach.

Ela se virou, assustada. Não deve tê-lo ouvido entrar.

— Aqui — Poppy disse, pisando na mesa e andando por um dos mapas, sobre o qual se agachou e apontou.

— Cemitério Spring Grove.

— Tem certeza? — Alice questionou, e foi a vez de Zach ficar surpreso.

Ele não esperava que ela o seguisse.

— Eu não tive uma vista aérea nos meus sonhos, mas parece estar certo — Poppy disse. — Devíamos ir hoje à noite. Pode ter luzes nas ruas lá, e a lua está bem cheia. Mesmo sem lanterna, acho que podemos encontrar o túmulo dela. E aí acabou. Prometo.

Alice revirou os olhos.

— Vou copiar o mapa — Poppy falou.

— Certo — Zach disse. — Vem me chamar quando estiver pronta.

Ele pegou um livro de história da cidade que Poppy devia ter puxado das estantes e saiu andando na direção de alguns sofás que vira perto da seção de livros ilustrados.

Jogou-se no sofá e folheou o livro, passando os olhos pela seção de folclore local. Não havia nenhuma menção a Eleanor Kerchner ou a uma boneca assombrada, mas havia uma história sobre uma garota holandesa que assombrava uma comporta do canal e um garotinho assustador que se enforcou. E havia uma senhora que fora abandonada no dia do casamento e encontrada morta semanas depois, usando o vestido de noiva. Dizia a lenda que seu esqueleto branco pálido corria por aí, brincando nas ruas e

agarrando pessoas. Quando Zach ficou entediado, colocou pedaços de papel, nos quais tinha escrito palavras enigmáticas, entre as páginas.

Um pouco depois, Zach ouviu um barulho baixinho de vozes e desejou que significasse que Poppy e Alice estavam fazendo as pazes. Ele pensou que talvez pudesse fechar os olhos só por um segundo.

Afinal, eles iam cavar um túmulo e teriam de fazer isso com tesouras ou varetas ou quaisquer outras ferramentas que pudessem encontrar. Seria um trabalho pesado. Mas seria feito; Zach tinha certeza disso. Por isso, precisava descansar um pouco. Ele se apoiou no encosto do sofá, virando a bochecha contra a dobra do braço.

Dessa vez, ele sonhou que estava deitado na grama, olhando para cima na direção de uma grande casa. Não conseguia fazer as pernas se mexerem. Havia algo errado com aquela visão. Estava escurecendo nos cantos, mas ele podia ver o bastante para observar que havia pedaços quebrados de bonecas de porcelana em volta dele.

E depois ele ouviu uma voz, que sabia ser do pai de Eleanor.

— Ela se parece exatamente com uma delas. Está igual a uma boneca quebrada.

Quando Zach acordou, uma mulher que ele não conhecia estava em pé acima dele. Ela parecia prestes a gritar, mas Zach gritou primeiro.

Capítulo

Quatorze

A mulher ergueu os braços finos para se defender, como se o grito de Zach fosse um tipo de ataque. Ele se arrastou para cima do sofá e, depois, por cima dele, caindo no chão do outro lado. Ela tinha mais ou menos a idade da mãe dele, com cabelo curto, encaracolado e cor-de-rosa brilhante.

Acima da mulher, a luz entrava pelas janelas. Era manhã de domingo. Zach tinha dormido a noite toda.

Olhando ao redor, ele viu Poppy e Alice deitadas no outro sofá, as cabeças apoiadas em almofadas, em lados opostos. As duas estavam abrindo os olhos. Poppy empurrou o corpo para se levantar.

— Quem é você? — Zach perguntou para a mulher.

— Eu trabalho aqui — ela disse. — Sou bibliotecária. Vim no fim de semana, como sempre faço... Tenho que fazer os pedidos de livros novos e é mais fácil quando não tem nenhum usuário. Agora, querem me dizer o que vocês três estão fazendo aqui? Estão sozinhos? Pensei ter ouvido alguma coisa no andar de baixo.

— Hum — Zach falou, ainda entorpecido de sono.

As respostas o abandonaram.

— Somos apenas nós — Alice respondeu, esfregando o rosto. — Deixamos a janela aberta. Você provavelmente escutou o vento.

A bibliotecária olhou para os três com mais atenção.



— Vocês têm sorte de eu não ter ligado imediatamente para a polícia. Quantos anos vocês têm?

O cérebro de Zach estava enfim começando a acompanhar a situação, e ele percebeu o quanto estavam encrencados.

— Doze — ele disse.

A mulher se virou para Alice e Poppy.

— Onde exatamente seus pais pensam que vocês estão?

Alice deu de ombros.

— Bem, vamos até o escritório e ligaremos para eles agora, combinado? E é melhor não terem vandalizado este lugar, ou vou mudar de ideia e ligar para a polícia.

— Não bagunçamos nada — Poppy avisou. — Olhe por aí e veja se estamos dizendo a verdade e, se estivermos, você pode nos deixar ir embora. Não criaremos mais problemas.

— Ou ligamos para os seus pais — a bibliotecária de cabelo cor-de-rosa disse — ou ligamos para a polícia.

A adrenalina subiu pelo corpo de Zach. Ele pensou em correr. Se eles todos corressem para a porta, Zach tinha certeza de que conseguiriam. Alice estava sem sapatos, o que era um problema, mas talvez ela pudesse pegá-los. E também havia a boneca. Poppy não parecia estar segurando a Rainha, o que era incomum. Zach pensou na última vez em que acordara e

encontrara a boneca não onde estivera na noite anterior. Mas, quando olhou ao redor da biblioteca, nada mais parecia errado. Os sofás não tinham sido rasgados; não havia coisas espalhadas nem embalagens de comida jogadas na sala de descanso.

Naquele ponto, porém, ele tinha perdido sua chance. A bibliotecária estava acenando para que eles saíssem dos sofás e Zach não conseguiu cruzar o olhar com os das meninas. Assim, se ele corresse, não tinha certeza se elas o seguiriam.

— Venham para os fundos e eu farei chá para vocês — a bibliotecária de cabelos rosa disse. — Vocês estão precisando.

Eles deviam estar com a aparência bastante desalinhada quando arrastaram os pés até a sala de descanso usando as mesmas roupas havia um dia e duas noites. As orelhas de gato no capuz do casaco de Alice estavam curvadas em ângulos estranhos, e havia tinta espalhada pela bochecha de Poppy, como se uma das canetas que ela estivera usando tivesse começado a vaziar. Zach se perguntou se a bibliotecária achava que eles eram crianças de rua. Imaginou que, se falassem que eram, ela os deixaria ir embora.

Na metade da travessia da biblioteca, Poppy parou.

— Esperem, cadê a Rainha?

A voz dela estava aguda, em pânico.

— Você não sabe? — Zach perguntou.

Ele olhou ao redor de novo, como se, de alguma forma, a boneca fosse se materializar do nada.

A bibliotecária levantou as sobrancelhas, como se esperasse uma explicação.

— Uma boneca — Zach disse. — Ela é bem velha. Poppy deve ter perdido.

— Bem, onde esteve com ela pela última vez? — Alice perguntou a Poppy.

— Eu levei a Rainha comigo quando fui para o sofá — ela contou. — Sei que levei. Ela estava *bem ali* do meu lado quando eu dormi.

— Antes disso, ela estava na mesa do mapa — Zach entrou na conversa.
— Talvez você tenha esquecido...

— Eu vi a boneca — Alice interrompeu — quando fomos dormir. *Alguém* deve ter levantado e tirado a Rainha do lugar.

Poppy começou a procurar quando a bibliotecária pegou o braço dela.

— Todos vocês — ela disse com uma firmeza impressionante. — vão para a sala de descanso, e depois cuidaremos da boneca desaparecida e dos seus pais e de todo o resto. A biblioteca está fechada. Se a boneca está aqui, vamos encontrá-la. Enquanto isso, ela não vai a lugar nenhum. Agora vamos.

Zach realmente *esperava* que a boneca não fosse a lugar nenhum.

Eles se sentaram nas cadeiras dobráveis em volta da mesa da sala de descanso enquanto a bibliotecária ligava a chaleira elétrica. Ela olhou pelos armários até encontrar um pacote de biscoitos, que abriu e colocou na frente deles.

— Meu nome é Katherine Rausse — ela disse. — Podem me chamar de Senhorita Katherine. Não Kathy, *Katherine*.

— Meu nome é Poppy — Poppy falou. — Poppy Bell. E eles são Alice Magnaye e Zachary Barlow.

— Nomes muito melódicos — comentou a bibliotecária, tirando canecas de um armário.

A água aqueceu depressa e, assim, ela pôde pegar os saquinhos de chá, colocar um em cada caneca e enchê-las com água fervente. O vapor subiu de cada uma delas, assim como o cheiro reconfortante de folhas amassadas.

— Não temos leite, mas vou colocar açúcar na mesa. Agora vou ligar para a minha diretora e informar o que está acontecendo. Vou trancar esta porta, mas volto logo, então, se precisarem usar o banheiro ou alguma outra coisa, prometo levá-los assim que eu voltar.

Ela saiu, deixando-os sozinhos, o clique do trinco sinalizando que ela não estava brincando quando falou em trancá-los lá dentro.

Zach não fazia ideia de como eles iriam sair da sala de descanso. Nenhuma ideia de como iriam encontrar a Rainha. Nenhuma ideia de como iriam fazer qualquer coisa além de voltar para casa derrotados, a jornada para sempre inacabada. Pensar parar naquele momento, no entanto, quando estavam tão perto, incomodava Zach. Ele ficou enlouquecido com o fato de que, se tivessem simplesmente ido ao cemitério na noite anterior — se ele tivesse sido menos preguiçoso —, a jornada estaria concluída.

Poppy olhou para dentro da caneca. Depois, de repente, limpou os olhos com as costas de uma das mãos.

— Sinto muito — ela disse.

Alice suspirou.

— Não é culpa sua. Fui eu que arrombei a janela.

— E fui eu que peguei no sono — Zach falou. — Você ficou nos lembrando, Poppy. Não é culpa sua...

Poppy o interrompeu.

— Não é isso que eu quero dizer. Achei que poderíamos fazer isto e, quando acabasse, teríamos algo que ninguém tinha: uma experiência que nos mantivesse juntos. Estou vendo vocês mudarem.

Ela se virou para Zach.

— Você vai ser um daqueles caras que passam o tempo com os colegas do time e namora líderes de torcida e não se lembra de como era inventar coisas. E você...

Ela se voltou para Alice.

— Você vai ficar muito ocupada pensando nos meninos e fazendo testes para as peças da escola e sei-lá-o-quê para se lembrar. É como se vocês dois estivessem esquecendo tudo. Estão esquecendo quem são. Eu achei que isso fosse lembrá-los. E sinto muito, porque isso foi idiota. Eu fui idiota.

— Não é justo — Alice falou.

— É, eu não *esqueci* — disse Zach.

Poppy parecia o pai dele, mas pelo avesso. Ele não queria esquecer e queria que todo mundo parasse de falar como se isso fosse inevitável, como se fosse acontecer, quisesse ele ou não.

Alice revirou os olhos.

— Não somos zumbis só porque gostamos de coisas de que você não gosta.

— Não, você está certa — Poppy concordou, a voz dela ficando mais acelerada e alta, como se tivesse medo de ser interrompida antes de soltar tudo. — Não é *justo*. A gente tinha uma história, e nossa história era importante. Eu odeio o fato de vocês dois poderem simplesmente ir embora e levar parte da minha história com vocês e nem se importarem. Odeio o fato de vocês poderem fazer o que precisam fazer e eu não. Odeio o fato de que vocês vão me deixar para trás. Odeio o fato de todo mundo chamar isto de crescer, mas parece que é *morrer*. Parece que cada um de vocês foi possuído e eu sou a próxima.

Zach e Alice ficaram quietos por um longo tempo.

Antes de poderem falar, a porta foi aberta e a Senhorita Katherine entrou. Os óculos dela estavam pendurados em volta do pescoço com uma corrente e ela parecia um pouco nervosa.

— Bem — ela disse —, a diretora quer que eu diga a vocês que, se houver algo errado em casa, podemos ligar para a assistência social em vez dos seus pais.

Houve um longo silêncio.

— Vou supor que isso significa que vamos usar o plano original.

Ela fez que sim com a cabeça para si mesma, seus cachos cor-de-rosa pulando enquanto ela fazia isso.

— Agora, quem quer ligar para casa primeiro?

Alice se levantou, empurrando a cadeira para trás.

— Eu vou. Minha avó deve estar preocupada.

— Tem certeza? — Poppy disse. — Posso ligar primeiro, se você quiser.

Alice mandou para ela um olhar fulminante.

— Não, tudo bem. Não precisa me fazer nenhum favor.

Quando as duas saíram, Zach bebeu o chá e comeu cinco biscoitos, embora não tivessem gosto de nada na boca dele. Ele mastigava e engolia automaticamente.

— Você está bravo comigo? — Poppy perguntou.

— Não — Zach respondeu.

Depois, pensando um pouco mais:

— Talvez.

— Quanto problema você acha que ela vai ter? — Poppy perguntou.

— Muito — ele disse, baixando a cabeça nos braços.

Poppy se curvou na mesa e descansou a cabeça em um gesto que imitava o de Zach. Ele pensou no fato de eles terem sido amigos por tanto tempo que até tinham os mesmos maneirismos. Pensou em como se conheceram, anos antes.

Ele pensou no que Poppy dissera sobre crescer e se perder.

E em como seria ruim se Alice ficasse tão encrencada que eles nunca mais pudessem vê-la.

E como seria terrível se Alice e Poppy nunca fizessem as pazes.

Ele pensou no que seu pai e sua mãe diriam quando ele ligasse e no que ele poderia responder.

Ele pensou em histórias, em todas as histórias. As que eles inventaram e as que nunca tinham inventado.

Ele ainda estava pensando nessas coisas quando a porta foi aberta e Alice entrou, usando seus sapatos. Ela parecia triste.

— Certo, Poppy — a Senhorita Katherine disse. — Sua vez.

Poppy se levantou e saiu olhando apenas uma vez para trás.

— Como foi? — Zach perguntou a Alice após um longo tempo.

Ela ficou mexendo no botão da chaleira elétrica, ligando-a e desligando-a, parecendo perdida em pensamentos.

— Ah — ela falou. — Estranho. Minha tia Linda estava lá. A vovó a chamou. Ela quis sair procurando por mim ontem, mas sabia que não conseguiria enxergar bem à noite. Ela estava brava, mas... Não sei, parecia diferente. Como se percebesse pela primeira vez que está velha.

— Acha que vai ficar de castigo para sempre? — Zach perguntou.

— Ah, sim — Alice falou. — Para sempre e mais um dia. Até mesmo se ela deixar a tia Linda ajudar mais.

Ele não queria deixar de ver Alice. Antes de se acovardar, ele soltou as palavras:

— Então, se eu convidá-la para ir ao cinema comigo ou algo assim...

Ela se encostou no balcão, olhando para ele, um sorriso levantando um dos cantos da sua boca.

— Você está me chamando para sair?

— É — ele disse, limpando as mãos na calça jeans. As palmas tinham começado a suar. — Sim. Você quer...

— Sim — ela o interrompeu, dizendo a palavra muito rápido, sem olhar para ele.

Zach se perguntou se Alice se sentia tão estranha quanto ele. Ele estava feliz por ter convidado e estava feliz por ela ter aceitado, mas também estava feliz por ela estar de castigo, então não aconteceria logo.

A porta foi aberta e os dois deram um pulo. Poppy entrou e se jogou em uma das cadeiras dobráveis. Parecia até mais chateada do que Alice.

— Você está bem? — Zach perguntou.

— Preciso de uma carona — Poppy murmurou, colocando a cabeça nas mãos de novo.

— O quê? — Alice falou.

— Não consegui falar com o meu pai, e minha mãe vai trabalhar até tarde. Ela perguntou se um de vocês pode me levar.

A Senhorita Katherine colocou mais água quente na xícara.

— Zachary, é a sua vez.

Ele se levantou e andou na direção da porta. Enquanto estava saindo, olhou para Poppy. Alice estava em pé atrás da cadeira dela, a mão no ombro da amiga. E, naquele momento, ele percebeu que não queria que eles tivessem de voltar sem ter completado a jornada. Ele queria que eles terminassem aquilo tudo da maneira como Poppy tinha imaginado: juntos.

Zach observou enquanto a bibliotecária trancava a porta da sala de descanso. Depois, ele a seguiu pela biblioteca até o escritório no terceiro andar, onde havia uma pequena escrivaninha com pilhas de mais algumas cópias de revisão de livros e papéis, com canetas espalhadas. Uma cadeira dobrável com o assento acolchoado estava em frente a ela e uma cadeira de pano com rodinhas, atrás.

— Sente-se — a Senhorita Katherine disse, sentando-se atrás da escrivaninha.

Ela pegou o telefone e o entregou a Zach.

— Você digita o número, mas eu preciso falar com os seus pais. Direi a eles onde você está e, depois, passo o telefone para você. Irei lá fora para você ter um pouco de privacidade, a menos que queira que eu fique, certo?

Ele concordou.

Zach lembrou a si mesmo de que não se importaria se os pais estivessem zangados. Ele ainda estava bravo com o que o pai tinha feito e com quão pouco a mãe tinha se importado. Se ele mantivesse essa ideia mais forte que os outros pensamentos, nada que eles dissessem poderia chateá-lo. Ele simplesmente não ligaria.

Ele limpou as mãos na calça jeans e esperou que isso fosse verdade. Digitou o número e entregou o telefone.

A bibliotecária pegou o aparelho e começou a explicar que encontrara Zach dormindo no sofá da Biblioteca Pública Carnegie, em East Liverpool — sim, East Liverpool, em Ohio —, e, sim, ele estava bem, estava com duas amigas e elas estavam bem também. Ela deu o endereço da biblioteca e algumas orientações resumidas do caminho.

Depois estendeu o telefone para ele.

Zach o pegou e o levou devagar até a orelha enquanto a Senhorita Katherine ia para a porta, fechando-a com suavidade depois de sair.

— Mãe? — ele disse.

— Sou eu — respondeu o pai. — Você está bem?

O coração de Zach acelerou.

— Sim, como ela disse. Estou bem.

— Nunca tive a intenção de fazê-lo ter vontade de fugir — o pai de Zach disse, com suavidade.

Logo que seu pai atendeu, Zach esperou muitos gritos e o telefone sendo batido contra a base. Mas o pai não parecia bravo. Zach não tinha certeza do porquê, mas, acima de qualquer coisa, o pai parecia assustado.

— Não era isso que eu estava fazendo — ele contou. — Eu estava em uma jornada. Eu ia voltar quando terminasse.

Depois de ter dito aquelas palavras, Zach sabia que eram verdade. Ele ia voltar. Precisava apenas de um tempinho.

Houve uma longa pausa do outro lado da linha, como se o pai não soubesse bem como responder.

— Então, essa jornada — ele disse enfim, hesitante. — Já terminou?

— Ainda não — Zach falou. — Pensei que tinha terminado, mas... Acho que não terminei.

— Vamos entrar no carro e estaremos aí em duas horas e meia. Acha que vai ter terminado até lá?

— Não sei.

— Sua mãe está muito preocupada. Quer falar com ela?

Zach queria dizer a ela que tudo estava ok, que ele estava bem, mas não queria ouvir a voz dela e perceber o quanto a chateara.

— Não — ele disse depois de um momento. — Vejo os dois quando vocês chegarem aqui.

O pai soltou um suspiro pesado.

— Você sabe que eu não o entendo.

— Não precisa.

Zach queria apenas que a conversa terminasse antes de um deles dizer algo horrível.

— Eu *quero* — o pai disse.

Zach bufou.

Houve um longo silêncio do outro lado da linha.

— Não sou bom neste tipo de coisa, mas, mesmo eu nem sempre entendendo as coisas e sua mãe dizendo que eu não sei conversar, eu queria dizer que pensei bastante no que eu fiz com aqueles brinquedos. Foi uma coisa cruel. Eu cresci sendo cruel, e não quero que você tenha que crescer sendo cruel também.

Zach ficou em silêncio. Ele nunca ouviu o pai falar daquele jeito antes.

— Quando eu o vi com aqueles bonecos, pensei em você sendo importunado na escola. Pensei que você tinha que ser mais durão. Mas tenho pensado que proteger alguém, magoando essa pessoa antes de outros terem a chance, não é o tipo de proteção que alguém quer.

— É — Zach disse.

Foi tudo o que ele conseguiu dizer. Não tinha ideia de que o pai pensava em coisas daquele tipo. Toda a raiva havia se esvaído dele, deixando-o frágil como um copo de papel fino.

— Então, até logo — o pai disse. — Boa sorte com a jornada.

Ele disse a palavra como se ela tivesse um formato estranho e desconhecido na sua boca, mas disse.

— Tchau, pai — Zach se despediu e desligou o telefone.

Ele ficou sentado ali por bastante tempo, com a respiração pesada. Algo havia mudado, algo sísmico, e ele tinha de ficar parado por tempo o bastante para que aquilo se acalmasse dentro dele. Depois, levantou-se e saiu pela porta.

Capítulo

Quinze

A Senhorita Katherine estava guardando alguns livros nas prateleiras ali perto e colocou-os de volta no carrinho quando Zach saiu do escritório. Seu cabelo rosa estava com a cor tão viva quanto a da crina sintética de um cavalo de plástico.

— Tudo bem? — ela perguntou.

— Eles estão vindo — Zach disse, tentando deixar a estranheza das palavras do pai para trás. — Você viu a boneca da Poppy?

Ela balançou a cabeça.

— Passei pela mesa onde vocês deixaram todos aqueles mapas, mas não havia mais nada lá. Quer dar uma olhada você mesmo?

Zach assentiu e seguiu-a até os sofás. Ele reparou nos sapatos dela pela primeira vez, bem amarelos e com laços. Ela não se parecia com nenhuma bibliotecária que ele já vira. Na verdade, ela não se parecia com nenhum adulto que ele já conheceria.

Zach olhou embaixo do sofá onde as meninas haviam dormido, e depois embaixo daquele onde ele tinha adormecido; afinal, da última vez em que ele acordara, a boneca estava bem perto da sua cabeça. Ele ajoelhou, tremendo com a ideia de ela estar deitada bem embaixo de onde ele dormiu, como se pudesse estender suas mãozinhas de porcelana e puxá-lo para baixo *através* das almofadas do sofá. No entanto, ela não estava lá.

A Rainha não estava debaixo da mesa também. Ela não estava em nenhuma das cadeiras nem em nenhum lugar óbvio no tapete. Ela não estava em nenhum lugar que ele pudesse ver.

Ele também não a *sentia*, não sentia o olhar dos olhos sem vida dela observando-o de algum canto do salão, como sentira quando ela estava na cristaleira na sala de estar de Poppy.

Enquanto ele procurava, a Senhorita Katherine começou a juntar os livros e mapas que Poppy deixara na mesa na noite anterior.

— O que vocês estavam tentando encontrar? — a bibliotecária perguntou.

Ele percebeu que a Senhorita Katherine não sabia o que pensar da história da boneca. Ele não tinha certeza nem de que ela acreditou que *havia* uma boneca. Se não acreditasse, Zach se perguntava o que ela achava que ele estava procurando.

Ele encolheu os ombros.

— Nada.

— Parece que alguém estava pesquisando um cemitério aqui perto — a Senhorita Katherine disse, gentilmente. — Spring Grove? Vi alguns pedaços de papel com as orientações desenhadas e riscadas. O que há no Cemitério Spring Grove? Você pode me contar, Zach. Prometo que tentarei entender.

— Você já ouviu uma história, uma história de fantasma, sobre uma menina que pulou do telhado de casa?

Ele hesitou, apertando o bico do tênis contra uma das pernas da mesa. Queria confiar nela, mas sabia que não podia confiar *demaís*; ela nunca acreditaria se ele contasse tudo.

— Tipo, em circunstâncias misteriosas? Talvez uma chamada Eleanor Kerchner.

A Senhorita Katherine balançou a cabeça.

— O único Kerchner em que consigo pensar era um artesão famoso... Um ceramista local bem conhecido. Até temos uma exposição dos trabalhos dele no andar de baixo, cortesia do museu. Havia uma história horrível a respeito dele, mas não conheço nenhuma Eleanor Kerchner.

Aquilo parecia um pouco real demais, existir um ceramista com uma história horrível.

— Lá embaixo?

Zach deu alguns passos para cruzar a biblioteca antes de a Senhorita Katherine limpar a garganta.

— Acho que não — ela disse. — Eu o deixei dar uma olhada por aí, mas já chega. Venha.

Zach se lembrou da parede de vasos com aparência frágil que ele vira no porão. Tinha passado correndo por eles, sem olhar de verdade e, naquele momento, estava muito curioso para saber o que perdera. Ele tinha que descer até lá. Tinha. Seu coração começou a bater com a esperança renovada. Talvez houvesse um segredo ali, um segredo que poderia não os ajudar a terminar a jornada, mas provaria que foi uma jornada real. Uma jornada real para um fantasma real.

Ele se concentrou naquilo enquanto a bibliotecária o guiava de volta para a sala de descanso e abria a porta com a chave já na fechadura. Dentro, as meninas estavam sentadas em lados opostos da mesa com expressões quase idênticas de preocupação.

— Vou ligar de volta para a diretora — a Senhorita Katherine disse, com um grande sorriso, que pode ter sido forçado. — Avisar que tudo foi resolvido. Depois, vamos pensar em um almoço para vocês, crianças. É quase meio-dia.

— Obrigada — Alice e Poppy disseram em voz baixa.

— Obrigado — Zach ecoou automaticamente.

A bibliotecária saiu, e Zach esperou até ouvir a chave virar na fechadura. Depois, colocou as duas palmas contra a mesa, como se fosse fazer um discurso.

— Ok — ele disse, olhando de uma amiga para outra. — Precisamos de um plano. Precisamos sair desta sala antes de a bibliotecária voltar.

Alice se levantou, parecendo um pouco confusa, mas esperançosa.

— Como?

— Não importa — Poppy disse, ainda sentada. — Não temos mais a Rainha. Mesmo se nós sairmos daqui, e não tenho ideia de como faremos isso, não podemos terminar a jornada sem ela.

— Vamos encontrá-la — Zach afirmou. — Olhei no lugar onde nós dormimos e ela não estava lá, mas isso não significa nada. Podemos encontrar. Podemos fazer isso. Você tem certeza de que não levou a Rainha com você para outro lugar? Qualquer lugar?

Poppy balançou a cabeça, negando. Zach achou que fazer aquele discurso sobre tudo o que ela odiava havia sugado de Poppy aquele seu jeito tão legal. Ou talvez fosse a perda da Rainha. De qualquer forma, Poppy parecia mais derrotada do que nunca.

— Não. Quando me sentei no sofá, ela estava comigo. Eu estava preocupada porque poderia rolar por cima dela, pois é tão frágil, por isso coloquei a Rainha no chão e deixei minha mão pendurada para poder tocar nela. Eu teria percebido se alguém mexesse nela.

— Que medo — Alice comentou. — O que é essa coisa entre você e a Rainha? Você está sempre segurando e tocando nela. Não acha a história de ela-ser-feita-com-ossos-humanos um pouco, tipo, assustadora?

Poppy lançou um olhar para ela.

— Eu não quis dizer desse jeito — Alice falou. — Não que você esteja sendo estranha. Tem certeza de que ela não está fazendo alguma coisa com você? Te *obligando* a fazer o que ela quer?

— Ah, então *agora* você acredita na possibilidade de existir um fantasma — Poppy zombou.

— Vamos encontrar a Rainha — Zach insistiu, interrompendo antes que elas comessem a brigar de novo. — Assim que descobrirmos uma maneira de sair desta sala. E vamos descobrir. Em apenas um segundo vou ter uma ideia, e vai ser muito boa.

Ele se encostou contra a parede, cruzando os braços e tentando se concentrar. Eles podiam dizer à Senhorita Katherine que precisavam usar o banheiro e depois fugir pela janela. O único problema era que a Senhorita Katherine provavelmente não os deixaria usar o banheiro todos ao mesmo tempo. Bem, isso e o fato de as janelas do porão estarem bem acima da parede; eles precisaram pular quando entraram. E apenas mais um problema: ele não tinha certeza se *havia* uma janela no banheiro das meninas.

Alice olhou para o teto. Depois, subiu em uma das cadeiras dobráveis e, de lá, passou para a mesa.

— O que você está fazendo? — Poppy perguntou.

Alice ficou na ponta dos pés e empurrou uma das telhas do teto. Ela abriu espaço, mostrando a grade de metal que a sustentava. Atrás dela, havia apenas escuridão, como o espaço deixado por um dente que falta.

— Tenho uma ideia — ela disse. — Vejam como o teto é baixo aqui. E olhem a porta, é diferente das outras; a maçaneta é bem brilhante.

— E daí? — Zach perguntou, aproximando e franzindo as sobrancelhas para o que ela estava fazendo.

— Todo o resto deste prédio é velho, mas aqui tudo é novo. Isto foi construído recentemente. Aposto que este forro esconde um teto mais velho e alto, e pode haver alguma ventilação ou algum lugar por onde podemos atravessar agachados na parede nova.

— Você vai mesmo subir aí? — Zach questionou.

— Segurem a mesa que eu vou — Alice respondeu. — Igual a subir no trepa-trepa do parquinho.

Zach a encarou com admiração e surpresa.

— Acha mesmo que vai funcionar? — perguntou.

Alice olhou para ele.

— Funciona em filmes.

Ela pulou, segurou os suportes de metal e puxou-se para cima, para a escuridão, como se estivesse na aula de educação física.

— Mesmo se você chegar ao outro lado — Poppy falou —, a porta ainda está trancada.

Zach começou a sorrir.

— Não. A Senhorita Katherine deixa a chave na porta. Se Alice chegar ao outro lado, pode mesmo abrir a porta. Vamos sair daqui.

— Ai — Alice falou acima deles, a voz abafada pelas telhas ainda no lugar. — Não vejo a ventilação.

— Talvez não tenha — Poppy disse. — Desça de volta.

Eles ouviram um barulho metálico e um grito agudo e, depois, mais barulho. Zach desejou com força que o escritório da Senhorita Katherine fosse à prova de som. Depois, os barulhos pararam e houve um som sólido, como um corpo atingindo o chão.

Poppy olhou para Zach, um tipo de esperança louca em seus olhos. Ele sorriu para ela.

Então a porta se abriu, Alice parada do outro lado e com a respiração pesada.

— Venham — ela chamou. — Rápido.

— Ok — disse Zach. — Este é o plano. Vamos todos procurar a Rainha. Eu fico com o porão. Poppy, você refaz seus passos. Alice fica com as estantes deste andar. A gente se encontra no lado da biblioteca, o que fica mais perto da rua. Certo?

— E se não encontrarmos a Rainha? — Alice perguntou.

— Temos que encontrar — disse Poppy.

— Já que vamos nos separar, não vamos saber quem encontrou o quê, por isso vamos procurar na maior área possível e depois nos encontrarmos aqui.

A Senhorita Katherine podia voltar logo. Ela pode ter saído para buscar o almoço prometido, mas aquilo não lhes dava muito tempo extra. Tinham que ser rápidos.

— Vejo vocês em dez minutos.

Poppy concordou e saiu rapidamente em direção aos sofás. Alice bateu continência e seguiu para as estantes.

Zach desceu as escadas até o porão. Sentiu um pouco de culpa, pois sabia que tinha um motivo para decidir procurar a Rainha no porão; um motivo que só tinha um pouco a ver com encontrá-la. Ele queria ler a respeito do tal Kerchner, que fizera as cerâmicas. Queria saber se ele era mesmo parente de Eleanor.

O porão estava silencioso, o único som vinha do vento que soprava pela janela que eles haviam deixado aberta. Estava escuro no corredor, e ele pôde ver por que não reparara na exposição: as luzes da estante estavam apagadas. Ele passou a mão pela parede até encontrar o interruptor e apertá-lo.

De repente, o armário ganhou vida. As peças dentro dele eram feitas de uma porcelana tão fina que era praticamente translúcida e moldada nos formatos mais fantásticos. Havia bules de chá contornados por guirlandas de flores pequeninas e perfeitas; porta-ovos modelados com uma rede de filigrana no desenho quadrifoliado das janelas de igrejas antigas, tudo em um dourado brilhante; e vasos com alças de formato intrincado, os corpos pintados em estampas delicadas de flores de cerejeira. Todas as peças pareciam brilhar, tão fina era a porcelana de ossos de que eram feitas.

Eram iguaizinhas às peças do sonho de Zach sobre Eleanor, a não ser pelo fato de serem perfeitas.

E havia uma placa no centro com a foto em preto e branco de um homem de expressão severa de pé ao lado do rio. Trazia escrito:

Apesar do sucesso de olarias americanas em East Liverpool na virada do século, elas ainda não eram consideradas boas como suas primas europeias. O patriotismo e a ambição levaram a Wilkinson-Clark China a fazer algo único, uma porcelana nova tão fina que garantiria o lugar da companhia não apenas como igual, mas melhor do que qualquer uma do mundo. Ela queria fazer arte.

A porcelana Orchid Ware foi o resultado da colaboração entre dois homens: Philip Dowling e Lukas Kerchner. Dowling era técnico em cerâmica e especialista em química da argila. Tinha experiência considerável e foi capaz de criar o processo que permitiu à Wilkinson-Clark criar uma porcelana que era muito fina, mas também tinha integridade estrutural suficiente para a produção comercial. Parte do que fazia a porcelana tão sólida era a alta porcentagem de cinzas de ossos de gado, que eram desgelatinizados e depois calcinados em temperaturas muito altas.

Kerchner era o artista. Havia rumores de que era difícil trabalhar com ele e que ele muitas vezes era encontrado gritando com subordinados ou acusando-os de o espionar; mas ele também era um gênio, capaz de moldar beleza na argila. Suas mãos firmes, sua imaginação desenfreada e sua abundância de influências — Art Nouveau, moura, persa e indiana, assim como a cerâmica inglesa e alemã da sua infância — ajudaram-no a fazer objetos da Orchid Ware que eram completamente diferentes e definitivamente mais finos do que qualquer porcelana produzida em East Liverpool antes. Kerchner tornou-se obsessivo, trabalhando sem parar e recusando-se a autorizar a venda de qualquer peça que não fosse perfeita.

A Orchid Ware decolou imediatamente. Tendo recebido destaque na Feira Mundial de Chicago, ela ganhou diversos prêmios e impressionou a comunidade ceramista internacional. Sem demora, houve demanda entre as senhoras entendidas da época. Até mesmo a Primeira-Dama encomendou uma peça. Porém, apesar da enxurrada de pedidos, a produção de Orchid Ware revelou não ser lucrativa. Cada peça tomava muito tempo para ser finalizada, e muitas eram destruídas nos fornos construídos para queimar cerâmicas muito mais resistentes. Outras se quebravam durante o transporte. Para cada peça intacta, quinze eram quebradas ou consideradas imperfeitas para serem vendidas. Porém, apesar do esgotamento que a Orchid Ware levou às finanças da empresa, o orgulho da Wilkinson-Clark forçou-a a continuar produzindo, mesmo com prejuízo.

Em seguida, aconteceu a tragédia. A filha de Lukas Kerchner desapareceu no começo do outono de 1895. Rapidamente, a compaixão transformou-se em terror, quando sangue e cabelos foram descobertos em seu escritório na fábrica, em um avental de couro que pertencia a ele. Foi cogitada a hipótese de que ele tivesse assassinado a filha e usado o método de calcinação de ossos de gado para se desfazer do corpo dela. A teoria teve o suporte dos relatos da irmã da sua falecida esposa, que fora responsável por cuidar da sua filha, e que contou que Lukas chegara em casa em um estado de espírito desequilibrado e a trancara em um dos quartos de sua grande casa vitoriana. Quando ela escapou do quarto, ele e a filha já haviam desaparecido.

Lukas Kerchner negou ter assassinado a filha, mas não deu explicação para as evidências encontradas no seu local de trabalho nem sobre o paradeiro dela, dizendo apenas “eu não sou o assassino dela, mas fui eu quem deu a ela uma nova vida”. A continuação do interrogatório o fez perder o controle, gritando e chorando e insistindo que a filha “era como um anjo que caiu na terra” e era “sua criação mais perfeita”. Ele foi condenado por assassinato e sua sentença foi a morte.

Depois da sua condenação, a produção de Orchid Ware acabou. No total, as peças foram feitas por menos de três anos, mas ainda são colecionadas com avidez hoje em dia e são muito valiosas. De tempos em tempos aparecem rumores de peças fantásticas feitas por Lukas Kerchner no auge de sua loucura — samovares, um relógio de porcelana que funciona e até mesmo uma boneca articulada —, embora, dada a natureza frágil da Orchid Ware, é improvável que esses rumores sejam verdade. Ainda assim, a mística da Orchid Ware deve continuar por muito tempo.

Esta coleção é um empréstimo de um colecionador.

Zach ficou encarando a placa. Ele leu-a inteira de novo para ter certeza de que entendeu, seu próprio sonho ecoando em suas orelhas. Se aquilo com que ele e Poppy tinham sonhado fosse real, se Eleanor fosse real, então Lukas Kerchner não matou a filha. A tia deve ter feito Eleanor cair do teto e Lukas — que, assassino ou não, estava claramente superlouco — deve ter encontrado o corpo e decidido que o único tributo cabível era transformá-la em uma boneca feita com sua preciosa Orchid Ware.

Um tremor percorreu o corpo dele. Parecia eletricidade faiscando em sua pele.

No andar de cima, Zach ouviu um som como de alguém chamando... Talvez chamando um nome. A Senhorita Katherine devia estar na biblioteca procurando por eles. Zach não tinha mais tempo para se preocupar com Lukas Kerchner. Ele tinha que encontrar a boneca. Ele tinha que encontrar Eleanor.

Depressa, ele entrou na primeira sala aonde eles tinham chegado pela janela. Estava com papéis soprados por todo o chão, o que fazia o piso parecer coberto de neve. Não havia boneca, no entanto. Em nenhum dos armários de arquivos, nem na estante no fundo da sala, nem embaixo das escrivaninhas.

Ao cruzar a sala, ele entrou em outro cômodo, este com pilhas de caixas de livros. Espiou dentro de cada uma delas, mas não havia sinal da Rainha.

Então, sem saber ao certo onde mais procurar, Zach entrou rapidamente no banheiro feminino. Ele nunca entrara em um banheiro feminino antes, e havia algo de constrangedor naquilo. Definitivamente, não queria ser pego lá. Porém, quando olhou ao redor, não era muito diferente de um banheiro masculino. O azulejo era rosa e não havia mictórios na parede, apenas uma fileira de três cabines e uma única pia... Exceto por isso, era idêntico. Zach andou na direção da pia e do espelho sem muita esperança, até reparar na lixeira de metal encostada em uma das paredes.

A Rainha estava lá, dentro da lixeira, em uma cama feita com um chumaço de toalhas de papel, seus olhos estranhos encarando Zach. Ele deu um passo repentino e assustado para trás e viu seu próprio olhar no espelho.

Porém, mesmo aquilo era estranho. Em vez da sua pele normal, Zach viu um rosto feito de porcelana branca rachada com buracos pretos no lugar onde os olhos deveriam estar. E, quando ele abriu a boca para gritar, seu reflexo permaneceu perfeitamente sereno, os lábios sem movimento. Parecia quase uma máscara.

Depois, Zach piscou e estava olhando para o seu próprio rosto. Tudo estava normal, exceto pelo fato de seu coração estar martelando contra o peito.

Ele disse a si mesmo que talvez Poppy tivesse levantado no meio da noite e descido para usar o banheiro. Talvez ela estivesse meio adormecida e tivesse deixado a Rainha na pia e a boneca tivesse caído no lixo. Era uma explicação estranha, mas Zach ia supor que era o que tinha acontecido. Do contrário, teria que aceitar que a boneca o atraía para o porão para ele ler a história. Talvez mais tarde ele não se importasse de pensar assim, quando estivesse do lado de fora e à luz do sol de novo.

Ele também ia supor que tinha se assustado e por isso pensou ter visto alguma coisa no espelho... Algo que claramente não estava lá.

Zach se inclinou com cuidado e tirou a Rainha do lixo. Segurando-a contra o peito, ele começou a correr, saindo pela porta e subindo a escada, batendo na porta da frente da biblioteca com o ombro e mergulhando para o dia frio de outono.

Capítulo

Dezesseis

Alice já estava esperando ao lado da biblioteca, agachada e meio escondida atrás de um arbusto. Ela estava prestes a dizer alguma coisa quando viu a Rainha nos braços de Zach e pulou.

— Você conseguiu — ela disse quase em um sussurro. — Você encontrou a Rainha!

Ele concordou, balançando a cabeça com força.

— Cadê a Poppy?

Assim que as palavras saíram da boca de Zach, Poppy virou no canto do prédio, correndo em direção a eles. Ele teve o vislumbre de um cabelo cor-de-rosa atrás dela.

— Corram! — ela gritou. — Corram! Corram!

Eles se atiraram na rua, correndo por caminhos sinuosos que levavam à Avenida Principal. Depois de alguns quarteirões, Zach parou, ofegante. Quando olhou por cima do ombro, não viu mais a Senhorita Katherine. Ele não tinha certeza se os sapatos bem amarelos com laços da bibliotecária eram do tipo adequado para correr.

— Nós conseguimos — Zach disse.

— Você encontrou a Rainha.

Poppy sorriu para ele. Ela não sorria daquele jeito desde antes de ele ter mentido sobre William, desde antes de eles começarem a jornada.

Zach se viu sorrindo para Poppy também.

— Achei outra coisa também. Sobre a história dela. Acho que sei o que ela queria que a gente descobrisse.

— Agora não — Alice falou, balançando a cabeça. — Temos que continuar andando. Pelo que sabemos, a bibliotecária pode estar ligando

para a polícia.

— Você ainda tem as orientações para chegar ao cemitério? — Zach perguntou a Poppy.

Poppy fez que sim com a cabeça.

— Mas não vamos conseguir chegar a pé. A menos que...

E ela disparou de novo, correndo pela Avenida Principal.

Eles correram atrás dela. Ela parou em frente à loja de games, onde estavam umas poucas bicicletas encostadas, algumas presas com corrente a um poste próximo e duas apoiadas contra o muro. Ela olhou para os outros dois pensativa.

— Você não pode estar falando sério — Zach disse. — Vamos simplesmente...

Poppy pegou uma bicicleta e começou a andar com ela na direção de Alice.

— Você pedala — disse a ela. — Vou sentar no guidão. Eu falo para onde ir.

Alice concordou, jogando a perna por cima da bicicleta e equilibrando-a.

— Não é pior do que pegar o barco — Poppy falou, subindo na frente da bicicleta. — Vamos trazer as bicicletas de volta. Se formos rápidos o bastante, talvez os donos nem tenham terminado o jogo ainda.

Balançando a cabeça, Zach pegou a outra bicicleta solta. Enfiou a Rainha dentro do agasalho e, com um braço segurando a boneca velha e assustadora no lugar, montou no assento e saiu pedalando atrás de Poppy. Avançaram depressa pela rua, os cabelos soprando atrás deles, as pernas de Zach pedalando cada vez com mais força conforme eles aumentavam a velocidade.

— Por aqui — Poppy gritou contra o vento, um pedaço de papel frágil balançando em uma mão, o outro braço esticado para indicar uma curva à esquerda que se aproximava.

Zach sentiu a mesma alegria que tivera a bordo do pequeno veleiro: a certeza de que eles conseguiriam e o prazer que vinha com a solução de um problema que minutos antes parecia impossível de contornar. Só agora, pensando nas coisas que aconteceram, ele percebeu quão verdadeiramente louco tinha sido o plano-do-meio-da-noite de achar o túmulo de Eleanor Kerchner. Mas lá estavam eles, a minutos do cemitério. Eles poderiam acabar sendo o tipo de pessoa que termina suas jornadas, no final das contas.

Com aquele pensamento, Zach sentiu algo se mexer por baixo da camiseta.

A bicicleta oscilou e ele quase bateu. Em vez disso, derrapou até parar, a respiração descompassada. Alice avançava depressa à frente dele, descendo a rua.

— Pare — ele disse para a Rainha com firmeza, sem se importar em parecer louco. — Entendo que está animada. Entendo que estamos bem perto do final. E até entendo que você goste de me assustar. Mas não estou com meu capacete e você é feita de porcelana Orchid Ware superfina e, se batermos, nós dois vamos quebrar. Certo?

A boneca não se mexeu, o que não significava nada, já que a contorção podia simplesmente ter sido a imaginação dele. Zach pegou impulso no chão da rua e começou a pedalar de novo, ao mesmo tempo em que Alice e Poppy subiam com a bicicleta na grama do Cemitério Spring Grove.

Ele as seguiu, descendo da bicicleta e jogando-a ao lado da que as garotas usaram na grama macia da entrada, os pneus ainda girando. O cemitério era uma campina bem cuidada de arbustos aparados e lápides organizadas. Eles se espalharam pelo morro e correram até uma área florestada. Um caminho de pedregulhos brancos seguia em volta, quase sem largura suficiente para um carro.

— Ok — Alice falou. — E agora?

— Procuramos um salgueiro — Poppy disse. — Você sabe, um daqueles com galhos longos e folhas que ficam penduradas para baixo.

— Um *chorão*? — Zach entrou na conversa.

Poppy assentiu.

— Acho que sim, mas acho que salgueiros normais têm folhas que ficam penduradas também, só não tanto.

— Certo — Alice concordou. — Árvores de aparência depressiva. Entendi. Se parecer para baixo e infeliz de qualquer forma, eu chamo vocês para confirmar que é um salgueiro.

Zach abriu o zíper do agasalho e olhou para Poppy.

— Ei. Quer voltar a carregar Eleanor?

Poppy deu um sorriso zombeteiro.

— Por quê? Ela te deixa nervoso?

Zach deu de ombros.

— Apenas achei que você fosse querer a Eleanor, já que trouxe a boneca até aqui. Mas, se não quiser...

Poppy estendeu as mãos.

— Eu quero, covarde.

Ele entregou a Rainha com um grande alívio. Agora, quando olhava para ela, já não podia deixar de acreditar que era mesmo feita com os ossos de uma menina morta. Com isso, tocá-la era algo que dava calafrios. Ele não se importava se Poppy o provocasse. Não queria carregar a boneca pelo cemitério cercado de pessoas mortas.

— Gritem se virem alguma coisa — Alice falou. — Como árvores choronas... ou zumbis.

Zach forçou uma risada enquanto eles andavam pelo cemitério silencioso, passando por vasos e coroas de flores, passando por estátuas de soldados mortos em batalhas e bancos com memoriais e por um grande trecho de grama pontilhado de marcadores de túmulos em bronze. Passaram por carvalhos robustos, uma pequenina coleção de pinheiros e algo que Zach pensou que talvez fosse uma alfarrobeira, mas que definitivamente não era um salgueiro.

— Não estou vendo a árvore — Alice falou, enfim. — Tem certeza de que este é o cemitério certo?

— Não estamos vendo o salgueiro por algum motivo — Poppy respondeu, nervosa.

Ela não conseguia ficar parada, correndo na frente deles e depois voltando.

— Tem que ser isso. O túmulo deve estar *embaixo de um salgueiro*.

Eles continuaram andando, atravessando o mesmo terreno, olhando as mesmas árvores.

— Talvez devêssemos só procurar o nome: Kerchner — Zach disse.

Ele queria contar a elas sobre a placa na biblioteca, mas não tinha certeza de quanto tempo restava para eles; afinal, a Senhorita Katherine tinha visto os mapas do cemitério.

— Não está aqui — Poppy acabou dizendo, a voz bem baixa. — Eu realmente pensei... Depois que você achou Eleanor na biblioteca... Eu realmente pensei que o túmulo estaria aqui. Achei que fosse dar certo.

Zach se jogou na grama em frente a um grande memorial. Ele pensou a mesma coisa.

— Você poderia estar errada em relação ao cemitério? Digo, poderia haver outro diferente em East Liverpool?

— Sim — ela respondeu. — Eu poderia estar errada a respeito disso. Eu poderia estar errada a respeito de tudo.

— O que quer dizer? — Alice perguntou, subindo em uma lápide de granito para se sentar e dobrando as pernas sob o corpo. — Não desista. Estamos tão perto.

Poppy continuou em pé, andando para lá e para cá sobre a grama.

— Talvez eu tenha inventado tudo. Tudo o que eu disse. Eu realmente sonhei com ela. Mas o resto... Não sei. Eu *senti* que era verdade quando contei. Mas eu queria tanto que fosse verdade que talvez tenha me convencido disso.

Por um momento, eles ficaram em silêncio. Era como se a Terra tivesse se inclinado em seu eixo, para Poppy dizer aquilo. Ela tinha sido a razão de terem ido até tão longe, a razão de terem dormido no bosque, velejado

pelo Rio Ohio e escapado da biblioteca. Fora ela quem acreditara, não importava o que acontecesse. Zach nunca imaginara que ela tivesse dúvidas.

A fúria cresceu dentro dele, terrível e sem forma. Era, de novo, como chegar em casa e descobrir que todos os seus bonecos tinham ido embora... Como se alguma coisa tivesse sido arrancada e ele não pudesse recuperar.

Alice puxou o ar em silêncio, como se estivesse engolindo sua necessidade de gritar “eu sabia!” com toda a força.

Sem mágica. Apenas uma história.

Mas ele tinha sonhado com Eleanor e visto a placa na parede da biblioteca. Ela a sentira se mexer e vira seus ossos.

Então talvez Poppy fosse como Alice e ele, duvidava de si mesma às vezes. Talvez tudo aquilo significasse que ela não sabia tudo.

— Olhem, *eu* acho que o fantasma é de verdade — Zach falou.

— Talvez eu tenha apenas enganado vocês — disse Poppy, tristemente.

Fazia sentido Poppy ser tão teimosa para ser convencida a *voltar* a acreditar em alguma coisa quanto era para ser convencida a deixar de acreditar em alguma coisa.

— E o cara do ônibus e o do donut falando alguma coisa sobre uma menina loira com a gente? Até a moça da lanchonete perguntou se queríamos mesa para quatro. O que dizem disso?

Poppy cruzou os braços.

— O primeiro cara era louco. O segundo estava brincando. E a coisa da lanchonete foi uma coincidência.

— E o acampamento que foi destruído? — Alice perguntou.

— Você nunca achou que tinha sido por causa do fantasma — Poppy respondeu. — Você nunca acreditou na Eleanor, Alice, então não tente fingir.

— Você fez aquilo? — Alice perguntou a ela. — Eu não acreditei antes porque pensei que talvez tivesse sido você.

— Não! — Poppy pareceu genuinamente chocada.

— Bem, então — Alice falou. — Olhe, eu não queria acreditar, mas tenho que admitir que muitas coisas estranhas aconteceram, e você tem que admitir isso também.

Zach respirou fundo.

— Lembram-se de quando eu disse que encontrei alguma coisa na biblioteca? Era uma exposição de cerâmica, da cerâmica que Lukas Kerchner fez, e havia informações sobre a vida dele. Supostamente, ele *matou a filha*, mas *nunca encontraram o corpo*. Não pode ser uma coincidência. Ele deve ter sido o pai dela. E acho que o segredo que Eleanor queria que a gente descobrisse era que foi a tia quem matou a menina... A mulher do sonho que caçou Eleanor pelo telhado com uma vassoura. Ela caiu e morreu e o pai pegou o corpo dela e transformou em uma boneca porque ele claramente era algum tipo de maluco. Mas ele não matou a filha, apesar de todo mundo ter achado que matou. E a coisa toda prova que você está certa. Que seus sonhos eram reais.

Poppy olhou para ele sem acreditar.

— Talvez eu tenha lido a história antes... Talvez eu tenha lido e esquecido e, assim, inventei uma versão diferente do que aconteceu.

— Ah, por favor — Alice falou. — Isso é ridículo.

— Ok — Poppy disse. — Talvez Zach esteja mentindo para eu me sentir melhor.

Zach balançou a cabeça.

— Eu tive um sonho também, naquela noite no bosque. Sobre Eleanor. Foi... como o seu. Alice, conte para ela.

— *Você* teve um sonho? — a descrença atingiu Poppy.

Ele se lembrava de quantas vezes falou com ela naquele tom de voz desde que haviam começado a jornada e, de repente, ficou muito arrependido.

— Como essa pode ser a primeira vez que está mencionando isso para mim? E, de qualquer forma, se *não conseguiram achar o corpo da menina*, por que ela teria um túmulo? Talvez não tenha nada para encontrarmos.

— Ótimo — Zach disse, passando os dedos pelo cabelo. — O que quer que eu diga? Não estamos encontrando o salgueiro. Não sei o que fazer também.

Alice escorregou para fora da lápide e abraçou Poppy em volta da cintura, descansando o queixo sobre o ombro da amiga.

— Tudo bem. Ainda assim foi uma aventura, certo? Nossa última brincadeira.

As palavras atravessaram Zach como água. Ele respirou fundo e se preparou.

— Tem algo que preciso contar para vocês. Antes de voltarmos. É melhor mesmo eu dizer agora, que a Poppy já está brava comigo.

Poppy e Alice olharam para ele, algo em seu tom sinalizando que, o que quer fosse aquilo, seria importante. Elas o estavam observando como se ele fosse uma cobra, indo para trás para fazer o ataque.

— Quando eu disse que não queria mais brincar...

Ele parou, sem saber ao certo como continuar.

— Não era exatamente verdade. Meu pai jogou fora todos os meus... Ele jogou tudo fora. Todos eles. William e Tristan e Max. Todo mundo. Não é que eu não *queira* brincar. Eu não *posso*.

Houve um longo silêncio.

— Por que não contou pra gente? — Alice perguntou, enfim.

— Eu não podia. Eu não podia porque, se eu contasse...

Ele se levantou, limpando os olhos.

— Olhem, desculpem por eu não ter contado. E desculpem por eu não ter contado sobre o sonho. Não sei por que fiz isso.

Poppy apenas o encarou, os olhos tão duros quanto os da Rainha.

— Certo — ele disse, dando alguns passos para trás.

As lágrimas já estavam queimando em seus olhos, e ele estava repentinamente convencido de que não havia forma de as meninas

entenderem. Se sentiu idiota por contar a elas. Se sentiu idiota por chorar. Se ele ao menos tivesse ficado de boca fechada, tudo teria ficado bem.

— Que tal fazermos uma última busca? Podemos nos encontrar aqui em alguns minutos.

— Zach — Poppy falou. — Espere...

Ele não queria ouvir que a jornada toda era culpa dele, que ela nunca teria tirado a Rainha do armário se não fosse pela mentira dele; ele já sabia. Zach se afastou cambaleando antes que Poppy pudesse terminar, suas pernas longas carregando-o por um terreno desnivelado. Ele passou por fileiras e fileiras de lápides de mármore, entrando na parte mais antiga do cemitério, onde as placas estavam lascadas e desgastadas. Lá, ele se jogou na grama e se pôs a chorar em soluços grandes e ofegantes.

Dizer as palavras em voz alta — dizer o que ele estava evitando falar naquele tempo todo, que William e o resto deles tinham ido embora para sempre, que a brincadeira foi tirada dele, que ele ainda queria brincar, mas não podia — doía. Rasgava a neblina de entorpecimento e, embora doesse, pela primeira vez desde que ele perdera os bonecos, estava pronto para abrir mão daquilo.

Ele não tinha certeza de quanto tempo havia passado quando finalmente parou de chorar. Estava um dia bonito, claro, da maneira como os dias do início de outono podem ser quentes, mas com um vento frio ocasional. O céu estava azul como a tinta vazada de uma caneta. Folhas estremeciam acima dele.

Zach se encostou para trás e observou as nuvens soprarem pela sua visão.

— Ei — ele ouviu Alice gritar. — Ele está aqui.

— Nós estávamos preocupadas — Poppy falou, parada acima dele e olhando para baixo. — Pensamos que você iria voltar depois de um minuto, depois pensamos que iria voltar depois de dez minutos, mas você não voltou.

— Eu fui um idiota — Zach falou. — Eu sei. Todos nós ficamos bravos uns com os outros, e sei que muito disso foi por causa do idiota que eu fui.

Poppy se sentou ao lado dele.

— Você devia ter contado pra gente.

— Eu sei — ele concordou. — Você está brava?

Poppy fez que sim com a cabeça.

— É claro que eu estou brava! Mas acho que estou menos brava do que quando achei que você não se importava com nada daquilo.

Ele olhou para Alice. Ela estava olhando com atenção para uma das lápides, como se talvez não quisesse olhar para ele.

— E você, Alice...?

— Levantem — ela disse de repente. — Levantem! Levantem! Vejam!

Poppy deu um pulo e puxou Zach para ele ficar em pé.



Alice estava apontando para uma lápide em frente da qual ele estivera deitado na grama.

— Você encontrou! Zach, você encontrou. A grande lápide de mármore trazia a palavra KERCHNER escrita e, acima dela, a imagem de um salgueiro esculpida.

Eles ficaram olhando, sorrisos incrédulos dando lugar a sorrisos genuínos e risadas.

Aquilo fez Zach sentir, por um momento, que *nenhuma* história era mentira. Nem as histórias de Tinsloe Jones sobre alienígenas. Nem as histórias do papai sobre as coisas melhorarem ou as coisas piorarem. Claramente, nem as histórias de Poppy sobre a Rainha. Talvez todas as histórias fossem verdade.

Poppy se ajoelhou, afastou algumas ervas daninhas e achou palavras menores na base.

— Há nomes aqui... é um túmulo de família. Por isso a lápide é tão grande. Aqui está Lukas. E alguém chamado Hedda, que deve ser a mãe da Eleanor. E, vejam... um espaço em branco. Um espaço vazio para Eleanor.

— Conseguimos — Alice comemorou, a voz suave como em uma oração. — A jornada está concluída.

— Temos que dar um bom funeral para ela — Zach afirmou. — Viemos até aqui. Temos que fazer do jeito certo.

Alice e Poppy concordaram.

E, assim, eles decidiram que Zach cavaría o túmulo, o que ele fez na maior parte com as mãos, mas também com a ajuda de vários gravetos e um pedaço longo e achatado de ardósia, que era afiado o bastante em uma das pontas para cortar raízes. Levou algum tempo, mas Zach conseguiu fazer um buraco em um espaço grande o bastante para a boneca ser colocada confortavelmente.

A tarefa de Alice era achar flores. Ela não queria pegá-las de outros túmulos e, assim, colheu alguns lírios e varas-de-ouro e chelones que cresciam no bosque no limite do cemitério. Ela trançou os caules para

fazer uma coroa de flores para a Rainha e depois montou um pequeno buquê para eles deixarem depois de terem terminado.

A tarefa de Poppy era preparar a boneca para o enterro. Ela esfregou a porcelana para tirar a sujeira com cuspe e a ponta mais limpa da sua camiseta. Depois, tirou seu agasalho e enrolou Eleanor nele, como se fosse uma mortalha.

Enfim, eles estavam prontos.

Poppy colocou a boneca no buraco na terra e alisou os cabelos em volta do rosto dela. Um dos olhos da Rainha estava aberto, encarando os três, mas o outro estava fechado. Poppy limpou a garganta.

— Eleanor — ela disse —, achamos que você tinha mais ou menos a nossa idade quando morreu e que ninguém sabe ao certo sua verdadeira história, apenas que alguma coisa terrível aconteceu. Vamos continuar tentando descobrir a verdade para você. Esperamos que possa descansar agora. Você está em casa com a sua família.

— Eleanor — Zach começou.

As palavras vieram com facilidade, como quando ele estava brincando, mas ele sentia inteiramente que era ele mesmo quem falava.

— Você deve ser um fantasma determinado para conseguir nos fazer vir até aqui. Sei que nem sempre fizemos o melhor trabalho, então obrigado por não desistir de nós. Estou feliz por você ter nos escolhido para sermos os seus campeões.

— Eleanor — Alice falou com delicadeza, dando um passo para a frente. — Eu só a conheci como nossa Rainha e, então, é assim que vou falar com você. Nós, seus súditos leais, fizemos uma longa jornada para trazer você a este lugar, e estamos reunidos aqui neste dia para dizer adeus a você em nossa viagem. Estou feliz por você estar finalmente livre da sua torre.

Ela se inclinou para colocar a coroa em volta do pescoço da boneca. Pétalas cor-de-rosa caíram no vestido e no cabelo da Rainha.

— A Rainha está morta — ela disse. — Vida longa à Rainha.

Eles bateram palmas, e depois Poppy ajoelhou-se e começou a cobrir Eleanor com terra. Os primeiros punhados cobriram o rosto dela, deixando os dedos, as bochechas e a testa descobertos. Mais terra caiu até ela estar completamente coberta.

— Tchau, Eleanor — Poppy sussurrou enquanto Alice colocava o buquê em cima da terra macia e recém-mexida. Algumas pétalas caíram, salpicando-a de dourado.

Zach sentiu o ventou aumentar, como o vento que ele ouvira cantar pelas árvores na noite em que correria para casa do treino de basquete. Ele sentiu o mesmo arrepio no pescoço e tremeu, mas dessa vez não correu. Ele o deixou passar pelo seu corpo, atravessando-o e subindo por ele. E pensou ouvir, muito distante, o som de uma menina rindo.

Com um sorriso, Zach olhou as filas de túmulos enquanto eles se viraram de volta para a rua.

Alice acompanhou o passo dele.

— Eu fico pensando no que a Poppy falou, sobre todos nós estarmos mudando. Estamos, não estamos?

Poppy tremeu por baixo da camiseta.

— Vocês estão.

Zach passou um braço em volta dos ombros dela.

— Você está com frio porque deu seu casaco para um fantasma e não acha que tem nada de diferente em você?

Poppy bufou, mas não se afastou.

— Não é isso que ela quer dizer. Eu só estou diferente tipo *estranha*. Tivemos esta aventura juntos, mas agora vamos voltar. E vou continuar igual, mas vocês vão continuar mudando.

— As jornadas *devem* mudar a gente — Zach disse.

— E a vida real? — perguntou Poppy.

Alice pegou uma folha de grama e dobrou-a nos dedos.

— O que você disse? Sério. Isso foi real. Isso foi uma história que vivemos. Talvez a gente possa viver outras histórias.

A distância, Zach viu dois carros entrarem no cemitério. Ele reconheceu o Toyota prata da tia de Alice com o Nissan verde e em mau estado da sua mãe atrás. Conforme eles se aproximaram, Zach viu a sombra do pai no banco do passageiro.

— Essa foi a nossa última brincadeira — Poppy falou. — Esse é o final da nossa última brincadeira.

— Ah, não sei — Zach discordou. — Sem a Rainha, os reinos vão entrar em crise. Muitas pessoas vão querer o trono dela, todas dispostas a manipular, fazer esquemas e entrar em batalhas para isso. E, com a morte de William e tantos outros heróis, vai ser um mundo bem diferente. Um mundo em caos. Talvez a gente não possa brincar como antes, mas ainda podemos contar um ao outro o que acontece em seguida.

— Caos, hein? — Alice perguntou, um sorriso lento abrindo-se em seu rosto. — Parece divertido.

Poppy deu um sorriso familiar de estrategista, os olhos acesos com uma nova esperança.

— Querem brincar? — ela convidou.



Agradecimentos

Este livro viveu na minha cabeça e no meu coração por muito tempo. Hesitei em escrevê-lo por anos, esperando que, quando acontecesse, eu fizesse justiça a ele. Assim, tenho muitas pessoas a quem agradecer por me encorajarem ao longo do caminho.

Obrigada a Kevin Lewis, Rick Richter e Mara Anastas, que me contaram suas histórias de infância e que sempre me perguntavam sobre este projeto.

Obrigada a todos no Twitter, que responderam muitas perguntas sobre o Ensino Fundamental, sobre passar bilhetes dobrados no formato de bola de futebol americano e muitas outras coisas.

Obrigada à minha turma do workshop: Ellen Kusher, Delia Sherman, Josh Lewis, Gavin Grant e Sarah Smith, por me ajudarem a ver a história que eu estava contando. Um agradecimento especial a Sarah Smith, que trouxe várias bonecas excelentemente assustadoras de sua coleção pessoal para ficar nos encarando enquanto conversávamos.

Obrigada a Kelly Link, Sarah Rees Brennan, Cassandra Clare e Robin Wasserman, que leram este livro incontáveis vezes.

Obrigada a Kami Garcia, pela inspiração fantasmagórica.

Obrigada a Libba Bray, por me fazer chorar.

Obrigada a Steve Berman, por sair em uma viagem repentina comigo até East Liverpool para ver o museu de cerâmica e a biblioteca pessoalmente.

Obrigada também ao Museu de Cerâmica de East Liverpool. Peguei muito da história da “Orchid Ware” da história real da Lotus Ware como

foi descrita pelo museu.

Obrigada a Eiza Wheeler pelas ilustrações assustadoramente bonitas.

Obrigada a meu agente, Barry Goldblatt, e a Joe Monti, pelo entusiasmo com este projeto e também por sua determinação para que ele fosse o melhor que eu pudesse fazer.

Obrigada a minha editora, Karen Wojtyla, por entender exatamente o que o livro devia ser e como levá-lo a isso. E também obrigada por cortar todas as partes entediantes.

Obrigada a todos na Simon & Schuster e da McElderry Books, por serem incríveis.

Obrigada a meu marido, Theo Black, por muita inspiração e por me ouvir pacientemente lendo tudo isto.

A East Liverpool, em Ohio, e a East Rochester, na Pensilvânia, eu peço desculpas por bagunçar a geografia (e os horários dos ônibus) para se encaixarem em minhas necessidades. Também peço desculpas ao Rio Ohio, que tem uma barragem que eu omiti dos registros, devido ao fato de que três crianças em um pequenino barco de pesca não teriam conseguido permissão para passar pelo bloqueio.

Notas

[1] Cristaleira é um móvel de madeira com portas de vidro onde se costuma guardar objetos delicados como louças e cristais. (N.E.)

[2] O monte Kilimanjaro é o ponto mais alto da África, com 5.895 metros de altitude. (N.E.)

[3] Amálgama é um processo gramatical de formação de novas palavras por meio da fusão de outras. Zach juntou as palavras *robô* e *bailarina* para criar o termo *robailarina*. (N.E.)

[4] O mercado de pulgas é um local onde diversos comerciantes se reúnem para vender bens usados e outras mercadorias. (N.E.)

[5] Ironia. (N.E.)

[6] Os *orcs* são criaturas do folclore germânico que combatem as forças do bem. (N.E.)

[7] Um *poltergeist* é um fenômeno sobrenatural que se manifesta deslocando objetos e fazendo ruídos. (N.E.)

[8] Na mitologia grega, Caronte é o barqueiro que leva as almas das pessoas para o outro mundo, atravessando o rio Aqueronte. (N.E.)

[9] ACM é a sigla de Associação Cristã de Moços, entidade que oferece atividades que visam o desenvolvimento espiritual,

intelectual e físico de crianças, jovens e adultos. (N.E.)

[10] Almoxarifado é o setor dos estabelecimentos, públicos ou privados, destinado à armazenagem e organização de materiais utilizados no trabalho. (N.E.)

[11] Balaustradas são uma espécie de muro baixo construído com pequenas colunas de concreto, mármore, madeira ou outros materiais. (N.E.)

[12] Filantropo é a pessoa que se dedica à caridade. (N.E.)